

Literaturar

uma escrita pelo ato



Viviane Cristina Marujo



Literaturar

uma escrita pelo ato



Viviane Cristina Marujo

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

VIVIANE CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS MARUJU

LITERATURAR: UMA ESCRITA PELO ATO

**CAXIAS DO SUL
2023**

VIVIANE CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS MARUJU

LITERATURAR: UMA ESCRITA PELO ATO

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia Regina da Luz Matos

**CAXIAS DO SUL
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M389L Maruju, Viviane Cristina Pereira dos Santos

Literaturar [recurso eletrônico] : uma escrita pelo ato / Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju. – 2023.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Educação. 2. Escrita. 3. Comunicação escrita. 4. Literatura. I. Matos, Sônia Regina da Luz, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37:003

“Literaturar: uma Escrita pelo Ato”

Viviane Cristina Pereira dos Santos Maraju

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 14 de novembro de 2023.

Banca Examinadora

Dra. Sônia Regina da Luz Matos (presidente – UCS)

Dra. Flávia Brocchetto Ramos (UCS)

Participação por parecer

Dra. Eliana Relá (UCS)

Participação por videoconferência

Dra. Diana Maria Leite Lopes Saldanha (UERN)

Participação por videoconferência

Dra. Fabiane Olegário (UNIVATES)

Participação por videoconferência

Dr. Marcos Oliveira da Rocha (UFPR)

*Dedico esta tese às Senhoras D.,
por escreverem apesar de.*

Agradeço tanto, tanto, tanto.

à professora Sônia Regina da Luz Matos,
pela presença em espaço;

à professora Sandra Mara Corazza
(*in memoriam*),
pelo fio de uma esrileitura;

aos colegas do grupo de pesquisa
Pedagogia da Diferença,
pelos atos de escrita;

à CAPES, pela bolsa de pesquisa;

à Universidade de Caxias do Sul/PPG-
Edu, pelo suporte à minha pesquisa;

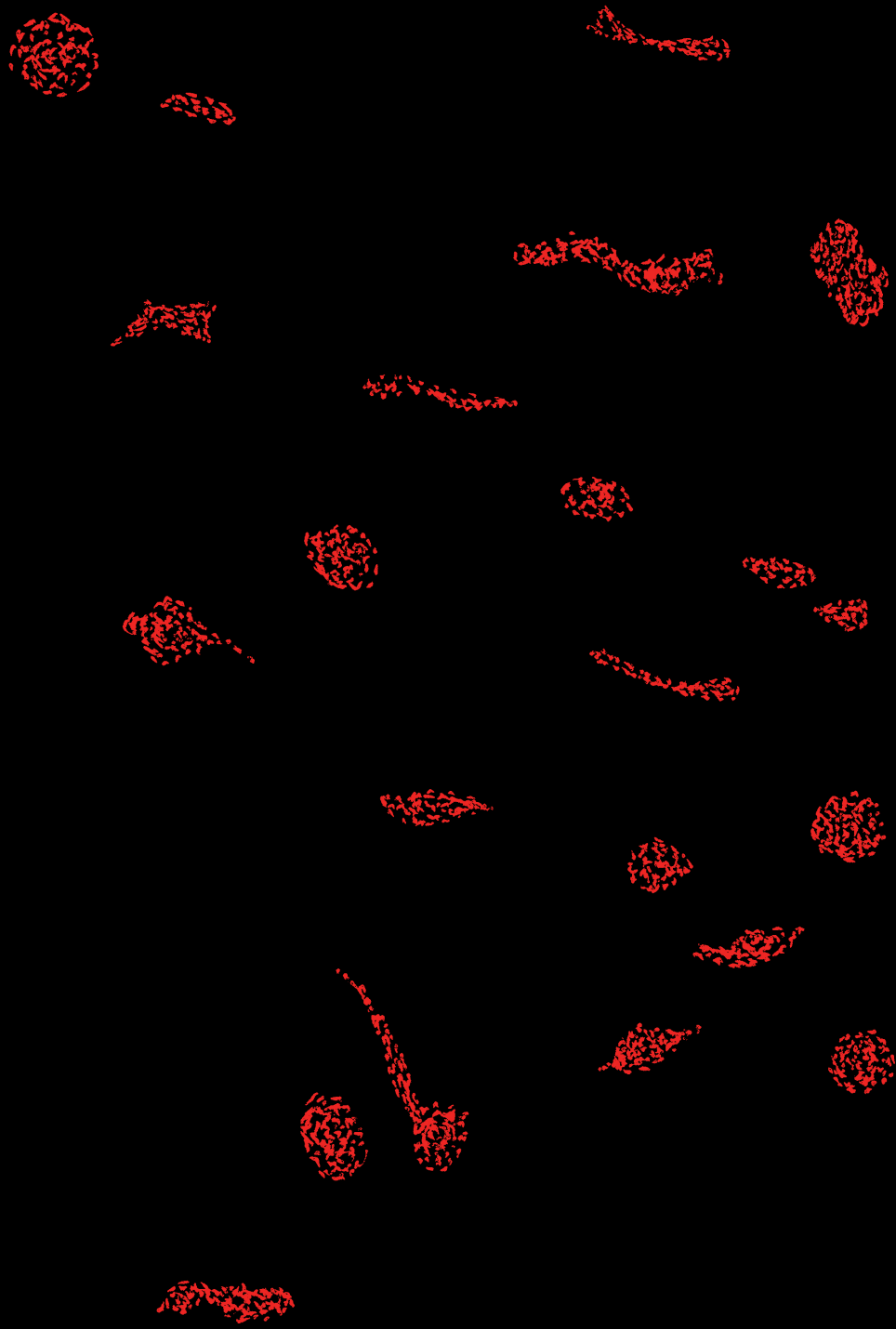
aos estudantes do Ateliê Literário,
pela alegria de leituras e escritas
desmesuradas;

ao Eduardo Kenzo e a Laura Yuki
pelas escrituras deixadas em meu
umbigo;

aos amigos e aos familiares, pelos
arranjos sempre outros;

às deidades pacíficas e iradas,
pela sabedoria extremada.

Imagem 1 – escrita uma boa veia





Jeanne Christine Mays

Lista de imagens

16	Imagem 1 – <i>escritura uma boa veia</i>
36	Imagem 2 – <i>escritura pervagante</i>
44	Imagem 3 – <i>escritura pesquisais</i>
62	Imagem 4 – <i>escritura máscaras de papelão</i>
70	Imagem 5 – <i>escritura a coisa esgarçada</i>
86	Imagem 6 – <i>escritura expírito corazziano</i>
102	Imagem 7 – <i>escritura algo escapa</i>
110	Imagem 8 – <i>escritura perguntas irrompem</i>
116	Imagem 9 – <i>escritura tríplice acrobata</i>
130	Imagem 10 – <i>escritura colóquios cruzados</i>
134	Imagem 11 – <i>escritura o ato de literaturar</i>
164	Imagem 12 – <i>escritura entre escrituras</i>
170	Imagem 13 – <i>escritura rutilância</i>
176	Imagem 14 – <i>escritura leitura pelo avesso das coisas</i>
182	Imagem 15 – <i>escritura leitura entre</i>
186	Imagem 16 – <i>escritura leitura em vão</i>
192	Imagem 17 – <i>escritura leitura irrespeitosa</i>
198	Imagem 18 – <i>escritura escrita página 13</i>
206	Imagem 19 – <i>escritura incrustada em nota de rodapé</i>
210	Imagem 20 – <i>escritura escrita brinquedo</i>
214	Imagem 21 – <i>escritura escrita esboço</i>
218	Imagem 22 – <i>escritura escrita D</i>
222	Imagem 23 – <i>escritura escrita aos pedaços</i>
226	Imagem 24 – <i>escritura cabelo de mágoa</i>
234	Imagem 25 – <i>escritura uma escrita pelo ato</i>

Resumo

Implicada com a escrita acadêmica em educação, a tese *Literaturar: uma escrita pelo ato* tematiza o literaturar junto ao PPGEduc da Universidade de Caxias do Sul-UCS, por meio da linha de pesquisa em História e Filosofia da Educação, com o grupo de pesquisa da Pedagogia da Diferença. Busca-se tensionar a servidão e o utilitarismo bem como a totalidade e o cientificismo, que atravessam a escrita na universidade, de modo a perguntar: *o que se passa, quando, pela escritura, literatura-se uma escrita acadêmica em educação?* Trata-se, portanto, de tramar uma linha que, ao modo de uma fruição literária e filosófica, transborda o ato de literaturar. Para tanto, instauram-se movimentos de um método de pesquisa que ensaia, pela escritura, o próprio ato de literaturar a tese, disseminando, pela leitura que arrasta a escrita e pela escrita que arrasta a leitura, laboriosos exercícios de escritura. Logo, a tese apresenta uma montagem em três planos, a saber: o plano *Do Pervagar*, no qual mostra-se a extração do fio “em nome da escritura, literatura-se” da *Rede de Pesquisa Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação* e os tensionamentos acerca da escrita acadêmica; o plano *Do Literaturar*, implicado com a feitura do ato de literaturar ensaiado pelas escrituras e; por fim, o plano *Do Rutilar*, no qual são apresentados os ensaios dos exercícios de leituras e escritas. Como resultado, a tese engendrou uma escrita pelo ato de literaturar, disseminando uma fruição literária e filosófica entre a escrita acadêmica em educação e as escrituras em um vão.

Palavras-chave: educação; literaturar; escrileituras; escrita acadêmica.

Abstract

In relation to academic writing in education, the thesis *Literaturar: uma escrita pelo ato* (*To make it literary: writing through an act*) broaches the *Literaturar* (Making it literary) together with the PPGEduc (Graduate Program in Education) of the University of Caxias do Sul-UCS, through the research line of History and Philosophy of Education, with the Pedagogy of Difference research group. It seeks to question servitude and utilitarianism, as well as totality and scientism, that go through academic writing, in order to ask: *what happens when through writing, academic writing in education is made literary?* It is, therefore, a matter of plotting a line that, in a literary and philosophical delight mode, overflows the act of making the literary. For this purpose, movements of a research method that explores, through writing, the own action of making the thesis literary, spreading through reading that pulls writing, and through writing that pulls reading, arduous writing exercises are established. Therefore, the thesis presents an assemble of three levels, namely: *Do Pervagar* (Wandering) level, in which the extraction of the concept “in the name of writing, literature is created” of the research line *Escrileituras da Diferença* (Writings and readings of Difference) in Philosophy-Education and the teachings about academic writing; the *Do Literaturar* (Making it literary) level, in relation to the making of the act of making it literary practiced by the writings and; at last, the *Do Rutilar* (Shining) level, in which are presented the exercises of reading and writing experimentations. As a result, the thesis engendered writing through acts, spread literary and philosophical delight between a academic writing in Education and scriptures in one vain.

Key-words: education; making it literary; writings and readings; academic writing.

27 DO ARRANQUE

37 DO PERVAGAR

- 39 Uma escritura explicatória
45 Os pesquisais de uma docência
63 As máscaras de papelão
71 Um principiar costumaz
79 Meia dúzia de excrescências
87 Um expírito corazziano
93 Os vestígios de uma obra-docência
97 Uma teia das escreleituras
103 A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge
111 Um as perguntas irrompem

115 DO LITERATURAR

- 119 Uma escritura explicatória
123 O escrutínio de um vão de escada
131 Colóquios cruzados e borboletas
135 Ato de literaturar: entre 1, 2, 3
153 A coisa esgarçada: a vida e mais nada
159 Um curto-circuito
165 Um pacto para uma escrita pelo ato

sumário

171 DO RUTILAR

- 173 Uma escritura explicatória
- 175 Uma leitura pelo avesso das coisas
- 181 Uma leitura entre começos e fins
- 187 Uma leitura em vão
- 191 Uma leitura irrespeitosa
- 199 Uma escrita página 13
- 207 Uma escrita incrustada em nota de rodapé
- 211 Uma escrita brinquedo
- 215 Uma escrita esboço
- 219 Uma escrita D.
- 223 Uma escrita aos pedaços

237 DA OBSCENIDADE

247 REFERÊNCIAS

Do Arranque

*Alimaisadiante¹:
nas entranhas
da boca, da mão e do umbigo.*

Autoria própria (2023).

O *s atos vastos não têm nome. Gostariam de fazer-se coesos, calmos e frívolos, mas escrevem, escrevem, escrevem²; haja vista, que outra coisa não podem.* Eles irrompem da literatura da escritora brasileira Hilda

1. Ao longo da tese, opta-se por marcar em itálico os desvios de uma escrita pelo ato de literaturar. Esses desvios podem ser operados por duas modalidades de arranjo: o arranjo da crispação e o arranjo do espanto. Pelo arranjo da crispação opera-se o efeito de um encolhimento dos espaços entre as palavras, de modo que uma espécie de contração espasmódica passa a uni-las em uma única expressão. Portanto, pelo ato de literaturar, sob o efeito desse arranjo, as palavras “Ali”, “mais” e “adiante” fazem-se desviadas em *Alimaisadiante*. Os demais desvios de uma escrita pelo ato de literaturar disseminados na tese terão suas ocorrências sinalizadas apenas pela marcação em itálico, dispensando as explicações já apresentadas nesta nota de rodapé.

2. Ao longo da tese, opta-se por marcar em itálico os desvios de uma escrita pelo ato de literaturar. Esses desvios podem ser operados por duas modalidades de arranjo: o arranjo da crispação e o arranjo do espanto. Pelo arranjo do espanto opera-se o efeito de um assombramento que se apropria da palavra, de modo que uma espécie de susto no sentido de um arrebatamento faz com que a palavra seja multiplicada em três. Portanto, pelo ato de literaturar, sob o efeito desse arranjo, a palavra “escrevem” faz-se desviada em “*escrevem, escrevem, escrevem*”. Os demais desvios de uma escrita pelo ato de literaturar disseminados na tese terão suas ocorrências sinalizadas

Hilst (1930-2004) e transbordam em vermelho sobre um fundo negro, a fim de apossar-se das notas de rodapé com suas palavras em agonia, suas datas equidistantes e seus números de páginas soltas. Trata-se, pois, do vermelho da coisa esgarçada: disparador de múltiplos incômodos da condição para o ato de literaturar. Vale lembrar ainda que a escrita pelo ato de literaturar envolve, inclusive, uma escrita à mão, a qual se expressa pela caligrafia de uma professora-pesquisadora que se faz também escritora.

Inflamada por uma certa intolerância abissínia. Sufocada pela servidão e pelo utilitarismo, há momentos em que sou tomada frente e verso pelos langores da escrita acadêmica, que recusa a minha mão, em razão de ter tomado posse de uma vastidão sitiada entre a boca e o umbigo; com vistas a escapar de uma certa casca dura e consistente, orientada por finalidades e propósitos utilitários, reiterando um tipo de submissão muda e verborrágica ao que se apresenta como proveitoso, favorável, apropriado, ou seja, *servil*. Trata-se de uma escrita acadêmica em educação que arrasta consigo a rapidez e a leveza de um imediatismo *tão, tão, tão* afeito ao produtivismo neoliberal, que só faz estabelecer controles e mais controles na relação que se pode firmar tanto com a escrita quanto com a leitura.

Nesse sentido, a trilogia “servidão-utilitarismo-submissão” constitui-se, por assim dizer, na “grande vilania” a ser combatida pela escritura, literaturando-se a escrita acadêmica em educação. Vale lembrar, ainda, que essa trilogia é amplamente atravessada pela reiterada obstinação da ciência das luzes com seus afins de racionalidade, universalismo e propósitos de pro-

apenas pela marcação em itálico, dispensando as explicações já apresentadas nesta nota de rodapé.

gresso;³ impondo-se, *vezapósvez*, uma verborragia costumaz de paráfrases, bem como as apatias de uma repetição estéril de citações. Trata-se, portanto, de enfrentar a servidão e o utilitarismo sempre renovados a cada aumento dos pesos das avaliações e dos queixumes de linhaça nas omoplatas já tão fatigadas de uma escrita acadêmica que, lendo e escrevendo a si, impõe essas tonalidades de servidão e, com isso, de distintos modos, lê e escreve uma educação.

Para tencionar essa escrita acadêmica, empreende-se uma mudança para um vão de escada, a fim de assumir uma perspectiva deslocada das formas e das expressões já dadas que ela sempre soube tão bem desempenhar em artigos, teses e dissertações. Não estou a anunciar, como talvez possa aparentar, que a mudança para um vão de escada se configura em uma metáfora para algo que mistura, em doses distintas, um estilo poético e uma defesa estéril da “criatividade”, sempre renovada a cada busca pelo novo e seus derivados de inovação. Isso, não! Trata-se de empreender uma mudança, em certo sentido literal, ou seja, mudo-me, de fato, para um vão de escada e trago comigo (um tanto contrariada) a escrita acadêmica em educação. Faço desse vão, portanto, um habitáculo apropriado para literaturar a escrita acadêmica em educação; podendo, ora sim, ora não, entre o vão e a minha mão, boca e umbigo, tomá-la como uma escrita pelo ato.

É nesse sentido que esta tese busca, *vezapósvez*, indagar: *o que se passa quando, pela escritura, literaturar-se uma escrita acadêmica em educação?* Indagá-la pela perspectiva da escritura constitui-se uma tentativa para que essa escrita possa prosseguir (não apenas no sentido da sua simples manutenção), mas

pela sua própria derrelição, ou seja, pelos abandonos múltiplos, os quais, ora sim, ora não, podem disseminar exercícios⁴ de leitura e de escrita pelo ato de literaturar.

Desse modo, para que a escrita acadêmica em educação não se constitua tão somente pela servidão, o ato de literaturar instaura uma espécie de abertura para a feitura de uma escrita inventiva na universidade⁵. Para tanto, forja-se a seguinte composição conceitual: junto ao fio das *escriteituras* e “A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge”, arrasto comigo – para esse vão de escada – uma multiplicidade de escrituras de dois críticos literários franceses: Roland Barthes (1915-1980) e Maurice Blanchot (1907-2003).

Essas escrituras de crítica literária são amalgamadas por outras de literatura, da escritora brasileira Hilda Hilst (1930-2004) e também por outros autores. Logo, é da desmesura dessas escrituras que se irrompe em boca, umbigo e mão uma escrita pelo ato de literaturar. Ademais, por se tratar de um esforço para não limitar em simplesmente compreender o que se passa; só assim se pode, quem sabe, exorcizar “o trabalho com as palavras [...], os duros abismos [...] nessa molhadura de fonemas, sílabas, um nascível de luz, ausente de angústia”⁶, pois que ler e escrever não se faz distanciado da vida que transborda em ato.

Não por acaso, entre essas escrituras de crítica literária e de literatura, trança-se “*A literatura e a vida*”⁷, uma escrita do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) – que habita desde os tempos remotos meu umbigo –, a qual, para a feitura do ato de

4. QUENEAU, 2000.

5. Ó, 2019.

6. HILST, 2018b, p. 38.

7. DELEUZE, 2011, p. 11-17.

literaturar, mostra-se *tão, tão, tão*, apropriada a ser ela mesma tomada como “um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de se fazer e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida”⁸. Portanto, trata-se de uma escritura que pode fazer-se ainda “uma passagem de Vida”⁹; passagem essa que, *vezapós-vez*, faz irromper, pelo ato, a coisa esgarçada e mais nada.

Diante disso tudo, o método de pesquisa desta tese se faz pelo ensaio: “um gênero híbrido, ancorado num tempo e espaço claramente subjetivo e que parece opor-se, ponto a ponto, às regras de pureza e objetividade que imperam na academia”¹⁰. O ensaio, nesse sentido, faz reverberar ainda mais os tensionamentos impostos pelo literaturar. Por meio desse método, trama-se entre a escrita acadêmica em educação – atravessada pela escritura – a feitura de uma escrita pelo ato de literaturar. É essa escrita ensaiada que literatura a própria tese, movimentando uma composição em três planos, a saber: o plano *Do Pervagar*, o plano *Do Literaturar* e o plano *Do Rutilar*.

Pelo plano *Do Pervagar*, espreita-se escrituras, junto a “Um espírito corazziano”, em sua obra e docência e pela *Rede de Pesquisa Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação*¹¹, uma rede de pesquisa que embaralha, pela literatura e pela filosofia, a leitura e a escrita por intermédio da noção e procedimentos das escrileituras. Dessa espreita, por sua vez, extrai-se um

8. DELEUZE, 2011, p.11.

9. DELEUZE, 2011, p.11.

10. LARROSA, 2003, p. 101.

11. Para conhecer a Rede de Pesquisa Escrileituras da Diferença Filosofia-Educação e suas produções, acesse: <https://www.ufrgs.br/escrileiturasrede/>.

fio das escreleituras: – “em nome da escritura, literatura-se”¹² –, trançando-o com os tensionamentos acerca da escrita acadêmica trazidas pelo professor Jorge Ramos do Ó, de modo que se possa “sair das relações conhecidas e, portanto, já confortáveis, que temos tido com a linguagem [...], para deixar para trás os conceitos que antes produzimos e os territórios que eles desvendaram”¹³.

Já pelo plano *Do Literaturar*, mostra-se o que se passa, quando, em nome da escritura, literatura-se a escrita acadêmica em educação. Assim, arrasta-se a escrita acadêmica para um vão de escada, a fim de ensaiá-la – em um espaço exíguo – entre um aquário azul seboso, entre reboliços de nuvem, entre as desmesuradas escrituras, que, despidas dos anseios de totalidade ou de uma insipiente inteireza, faz-se aos pedaços e restos; sem, contudo, eximir-se de ainda “colocar a língua e a palavra no meu coração, toma meu coração, meu nojo extremado também, vomita-me, anseios, estupores, labiosidades vaidosas”¹⁴. Logo, entre os ensaios “As máscaras de papelão”, “O escrutínio de um vão”, “Ato de literaturar: entre 1, 2, 3”; entre escrivatinhas isentas de pó, entre *lápiscanetas*, entre uma boa veia. *Entre, entre, entre*, entre uma predileção por uma escrita pelo ato que *literatura, literatura, literatura*; com o intuito de afastar a escrita acadêmica em educação do centro de cansaços e servidões sempre renovados a cada levantar de sobrelanceiras e sorrisos de desespero.

Por fim, pelo *Plano do Rutilar*, são apresentados dez exercí-

12. CORAZZA, 2020a, p. 25.

13. Ó, 2019, p. 79.

14. HILST, 2018b, p. 39.

cios¹⁵ de escritura pelo ato de literaturar. Eles apresentam-se divididos em cinco exercícios de escrita e cinco exercícios de leitura, tramados pela escrita acadêmica e as escrituras forjadas em uma boa veia, os quais, ora sim, ora não, fazem transbordar uma fruição literária e filosófica, que também arrasta consigo a continuidade do desejo não só da leitura, mas também da escrita pelo ato de literaturar. Logo, cada um desses exercícios pode dar passagem à coisa esgarçada, enquanto a vida que, desmesurada pelos exercícios de leitura e de escrita, pode, *vez-zapósvez*, expressar-se em ato: o ato de literaturar.

Desse modo, uma escrita pelo ato de literaturar implica-se, sobretudo, com um esforço para liberar a escrita acadêmica da simples compreensão e da necessidade de fazer-se útil diante do que se passa; só assim pode-se, quem sabe, fazer-se viva diante da vida em leituras e escritas, que insistem em irromper da minha carne de pétala fendida; afinal, trata-se de *reiterar, reiterar, reiterar que os atos vastos não têm nome. Gostariam de fazer-se coesos, calmos e frívolos, mas escrevem, escrevem, escrevem; haja vista que outra coisa não podem.*

Boa leitura!

15. QUENEAU, 2000.

Do Perwagar

Uma escritura explicatória

*Das escrituras,
em múltiplas direções,
pouco em nada sei.
Trespasada, ereta como obelisco,
pervago trajetos sem destinação.*

Autoria própria (2023).

Pervagar: ação de percorrer em múltiplas e diversificadas direções, de modo a cruzar uma determinada distância. Pervaga-se sempre e ainda mais quando não se determina previamente o trajeto que será percorrido, ou seja, a ação de pervagar está implicada com um tipo de deslocamento isento de destinação. Trata-se de uma movimentação que consegue, a um só tempo, amalgamar uma certa vileza e confusão, de modo que, “Com os meus olhos de cão”¹⁶, arasta-se uma multiplicidade de escrituras para a feitura de uma escrita pelo ato.

16. HILST, 2018b, p. 59-101.

Nesse sentido, a leitura do plano *Do Pervagar*¹⁷ pode acontecer desembaraçada da linearidade fixada em começos e fins; sem, contudo, deixar-se, por assim dizer, mãos, boca e umbigo vazios dos seus afins. Ainda assim, não é vetado pela movimentação dessa leitura estabelecer, previamente, a escolha dos ensaios disparadores da temática do Literaturar: “Os pesquisais de uma docência”, “A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge” e “Uma teia das esrileituras”.

Independentemente do movimento de leitura assumido neste plano, irrompe-se, ora sim, ora não, entre uma leitura desembaraçada da linearidade e o estabelecimento prévio de seus afins, alguns reboços de nuvens e uma certa recusa filigranada à leitura aparelhada menos para a compreensão e mais à fruição literária e filosófica. Essa recusa a somente compreender, constitui-se, por sua vez, em uma condição amalgamada aos ensaios, que disparam, pela escritura, o próprio ato de literaturar a tese.

Ademais, a ação de pervagar parece expor, *vezapósvez*, uma espessa e funda ferida que toma a escrita acadêmica em educação; mas que pode esvair-se, aos poucos, por partes; quando pela escritura, literaturar-se o que se passa entre as leituras e as escritas, que habitam a universidade – atendendo pelo nome de escrita acadêmica. Trata-se de uma escrita cujo enclausuramento pela servidão e seus propósitos utilitários parece constituir-se como única condição para a sua legitimação.

17. A tese *Literaturar: uma escrita pelo ato* é constituída pela movimentação do ato de literaturar em três planos: *Do Pervagar*, *Do Literaturar* e *Do Rutilar*.

“*Os pesquisais de uma docência*”, por sua vez, constitui-se por uma ajuntada de oito pesquisas¹⁸. Cada uma delas arrastam consigo tensionamentos bem como apegos e agruras acerca da leitura e a da escrita em educação. Trata-se, assim, de pervagar pesquisas abrigadas em distintas etapas da educação: do Ensino Médio até o Ensino Superior, passando ainda pelo Curso Técnico em Podologia.

Em “*Um expírito corazziano*” mostra-se como o fio da *Rede Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação* “em nome escritura, literatura-se” escapa do artigo “*Obsolescência e o vírus da docência*”¹⁹, pela leitura que se faz escrita, de modo a disseminar não apenas uma provocação acerca da escrita acadêmica em educação, mas, sobretudo, tramar tensionamentos que assumem o espaço de investigação de uma tese em educação. Nesse sentido, esta pesquisa parte do legado deixado na área de currículo e formação pedagógica pela professora-pesquisadora Dra. Sandra Mara Corazza, que faleceu em janeiro de 2021. Seu espírito investigativo contribuiu e segue contribuindo para a produção científica de teses, dissertações, livros, revistas e artigos que investem na experimentação de modos outros de ler, de escrever e inclusive literaturar em educação²⁰.

Já o ensaio “*Uma teia das escrileituras*” implica-se com

18. O ensaio “*Os pesquisais de uma docência*” apresenta a produção acadêmica da professora-pesquisadora em educação e autora da tese.

19. CORAZZA, 2020a, p. 25.

20. MARUJU; MATOS, 2022.

a apresentação da noção e dos procedimentos das escrituras tramados pela *Rede Escrituras da Diferença em Filosofia-Educação*. Uma rede composta por mais de 34 pesquisadores – nacionais e internacionais –, na qual se rastreiam pesquisas que, por meio de ateliês em escolas públicas, investe-se na formação de professores. Logo, pelas escrituras, tematiza-se um tipo de fruição filosófica pela poética, que tem no ler para escrever, e no escrever, a expressão de uma política²¹.

Por fim, pelo ensaio “A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge”, são apresentados tensionamentos acerca da escrita acadêmica em educação, com o objetivo de questionar a servidão e o utilitarismo, que têm o dom de vertê-la em uma lastimadora de difícil cicatrização. Contudo, o professor Jorge Ramos do Ó²², ao propor debater a escrita na universidade, convoca o leitor a acompanhá-lo, *olhobolota*, pela intensiva aventura de um investigador que mistura a palavra do outro com seu desejo, como parte do enfrentamento sem fim de um tipo de pesquisa que se instaura na força da invenção e da escrita acadêmica em comunidade.

Assim, disparado por um fio da *Rede Escrituras da Diferença em Filosofia-Educação* monta-se uma triangulação teórica-conceitual-prática²³ entre “Os pesquisais de uma docência”, “Uma teia das escrituras” e “A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge”. Dessa triangulação, “Um as perguntas irrompem”, fazendo com que se possa

21. PELLEJERO, 2021.

22. Ó, 2019.

23. GALLO, 2010.

objetivar ensaiar pela escritura, o ato de literaturar a acadêmica em educação. Em suma, cabe explicitar: é disso que se trata os ensaios *Do Pervagar*.

Os pesquisais de uma docência

*Diante de uma escrita que se
esvai aos poucos, por partes, e
ainda assim estruturada e
verdadeira, mas jamais derradeira:
cabe o ato de literaturar.*

Autoria própria (2023).

Não apenas compreender; talvez assim se possa fazer viva as escritas e as leituras que outrora habitaram a educação em etapas tão distintas quanto similares, pois nesse ajuntado de oito pesquisais mostram-se os tensionamentos erigidos de distintos modos, a fim de enfrentar pela escritura as mais variadas agruras. Contudo, importa avisar, a quem interessar possa, que guardo a máquina de escrever *inutilizas*²⁴, em um armário portátil com inúmeras gavetas que abrigam tons escarlate, as cores de açafão e de urucum; soterradas em seus fundos falsos, de modo que, *vezapósvez*, exalam protuberâncias odoríficas que me

24. MARUJU, 2018.

fazem salivar ininterruptamente.

Essas gavetas estão adornadas por etiquetas, cuja identificação ora está pasmada por tintas brancas para apaziguar, ora está investida por tintas marrons para atrair. A alternância dessas identificações, contudo, parece não apresentar objeção direta ao azul seboso da verborragia de uma escrita imobilizada por queixumes e sementes de linhaça. Elas, as etiquetas, tendem a misturaram-se tão facilmente com as escrituras abrigadas em cada uma das gavetas, que, ao fim e ao cabo, persistem grudadas em mim. No entanto, é mais apropriado deixar ir o que já não movimenta a escrita, a leitura e a desmesura entre ambas, ou seja, o que já não movimenta o pensamento.

Logo, cabe abrir as janelas à sociedade, uma abertura que visa a, por assim dizer, vencer o calhau do medo *de escrever, de escrever, de escrever* aos pedaços, aos restos e pelas sobras de escrituras que *escapam, escapam, escapam*. São elas que, *juntinhasearrumadinhas*, escrevem os pesquisais de uma docência²⁵, que afirma a vida e são apresentados em número de oito unidades.

Os pesquisais situam-se entre o que *foi* e o que ainda *está por vir*, quando se ensaia, pela escritura, uma escrita pelo ato de literaturar. Entre as escritas e as leituras que tramaram saídas sem almejar soluções, prometer salvação e, sobretudo, ressuscitar esperanças, há algo que se passa entre as leituras e as escritas. A maior parte das produções apresentadas pelos pesquisais tomaram, de distintas formas e variadas agruras, a noção de escritura arrastada da obra do crítico literário francês Roland

25. MATOS; SCHULER; CORAZZA, 2015.

Barthes (1915-1980). Junto à noção de escritura, atravessa-se uma coragem frágil diante dos desafios que tal docência decide enfrentar, para questionar sempre e ainda mais as demandas de utilidade e servidão que, *vezapós-vez*, assomam a leitura e a escrita em educação.

Eles evidenciam ainda – de distintos modos – os combates²⁶ e os tensionamentos às demandas de utilidade disseminadas pelas diversas etapas da educação. Embora pareça que não há espaço para que tanto a escrita, quanto a leitura em educação, desobriguem-se de estar *tão, tão, tão* enrugada por tais demandas, ainda assim, justamente em razão delas que se pode engendrar saídas mínimas e provisórias, mas que, ao mesmo tempo – enquanto passagens de vida²⁷ – impedem a costumaz paralisia advinda do simples apontamento de problemas e da reiteração de denúncias.

Pesquisa nº 1

Trata-se de uma pesquisa de mestrado que toma a educação pela literatura (em suas práticas de leitura e escrita) e tenciona a preparação para as provas de concursos vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como a única condição para a leitura e para a escrita. Uma preparação “legitimada”, por assim dizer, pelos sortidos propósitos de um futuro marinado em sucesso e alcaparras. Esses sortidos propósitos impõem-se, sobremaneira, como um forte atravessamento utilitaris-

26. COSTA, 2017.

27. DELEUZE, 2011.

ta na própria existência dos estudantes; que, assomados por uma busca incessante pela redação nota 10, veem suas vidas de estudante *passarem, passarem, passarem*.

Diante disso, junto às noções de escritura e de *biografema*, extraídas da obra do crítico literário francês Roland Barthes (1915-1980), um combate²⁸ à redacionalização da leitura e da escrita no Ensino Médio é tramado pela dissertação de mestrado intitulada *Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema*²⁹.

28. COSTA, 2017.

29. A pesquisa implicou-se com a leitura literária e com a escrita no Ensino Médio. Nesse sentido, a dissertação *Práticas de Leitura Literária e Escrita no Ensino Médio: a vida em biografema* toma uma *vida-de-professora-pesquisadora* e coloca-a em composição com as *vidas-de-estudante do Ensino Médio*, para fazer das práticas de escritura-biografemática seu combate (COSTA, 2017) à redacionalização da leitura literária e da escrita no Ensino Médio. Ao tensionar a perspectiva comunicadora e instrumentadeira da língua, trama-se um combate pelas *inutilidades* da língua em uma oficina com as *vidas-de-estudante* da turma 203 de uma escola da rede estadual da cidade de Caxias do Sul (RS). Toma-se o conceito de escritura e de biografema do crítico literário francês Roland Barthes (2003; 2005; 2004; 2012; 2013), cujas contribuições possibilitam constituir experimentações entre esses conceitos e o texto literário do poeta brasileiro Manoel de Barros (1997; 1998; 1999; 2000; 2001; 2004) e a fantasia acadêmica do professor-pesquisador Manoel de Barthes (1981). Sendo assim, o objetivo desse combate é escriturar os fluxos de *inutilidades* das práticas de leitura literária e escrita em uma oficina com as *vidas-de-estudante* da turma 203. Logo, pergunta-se: como biografemar as inutilidades das práticas de leitura literária e escrita em uma oficina de escritura biografemática? Quanto ao modo metodológico, o biografema constitui-se pelo modo como se lê e se escreve com as vidas que nos tocam. As práticas de escritura-biografemática engendram com as *vidas-de-estudante*, em meio

A pesquisa, portanto, tensiona o esvaziamento daquilo que intuo como a possibilidade de tomar essas práticas também como uma experimentação pela literatura e não somente o atendimento das demandas utilitárias em seus atravessamentos de competitividade, que os concursos vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) sabem tão bem impor como a única destinação para elas. A saída erigida por essa pesquisa é a constituição de uma linha trançada pela escritura-biografemática das *inutilidades*, cujas experimentações tomaram uma turma de estudantes do segundo ano do Ensino Médio da rede Estadual de ensino, de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul.

Na esteira dessa pesquisa, trama-se ainda o artigo: “A redacionalização da leitura e da escrita no Ensino Médio: o combate de uma vida de professora”³⁰, pelo qual se apresenta um aprofundamento teórico com o objetivo de ampliar a discussão acerca da noção de *redacionalização*³¹, que salta da dissertação de mestrado. Uma no-

à leitura literária, um escape à redacionalização da vida, fazendo a língua escorrer suas *inutilidades*. Desse modo, a partir de cinco cenas disparadoras da escritura-biografemática, são biografemadas as seguintes vidas clichês: vida-maternidade, vida-sonho, vida-sucesso, vida-infância, vida-sortidos e uma-vida em seus fluxos de *inutilidades* como um modo de escapar à redacionalização que toma tanto a leitura, quanto a escrita essa etapa da educação. A versão completa da dissertação encontra-se disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4705>. Acesso em: 12 jan. 2024.

30. MARUJU; MATOS; RAMOS, 2020.

31. Trata-se de um artigo que problematiza as práticas de escrita redacionalizadas pelas demandas utilitárias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e objetiva apresentar uma proposta de com-

ção implicada com um modo de ler e escrever tomado pelas demandas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Pesquisal nº 2

Trata-se dos vestígios pesquisais de uma escrita de si, abrigada em um capítulo de livro “Formação docente, escrita de si, e a produção de modos de subjetivação”³², em que se trama uma linha entre a escrita de si³³ e a produção de modos de subjetivação. Para tanto, toma-se a discussão da escrita de si, em Foucault, quando este investiga as forças éticas e prescritivas, que a constituem na Antiguidade greco-latina e, depois, na lógica cristã e no pensamento moderno; de modo a defender que através dessas forças pode-se atuar sobre o corpo, com vistas à constituição de si, ou seja, com vistas a assumir

bate de uma *vida-de-professora-pesquisadora* à redacionalização da escrita no Ensino Médio. Para tanto, mune-se dos conceitos de *escritura* e de *biografema* do crítico literário francês Roland Barthes, bem como dos fluxos das *inutilidades* extraídos dos textos literários do poeta Manoel de Barros; a fim de engendrar pela Política do Texto (COSTA, 2017) um combate às práticas de escrita redacionalizadas nessa etapa da Educação Básica. Tramado metodologicamente ao modo de cenas-biografemáticas de uma *vida-de-professora-pesquisadora* em uma sala de aula de escola pública, as cenas são parte do combate que propõe pela escritura-biografemática das *inutilidades* de uma língua um escape mínimo às demandas utilitárias da escrita redacionalizada no Ensino Médio.

32. MARUJU; SCHULER, 2014, p. 47-77.

33. FOUCAULT, 2010, p. 144-162.

pela ação da escrita de si um princípio transformador da própria subjetividade. A partir dessa perspectiva, a escrita pode ser tomada como uma prática que visa tanto ao exercício de si mesmo, quanto às possibilidades não binárias voltadas para o exercício ético. Logo, a escrita de si constitui-se entre as regras facultativas operadas em relação à certa estilística de existência e uma escrita voltada para o exercício confessional, de autodecifração, em uma dinâmica da moral da prescrição.

A partir de uma pesquisa genealógica com Nietzsche, discute-se como a escrita dos relatórios de estágio de docência de uma turma do curso de Pedagogia é atravessada por demandas que determinavam tanto o conteúdo como a sua forma de expressão. A temática da escrita de si salta enquanto pesquisa, quando se assume a escrita como prática relevante para a formação universitária, uma vez que os acadêmicos estão constantemente sendo demandados a produzirem artigos, resenhas, relatórios e trabalhos diversos que se constituem, sobretudo, pela escrita.

Logo, buscando atender às demandas de institucionalização universitária, a escrita do relatório de estágio arrasta consigo modos de subjetivação situados entre a escrita de si e a escrita do eu. O artigo finaliza com as considerações penúltimas, que trago como um princípio costumaz de uma escrita que ainda não se sabia, mas que já era tomada pelo ato de literaturar:

Escrevi

A boca abre-se lentamente. Palavras saltam aos montes e, misturadas às lágrimas, escorrem pelo corpo que vive: vive para a morte. Espera, suspira e respira o ar duro que o prende à condição de confessor. Era apenas o início de uma busca infundável por ela: a verdade. Atenção! Lugares diferentes, perguntas iguais: é verdade? Confessa que sabe que não sabe, que viu e foi visto. A confissão não é um simples dizer. Afinal, tenho, preciso, necessito de um veredicto; de um diagnóstico que promova a tão desejada salvação. Não estou aqui por nada. Quero o que me prometeram. Cumpro regras, sigo códigos, tenho fé, meu Deus! Esse mundo não é válido. Almejo o céu, a iluminação. Não aceito nada menos que a salvação. Salvar-se? Do quê? De quem? E por quê? Procuo por respostas. Chega de perguntas! Entenda: a purificação e a salvação são oferecidas a preços módicos, através de pacotes completos ou na versão básica, com opcionais a escolha do cliente. Somos convocados a nos constituir como um eu autônomo, livre e consciente de nossos direitos e deveres. Estabelecemos, com a confissão, uma relação de produção de verdade por meio da confissão-avaliação, confissão-autoconhecimento, confissão-

diagnóstico, confissão-narração. Somos constantemente convocados a ocupar o lugar de confessor, pois, na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes, lá está ela: a confissão. A articulação entre confissão e verdade, escrita e confissão é abençoada pela invisibilidade, apadrinhada pelo poder e passa a fabricar em escala industrial os purificados e os remediados. Quanto mais invisível mais aplicável, esmiuçável e administrável. As práticas confessionais estão imbricadas nas nossas relações com os outros e conosco, mesmo porque, nesse jogo da verdade, cria-se a necessidade da permanente absolvição e aceitação desse eu. Não, eu não confesso. Eu danço a minha falta de fé nessa crença da verdade original; a minha suspeita nessa vida que me convoca a viver para a morte, de negar-me em nome de valores superiores. Eu prefiro não. Eu prefiro. Eu escrevo e danço!³⁴

Pesquisal nº 3

Trata-se, também, da leitura e da escrita. Agora, porém, em um descolamento do espaço do Ensino Médio para

34. MARUJU; SCHULER, 2014, p. 77.

59ª Olimpíada de Língua Portuguesa³⁵. Assim, o artigo “A voz do estudante-autor da região norte do Brasil: um estudo sobre crônicas”³⁶ analisa a prática de escrita com o gênero crônica em produções dos estudantes-autores da região Norte do Brasil, finalistas da 59ª Olimpíada de Língua Portuguesa, de modo a destacar que a atividade criadora, por meio dos processos de memória e de imaginação, contribuem para que as relações entre a realidade (a cena disparadora das crônicas analisadas) e a imaginação (a interpretação) sejam produtoras de crônicas que ressignificam o cotidiano desses jovens; permitindo, dessa forma, que tanto a memória quanto a imaginação atuem com vistas a criar aberturas para a experimentação do olhar e do dizer expressos em uma escrita que reverbera não apenas as singularidades de um cotidiano do Norte do Brasil, como também, e, sobretudo, um modo de vida que, pela escrita do gênero crônica, pode transbordar os limites da descrição de um espaço do cotidiano do estudante-autor para fazer-se pertencimento e ampliação de mundo.

35. A Olimpíada de Língua Portuguesa é uma das atividades desenvolvidas junto ao Programa Escrevendo o Futuro; iniciativa da Fundação Itaú Cultural com o apoio técnico do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) em parceria com o Ministério da Educação. O Programa realiza diversas atividades de formação presencial e a distância de professores; além do concurso de textos que premia as melhores produções de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

36. RAMOS *et al.*, 2020.

Pesquisal nº 4

Se pelos pesquisais nº 1 e nº 2 instaura-se uma discussão acerca do quanto a preparação para os exames vestibulares e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) constitui-se como um tipo de imposição um tanto naturalizada para essa etapa da educação básica, ou seja, espera-se – sem contaminação de dúvida – que a literatura “sirva”, por assim dizer, como um “instrumento” para essa preparação. É nesse sentido que um modo de ler e escrever acaba por ser aprisionado pelo desempenho nesses exames³⁷. Então, para não se deixar tomar pelas lamúrias e os queixumes *tanto, tanto, tanto* paralisadores *quanto, quanto, quanto* obstrutores das saídas pelas sementes de linhaça a esse tipo de servidão, que a literatura pode transbordar do currículo como quem busca por mais espaço para existir além da avareza de uma utilidade insidiosa e gordurosa.

Nesse sentido que a constituição de um espaço transbordado do currículo da literatura do Ensino Médio instaura, junto aos estudantes de uma escola da rede particular de ensino de Caxias do Sul, uma abertura para um ler e um escrever desembaraçado das demandas de preparação para um futuro de sortidos propósitos³⁸. Para fazer esse enfrentamento, contudo, precisa-se abrigar a leitura e a escrita, esta mesma transbordada do currículo de literatura, em um outro espaço: o do Ateliê Literário³⁹,

37. MARUJU, 2018.

38. MARUJU, 2018.

39. O Ateliê Literário constitui-se em uma atividade complementar

no qual essas demandas são, provisoriamente, suspensas, na medida em que tanto a leitura quanto a escrita abrem-se às múltiplas experimentações que delas se podem disparar.

Entre essas experimentações, destaco a escrita do texto de abertura do Cetec Festival⁴⁰. Assim, durante a semana de apresentações dos espetáculos teatrais, o Ateliê Literário coloca em cena a leitura, a escrita e a literatura, de modo a reiterar a dimensão artística⁴¹ que essa tríplice acrobata sabe tão bem equilibrar. Portanto, em um espaço deslocado do currículo de literatura do Ensino Médio, pode-se instaurar experimentações diversas, quando a leitura e a escrita mostra-se desembaraçada das demandas de servidão e dos sortidos propósitos de preparação para o futuro.

realizada junto aos estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede particular de ensino de Caxias do Sul em encontros semanais. Enquanto atividade complementar, ela é opcional e acontece fora do horário regular das aulas de literatura e objetiva expandir ainda mais o interesse dos estudantes pela literatura ao mesmo tempo que se experimenta ler e escrever sem, necessariamente, atender às demandas curriculares.

40. As apresentações teatrais da edição de 2023 do Cetec Festival encontram-se disponíveis em: UCS. CETEC Festival 2023 celebra as revoluções no palco do UCS Teatro. 2023. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/noticias/cetec-festival-2023-celebrara-as-revolucoes-no-palco-do-ucs-teatro/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

41. As apresentação dos estudantes da atividade complementar Ateliê Literário na abertura do Cetec Festival, edição 2023, encontram-se disponíveis em: CETEC FESTIVAL 2023 | 14/07 - TURMAS W1, G2 E B3: <https://www.youtube.com/watch?v=Qzu89REex4s>.

Pesquisal nº 5

As experimentações do Ateliê Literário não se limitam à abertura do Cetec Festival e, ora sim, ora não, abrigam-se em *podcast* como o *Vozes da Minha Cabeça*⁴² e *também no Leiturário*⁴³. Diante dessas experimentações e da paixão dos estudantes pela leitura e pela escrita (sempre atravessada pela literatura, claro!), os participantes do Ateliê Literário foram convidados a escrever, em parceria com o escritor caxiense Pedro Guerra (1991-) um capítulo do livro *Fala de amor para mim*⁴⁴. Logo, tomar a leitura, a escrita e a literatura para compor-se em experimentação com o teatro, com a voz, com a escrita literária (na sua dimensão de uma publicação) reitera que a literatura transborda os limites de uma área de conhecimento para fazer-se, também, condição para uma fruição literária e filosófica.

42. A edição Ateliê Literário#8 do *podcast Vozes da minha cabeça* apresenta a atividade complementar Ateliê Literário como um espaço que potencializa a leitura e a escrita pela literatura. Para ouvir essa discussão basta acessar o link: ATIVIDADES COMPLEMENTARES #8: Ateliê Literário – Vozes da Minha Cabeça. Ficha Técnica: Apresentação: Lucas Fogaça. Vinheta: Gabriel Silveira. Arte da capa: Diego Javier / Logo VMC: Gionathan Sandi. Edição: Lucas Fogaça. 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/5KMeR-8rOfX3HwMorXhPiIy?si=l_J-16qEQZuBDMqwwfU0g&nd=1. Acesso em: 12 jan. 2024.

43. Toma-se a leitura de obras literárias para montar uma sessão de leitura dramatizada, organizada pelos estudantes do Ateliê Literário e que ainda conta com a participação dos demais estudantes da escola.

44. GUERRA, 2022.

Pesquisal nº 6

Diz respeito a uma atuação docente no Curso Técnico em Podologia da Universidade de Caxias do Sul, a UCS, na disciplina *Comunicação, expressão e informática básica*. Um curso basicamente constituído por um público feminino que retoma seus estudos na fase adulta. Vale destacar que tanto a leitura quanto a escrita, para a maioria das estudantes matriculadas na disciplina, apresentam-se enquanto um desafio de grandes proporções; seja por estarem retomando os estudos depois de muito tempo, seja por não estabelecerem – de imediato – uma relação direta entre a relevância da leitura e da escrita em um curso técnico, voltado à saúde dos pés.

No entanto, os desafios impostos pela leitura e pela escrita implicam-se diretamente com a feitura do projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, o TCC. Logo, as discussões acerca das intenções de pesquisa é algo que atravessa o semestre de duração da disciplina. Nesse espaço de docência, tanto a leitura, quanto a escrita, ainda que atravessadas pelo viés instrumental como determina a ementa, abrem-se para leitura tanto de artigos especializados da área da Podologia como também de textos literários diversos. A composição entre textos mais “técnicos”, por assim dizer, e a literatura visa a não apenas ampliar o repertório de leitura dessas estudantes, mas também abrir espaço para que entre essas leituras possa-se ainda escrever não somente em razão das utilidades e servidões, que a formação tecnológica demanda.

Pesquisal nº 7

Trata-se uma pesquisa em nível de iniciação científica, habitante da linha de pesquisa *Escrita, Escritura e Pedagogia da Diferença*, desenvolvida no Observatório de Educação, Juventudes e Infâncias da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e que recebe destaque entre as pesquisas apresentadas no *XVII Encontro de Jovens Pesquisadores*, de 2009, com o trabalho *A tríade: Identidade, Diferença e Gênero*⁴⁵. Uma pesquisa que parte dos conceitos de identidade, de diferença e de gênero para estabelecer uma triangulação com o curso de Pedagogia da UCS.

Para tanto, toma-se a concepção de *sujeito pedagógico*, as várias transformações por ele sofridas e suas implicações na constituição identitária nesse curso de graduação. Na esteira dessa triangulação, a pesquisa defende que a produção, tanto da identidade quanto da diferença, tem na linguagem representacional a sua principal aliada; demonstrando, com isso, o quanto elas são resultado de um processo de produção simbólica. A conclusão da pesquisa busca destacar que a diferença se situa como parte constituinte da identidade, e não como um produto desta.

45. MARUJU; MATOS; STECANELA, 2009.

Pesquisal nº 8

Trata-se da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa – Regional Sul (Anped Sul) do ano de 2018 e da tematização das práticas de escrita e leitura literária no Ensino Médio⁴⁶, que, ao se fazerem sustentadas – predominantemente – pela função utilitária, visam à preparação dos estudantes para os processos seletivos de faculdades, universidades e, sobretudo, pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nessa pesquisa, busca-se, junto a noção de *escritura*⁴⁷, uma abordagem política do *Texto*⁴⁸, a fim de tomar as práticas de escrita e leitura literária enquanto práticas subversivas, as quais podem vir a produzir outros modos de experiência com a língua.

Diante do problema de pesquisa: *quais elementos da escritura podem deslocar as práticas de escrita e leitura literária da função utilitária que assumem no Ensino Médio?* Os resultados indicam que o rumor subversivo da escritura, bem como a constituição do espaço literário, a leitura literária – e a afirmação de uma política do texto como elementos para a constituição de um modo ético, estético e político de constituir experimentações com a língua e, sobretudo, com a vida nela implicada – apresentam-se enquanto o elemento provocador dos deslocamentos da função utilitária.

46. MARUJU; MATOS; RAMOS, 2018.

47. BARTHES, 2004.

48. COSTA, 2017.

As máscaras de papelão

*roubados fomos de nossas vidas,
rasurados fomos de nossas veemências.
Dizer-se morto: injúria.
Dizer-se vivo: pedra fria.
Calar-se?!
Só em poesia.*

Autoria própria (2023).

Elas chegaram em uns maios⁴⁹ e ainda havia sol. Decido, não sem aflição, desfazer-me das máscaras de papelão pintadas de tranquilidade e mansidão. Com elas pregadas à cara; ora sim, ora não, extravaso um sorriso escondido entre labiosidades machucadas e o colapso das minhas entranhas. Sorriso hirto, pode-se dizer. Guardei-as na gaveta daquele armário colorido com cheiro de açafrão. Caso precise, em momentos futuros, saberei exatamente onde as encontrar. Uso máscaras para a *Aula*⁵⁰. Uso máscaras para ir ao

49. Refiro-me ao mês de maio do ano de 2020.

50. BARTHES, 2013a.

mercado. Uso máscaras para escrever diante do indizível e, também, diante da verborragia imprópria, cujas tonalidades de verde e de amarelo disseminam variações entre o acusatório e o negacionista, entre o salvacionista e os niilistas, entre o desespero e a indiferença; essas tonalidades e suas variações irrompem enquanto expressão nacionalista e fascista de uma turba patriótica, que insiste em fazer-se presente nos noticiários, nas conversas com os vizinhos, com os familiares, junto aos estudantes também.

Logo, entre o tudo e o nada – do ano de 2020 – a vida desmoronara tal qual a candidatura de Jhon, o personagem do conto “Objetos sólidos”, de Virginia Woolf⁵¹, que na catação incessante por todo e qualquer objeto que encontra pelos arredores do seu bairro exclama com veemência: “Que se dane a política!”⁵². Para aqueles e aquelas que assumem sem hesitação e com uma veemência de ardores belicosos a tonalidade verde amarela como se fosse a sua segunda pele; intuo que, contaminados pela verborragia exclamatória do personagem de Woolf, compõem seu próprio brado: “Que se danem as máscaras!”; “Que se dane a vida!”; “Que se dane a Ciência!”; “*Que se dane!*” “*Que se dane!*”, “*Que se dane!*”.

Entretanto, as tonalidades podem variar ao se misturarem com doses bem apropriadas de uma certa opacidade transparente, inerente à “morte que escapa a toda a apreensão”⁵³. Nesse sentido e em tantos outros ainda

51. WOOLF, 2017, p. 32-51.

52. WOOLF, 2017, p. 35.

53. BLANCHOT, 2010, p. 34.

por vir, o que importa é tão somente assumir, mesmo em cambaleio de dúvida, “Um principiar costumaz” de uma escrita pelo ato de literaturar. Uma escrita que, vacinada por uma coragem de agulha umedecida, toca, *vezapós-vez*, sem calma ou hesitação, o nojo, a gosma, o sangue e um suor ofegante a arder entre as minhas omoplatas partidas. Despossuída das máscaras de papelão, decido, ainda, não sem desespero e com algumas suficientes doses de ironia, ensaiar pela escritura, uma escrita pelo ato de literaturar: tal ensaio arrasta, sim, nesgas de incongruências entre as escritas e as leituras (tendo em vista que não há como separar aquela dessa).

De igual modo, não há como separar uma pesquisa dou-
toral de uma política que propala pela veemência de
ardores belicosos: “*Que se dane o Povo!*”, “*Que se dane
o Povo!*”, “*Que se dane o Povo!*”. Portanto, quando só se
ouve lágrimas, só se tateia o vazio, só se fareja um deses-
pero cinza-escuro-estriado *só, só, só*; ou quando o fun-
gar incessante de um choro contido e, ao mesmo tempo,
transbordado pela dor, pelo medo, pelo espasmo (da fal-
ta de ar, mas não só), mostra-se perene; trata-se de dar
forma ao duro e ao aguado da vida que irrompe esgarça-
da e de difícil trato; mas que, em razão disso, é capaz de
fazer-se escritura aos pedaços, aos restos e pelas sobras;
de modo que, *vezapósvez*, insistem em segurar a minha
mão, tomar minha boca e rasgar meu umbigo para es-
crever “durante dez mil noites a palavra amor, cem mil
páginas, cem mil, coloquei o calhamaço num caixote de
rodinhas, postei-me numa esquina e a todo aquele que
passava eu entregava uma folha e dizia Amor Amém”⁵⁴

54. HILST, 2018a, p.187.

como se fosse o ato *mais, mais, mais* impróprio diante do que se passa pelos reboliços nuvens e pelas poeiras de fumaça, que não apresentam distanciadas daquele sangue se fazendo ciano e se recusando a manter-se em circulação.

Dessa maneira, e entre tantas outras, é que ler e escrever aos pedaços tende a arrastar a gosma, o catarro e a crosta para uma proposta. Sim: trata-se de uma proposta atualizada de um “EGE (Esquadrão Geriátrico de Extermínio)”⁵⁵ aventada pela escritora brasileira Hilda Hilst, no início da década de 1990. Acredito, sem contaminação de dúvida, que essa proposta poderia ter sido muito bem aproveitada pelos tempos pandêmicos. Lógico, considerando sempre o uso de máscaras e álcool em gel, por favor! Tratar-se-ia, na proposta de Hilda, de arregimentar várias senhoras da terceira idade – senhores também – e com suas bengalinhas besuntadas de curare⁵⁶ pervagar os comícios, a Câmara dos *Despotados*⁵⁷ e o

55. HILST, 2018d, p. 61-62.

56. “Curare” é o nome dado à mistura de ervas feitas pelos indígenas da Amazônia. A ação do curare no organismo é seletiva. Age sobre todos os músculos esqueléticos, atingindo primeiro os pequenos músculos dos olhos e da face, depois os da cabeça e região cervical, daí passando a agir nas extremidades, chegando finalmente aos músculos e ao diafragma; por conseguinte dificultando a respiração, podendo chegar a inviabilizá-la totalmente.

57. Um dos tensionamento de uma escrita pelo do ato de literaturar ocorre também entre os arranjos da crisperação e do espanto, com vistas a provocar desvios na escrita acadêmica em educação. Esse tensionamento envolve a constituição das 25 imagens de escritura que compõem a tese. Pode-se ler mais acerca dos desvios da escrita pelo ato de literaturar no ensaio “O ato de literaturar: entre 1, 2, 3”.

Sentado Federal para espetar as nádegas dos políticos e as bundas também. O argumento da escritora paulista, quando escreve a crônica “EGE (Esquadrão Geriátrico de Extermínio)”, era que essa população idosa, misturada às massas, não seria notada por ninguém. De minha parte, *aprovado, aprovado, aprovado* o Esquadrão. Há quem afirme, ainda, que se tal plano tivesse entrado em vigor durante a pandemia covid-19, haveria uma grande chance de não termos vivenciado a tentativa de golpe de janeiro de 2023⁵⁸ e o propalar de cenas de depredação política, exibindo um vandalismo misturado ao desespero, à ferrugem e costumeira corrupção em um Brasil onde o

58. Concerne a um ataque à democracia, cujos vestígios de destruição são expressos por “vidros quebrados, obras de arte estragadas, móveis danificados e até incêndio. [...] no dia 8 de janeiro, acontecia a invasão dos prédios dos três Poderes. Era um domingo. Manifestantes antidemocráticos invadiram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF) para protestar contra a eleição do presidente Lula. No Senado, os atos antidemocráticos foram reprimidos pela Polícia Legislativa da Casa e pela Polícia Militar do Distrito Federal. Com imagens sendo transmitidas para o Brasil e para o mundo, os invasores deixaram para trás um rastro de destruição. Em 30 dias, o trabalho de recuperação do Senado avançou em ritmo acelerado. Vidros trocados, espelhos reinstalados, carpetes substituídos e obras de arte restauradas. Era preciso deixar a Casa em condições para a posse dos 27 novos senadores, em 1º de fevereiro, e para a abertura do Ano Legislativo, no dia 2” (Da Agência Senado, 2023, não paginado). Trecho da matéria *Invasão ao Congresso: um mês depois, tom é de confiança na democracia*. DA AGÊNCIA DO SENADO. Invasão ao Congresso: um mês depois, tom é de confiança na democracia. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/02/07/invasao-ao-congresso-um-mes-depois-tom-e-de-confianca-na-democracia>. Acesso em 10 jan. 2024.

verde e amarelo impôs-se como a cor da salvação.

E as máscaras de papelão?! Elas passam a escriturar as perdas e as catástrofes envoltas na minha carne de pétala fendida; haja vista que uma pesquisa em educação *se asfixia, se asfixia, se asfixia*, pois carece de mais do que ar; carece de outros arranjos para as palavras, que, por estarem emboladas entre as modalidades da crispação e do espanto, apresentam uma enorme dificuldade para tomar minha mão. Ciente da necessidade de outro espaço para escrever a leitura⁵⁹ de uma pesquisa que se iniciava junto à pandemia da covid-19 (junto é um pouco efeito dramático, mas o fato é que a pesquisa doutoral atravessa a pandemia e é atravessada por ela; de modo que ambas se misturam, se perdem e também se encontram). Intuo, ainda, que, talvez, as palavras emboladas fossem nada mais, nada menos, do que um dos efeitos de um pacto para o ato de literaturar. Sim. Trata-se de instaurar um pacto para enfrentar os vividos pandêmicos mais intensos dos anos de 2020 e 2021 – e não somente; tendo em vista que a pandemia (covid-19) segue entre nós.

Um pacto pelo ato de literaturar diz respeito, de modo mais premente, a uma escrita pelo ato, que expressaria pelo arranjo da crispação o efeito de uma respiração espasmódica a contrair as escrituras (em seus pedaços, restos e sobras). Porque diante do que se passa, entre o indizível e uma escrita pelo ato, há de se instaurar desvios para essa escrita. É assim que uma escrita pelo ato tende a reiterar por outras vias os efeitos políticos e éticos que atravessam a escrita acadêmica nesse tempo de diversifi-

59. BARTHES, 2012.

cados apegos e agruras. No entanto, assegurei o inseguro a cada um daqueles que ocupam o Ministério da Saúde – na condição de ministro –, que “não tocaria mais coisa viva e toquei”⁶⁰ já que elas “esboçam o vermelho”⁶¹ de uma vida que se esvai aos poucos, mas ainda assim mantém-se viva, insidiosa e jamais serena; de modo a ser tomada de novo, e mais uma vez, pelo estupor *docenojativo* das adjacências de vida e de morte de uma escrita pelo ato. Nesse sentido, coube tão somente a urgência filigranada de *ensaiar, ensaiar, ensaiar* uma escrita pelo ato de literaturar.

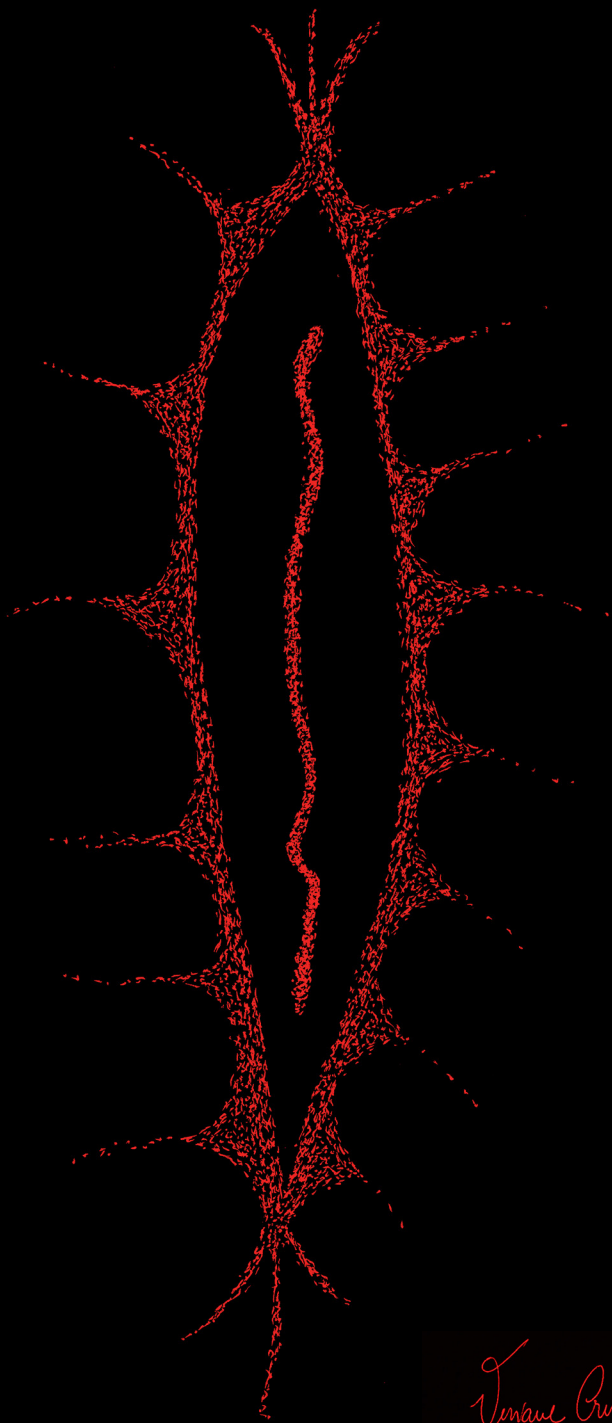
Alimaisadiante, sentada ereta, em estupor, o que se passa entre minha mão, boca e umbigo, o que se passa entre a escritura e a desordem política, o que se passa entre a escrita de uma tese e a desvalorização da vida, quando pela escritura, literatura-se em uma espécie de aniquilamento ético, cujos vestígios da desordem deixam marcas indelévels em nossas existências; afinal, trata-se de não desistir das perguntas incômodas acerca da vida e da morte e, especialmente, daquelas desobrigadas das esperanças rendilhadas de paz e mansidão.

As máscaras de papelão referem-se, portanto, a tomar, pela leitura que se faz escrita, a coisa vida ensaiada, a coisa vida esgarçada, a coisa vida literaturada para transbordá-la em uma escrita pelo ato, que se faz ainda coisa-pedra, coisa-ave, coisa-chave; de modo a perguntar: *haveria coisa mais forte que uma escrita que se faz ato com ou sem máscaras de papelão?*

60. HILST, 2018b, p. 55.

61. HILST, 2018b, p. 55.

Imagem 5 – escritura a coisa esgarçada



Vanessa Cristina Mangu

Um principiar costumaz

*Irrompe a coisa:
a coisa esgarçada
e mais nada.*

Autoria própria (2023).

Chego a um vão para abrigar-me entre os começos e os fins; embora intua que não faz tanto sentido determinar – com precisão ou não – onde algo começa ou onde esse mesmo algo termina, pois, quando pela escritura, literatura-se a escrita acadêmica em educação. Ademais, determinar começos é como tentar descobrir uma vertente de escritura escondida em um umbigo, como se ela fosse uma boa veia⁶². Passa-se meses sob uma escuridão toda enrugada; pode-se até assumir – mesmo possuída de uma desconfiança empedrada – que se rema contra a corrente;

62. ENTREVISTAS, 2011.

pode-se, inclusive, arriscar escalar enormes picos escarpados e não chegar a lugar algum; terminando com um mapa diminuto, todo amassado pela ansiedade que um pervagar sabe tão bem principiar.

Apesar das perspectivas encharcadas por falsas esperanças, dos enxames de insetos a picá-la; sem esquecer das peças que a memória insiste em pregar (acho que já passei por aqui). Ao final, tudo o que se consegue é atingir um ponto mais úmido e *tão, tão, tão* remelento, que as palavras parecem escorregar das suas significâncias, escorregar das folhas, escorregar dos livros, escorregar das leituras também. Sim: quase como se uma escrita pelo ato as dissolvessem naquele azul sebooso de todos os dias, na medida em que, abandonadas à própria sorte, aproximam-se mais das “tolices pestilentas [...] dos parênteses absurdos, [das] notas ao pé da página tão serpenteadas, tão mexidosas, e outras quietas quase severas”⁶³, irrompendo em algum lugar mais ou menos arbitrário ao longo do insuspeito trajeto sem destinação de um pervagar. Diante desse trajeto sem destinação, dissemina-se um azul sebooso apaixonado de vermelho e enlutado de negro, que tinge as paredes desse vão de escada, para disseminar em algumas páginas de uma tese em educação um céu, um véu e um réu de uma verborragia *tão, tão, tão* quebradiça, que se espatifa quando toma “A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge”.

E o começo?

Arrisco, “*olhobolota revirando pra lá pra cá*”⁶⁴, um pal-

63. HILST, 2018b, p. 54.

64. HILST, 2018a, p. 275.

pite: os começos podem prescindir de inícios definidos, porque, diante do que passa, cabe tão bem o conselho de Hilda ou seria de Hillé? *Poucoimporta!* Haja vista que os “poetas deviam mais é ficar em silêncio. Porque falar a verdade pode lhes custar a cabeça. A vida. Não foi sempre assim?”⁶⁵. *Sim. Sim. Sim.* Então, volto ao foco, quero dizer, a “tal” busca pelo começo. Anota aí: em um ponto mais úmido de um umbigo em chamas, depara-se com uma escrita incrustada em uma nota de rodapé. Ela um tanto diminuta e estriada assume que, pela escritura, pode-se literaturar o “avesso das gentes, [entre] o avesso das coisas, [entre] o que ninguém vê”⁶⁶ porque trata-se de uma escrita que, pelo ato, inclusive, se faz: “rara, louca naquele sentido da ousadia”⁶⁷.

Logo, arrastar a escrita acadêmica em educação para um vão de escada implica, diretamente, nessa ousadia tão necessária quanto indispensável para fazê-la aos pedaços, aos restos, com o intuito de forjá-la em uma boa veia, junto as multiplicidades de escrituras em reboço de nuvem, em odores de cristal e as espessuras do couro. É aí que se irrompe a coisa esgarçada. É aí que irrompe uma vida outra da minha carne de pétala fendida: ariana, fêmea de esplendida beleza; porque já não há mais *comonegarumprincipiarcostumaz* que atravessa uma professora-pesquisadora e forja ainda uma escritora.

65. HILST, 2018d, p. 311.

66. HILST, 2018d, p. 71.

67. HILST, 2018d, p. 71.

(derrelição)

O crítico literário francês Maurice Blanchot, em “Fala de fragmento”⁶⁸, assinala que a escrita, no sentido da literatura, mostra-se sem começo e sem fim e coloca em jogo uma sedução sem sedução, que transborda pela fragmentação uma certa violência abissínia, uma violência do despedaçamento, que toma a escritura para literaturar uma escrita pelo ato; na medida em que se faz “subentendida de algo inteiro que foi anteriormente – o dedo cortado remete à mão, assim com o átomo primeiro prefigura e contém o universo”⁶⁹. Uma escrita pelo ato, portanto, parece estar dispensada de uma validação apenas em termos da compreensão advinda de uma totalidade.

No entanto, se ainda houver questionamentos acerca de uma escrita pelo ato precisar comportar um todo, bem como os anseios renovados por justificativas e relevâncias; então, Gilles, o Deleuze⁷⁰, explica direitinho para não haver dúvida ou hesitação: “escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas. Pecar por excesso de realidade ou imaginação é a mesma coisa”⁷¹. Ainda assim, *há, há, há* escrituras que podem também ser disparadoras de “Um principiar costumaz”; configurando-se, em uma mistura imprecisa daquilo que já está iniciado e, ao mesmo tem-

68. BLANCHOT, 2010, 41-48.

69. BLANCHOT, 2010, p. 41.

70. Gilles Deleuze (1925-1995) é um filósofo francês.

71. DELEUZE, 2011, p. 12-13.

po, impõem-se por uma escritura ainda por vir. Essa é, pois, a condição disparada pela leitura da novela *A Obscena Senhora D*⁷², o quinto livro em prosa da escritora brasileira Hilda Hilst (1930-2004), que havia se dedicado, até então, com muito sucesso, à poesia.

A novela narra a velhice da personagem Hillé, uma mulher de 60 anos, que vive o luto pela morte do marido, Ehud. Tomada pelas adjacências desse luto, ela estabelece um diálogo inusitado com o marido morto. Já nas primeiras páginas da narrativa, sabe-se que foi Ehud, o esposo falecido, quem lhe conferiu a alcunha de Senhora D; em razão da esposa incomodá-lo, constantemente, com perguntas, que, segundo ele, não tinham começo muito menos fim. Logo, Ehud mostrava-se sempre incomodado diante das perguntas da esposa, porque o que, de fato, fazia-se relevante nessa relação era que sua amada esposa continuasse fodendo com ele e passando-lhe o café. No entanto, Hillé, quero dizer, a Senhora D, mostrava-se distanciada desses atos; importava mesmo era erigir questões e mais questões acerca do tempo, do amor, de Deus, da vida e também da morte.

Mas dentre esses questionamentos, havia um que incomodava Ehud mais fortemente: tratava-se da pergunta acerca do significado da palavra “derrelição”, ao que ele respondia, em um misto de impaciência e exaltação: “[...] Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e por que me perguntas a cada dia, e não reténs, daqui por diante te chamo de Senhora D. D de Derrelição, ouviu?”⁷³. Sus-

72. HILST, 2018b, p. 17-57.

73. HILST, 2018b, p. 17.

peito que Hillé tenha ouvido muito bem a explicação acerca do significado da palavra derrelição e tenha, ainda, assumido para si sem dúvida ou hesitação as sentimentalidades machucadas bem como as obscenidades de uma Senhora D. ainda por vir. Além desses questionamentos, as perguntas pareciam ensaiar, sem exaltação, um tipo de abandono das significâncias, das normas e dos pactos com a vizinhança, ou seja, elas pareciam ter o dom de colocar em derrelição até mesmo a convivência com a pequena comunidade que a circundava, passando a considerá-la louca, despudorada; a ponto de chamá-la de “sapa velha. Viu a pele pintada? É sarda. Ainda tem umas boas tetas. Credo, teta de sapa. Podemos botar fogo na casa na lua nova. Com as casas coladas? Dá-se um jeito, fogaréu que vai dar gosto”⁷⁴.

De todo modo, seja pelas perguntas incômodas, seja pelas sentimentalidades machucadas, seja pelas obscenidades, importa destacar que Hillé – transmutada numa Senhora D. – busca por um outro espaço no qual possa, ao mesmo tempo, viver o luto pela morte do marido e seguir fazendo suas perguntas incômodas. Nesse sentido, Hillé assume para si, como habitáculo apropriado à Derrelição que lhe é *tão, tão, tão* própria, um vão de escada dentro da sua própria casa.

Portanto, o ensaio “Um principiar costumaz” é disparado por essa escritura da escritora brasileira Hilda Hilst, que envolve o luto e a injúria, envolve ainda a obscenidade de *perguntar, perguntar, perguntar*: o que se passa pelo ato de literaturar? Uma resposta cambaleante de dúvida

74. HILST, 2018b, p. 30.

que passa, tão somente, um desejo de adornar por uma espécie de luta e despudor o ato de literaturar. Dessa maneira, pode-se ensaiar uma escrita que se faz filigranada pela autenticidade ariana de esplêndida beleza dessa escritura, que se mostra de difícil trato; afinal, não há como se negar e muito menos desconsiderar a complexidade e a desmesura dessa literatura. Contudo, antes de findar este ensaio, quero explicitar que os começos poderiam ser ainda disparados pelas obras de Hilst enfileiradas por uma ordem alfabética (pela letra A de AGDA⁷⁵ ou, A de ALZIRA: a da balada)⁷⁶; de modo que pervagasse os distintos espaços da educação, considerando que a escritora se mostra pouco estudada pela educação.

Já em relação aos finais – mesmo provisórios, mesmo inexistentes, mesmo indiferentes - fazem-me erigir uma suspeita de paralelepípedo: um tanto rígida, mas que, pela escritura, literatura não só a si como ainda a própria autora da tese – haja vista que, tendo passado a gostar de vinho, quando toda a idolatria fora sempre destinada ao café, possa aí irromper um outro principiar costumaz.

75. HILST, 2018a.

76. HILST, 2018a.

Meia dúzia de excrescências

*Se há muito o que inventar por esses lados
O que sei com certeza são meus fados
Exigindo verdades e punindo
Os líricos enganos da beleza.*

Hilda Hilst.
Ode Fragmentária. (2017, p. 136).

Lanço-me a catar palavras, para encher um milhão de páginas, que podem nunca ser matéria de leitura; mesmo assim, podem mostrar-se mais do que apropriadas para arrastar pela escrita (no sentido assumido pela escritura) multiplicidades de matérias que, ora sim, ora não, forjam uma escrita pelo ato. Uma escrita que amalgama uma certa vileza e confusão com o intuito de obliterar doses mínimas de lamúrias e de servidão. Tudo isso sem esquecer (claro!), que tal intento somente poderia ser erigido quando se pactua uma política para uma escrita pelo ato.

Além disso, essa política diz respeito a afastar a leitura e a escrita do calhau do medo, deixando-o bem acomodado

em um vão de escada: mais precisamente naquela caixa de sapato guardada em uma das mesinhas de cabeceira. Importante essa orientação: mantê-lo o mais distante possível da coisa esgarçada, que irrompe da minha carne como pétala fendida para, assim, ensaiar com “esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda a identidade a começar pelo corpo de quem escreve”⁷⁷. Sabe-se que ela, a escritura, é um tanto conhecida⁷⁸, mas que, na sua vertente de *escrivência*⁷⁹, poderia ser comparada aos *clichês* emoldurados por um final de tarde no parque ou manhãs ensolaradas de inverno. Reconfortantes, portanto. *Descorre*, contudo, que a única coisa com a qual me importo, vitalmente, é ensaiar pela escritura, uma escrita pelo ato de literaturar.

Trata-se mesmo de uma urgência assumida frente e verso e disseminada como os reboiços das escrituras em uma boa veia⁸⁰, forjada pelos pedaços, restos de escritura situados entre o tudo e o nada, omitidos e revelados em verdades benfazejas pelos livros, pelas teses, pelas dissertações, ou, ainda, em artigos e nas resenhas também. Enfim, ensaiar uma forjadura de boa veia para uma “obra” acerca da escrita acadêmica em educação na própria obra que já deixou de ser obra do mundo⁸¹.

77. BARTHES, 2012, p. 57.

78. No ensaio “Os pesquisais de uma docência” são apresentadas pesquisas, que articulam a noção de escritura, a fim de tensionar a *escrevência* que toma tanto a leitura quanto a escrita em diferentes etapas da educação básica.

79. BARTHES, 2012.

80. ENTREVISTAS, 2011.

81. BLANCHOT, 2010.

(derrelição)

O que se passa entre aquele instante maior que a dúvida e aquela certeza, girando no escuro, pouco ou quase nada importa o gênero e as classificações das escrituras amalhadas para a forjadura de uma boa veia. Ao final, acaba-se mesmo é tingindo-as de solidão e açafão, para que se possa ensaiar uma escrita pelo ato de literaturar. Todavia, suspeito que elas se apresentem mais afastadas da unidade, bem como da totalidade, do que a cientificidade moderna poderia permitir, haja vista que, por comporem-se aos pedaços, aos restos, pelas sobras e lascas, *vezououtra*, misturaram-se às obscenidades dos pedidos de um menino-porco⁸² de gosto hirto, gozos alegres e de um silêncio *tão, tão, tão* filigranado que escorre das minhas mãos para impregnar cada um dos degraus do vão de escada – que ora tão somente sobem e, ora, apenas descem no mais fundo das minhas entranhas.

O que quero esclarecer acerca desta escritura é que não lhe cabe ficar parada em consternação, ou, então, esconder-se como uma criança perdida atrás de duas ou três lamúrias remelentas, comodamente, segredada em cadernos de notas; isso porque é de sua condição *escapar, escapar, escapar* sob o risco de não sobreviver às escritas inofensivas e nauseabundas de esperança e salvação *tão, tão, tão* almejadas pela educação. Para essas ocasiões, pode-se, inclusive, escriturar desejos de leitura e escrita e deitá-los em um pátio com uma figueira dentro. Indico

82. Personagem da novela “A Obscena Senhora D.” (HILST, 2018b, 11-57).

a figueira da Casa do Sol⁸³, na qual Caio Fernando Abreu⁸⁴ *derramoudeumavezsó* três desejos. Há ainda os desejos a serem superados pelas deidades pacíficas e iradas, cuja extrema sabedoria não é vista a olho nu.

Por fim, resolvo arrastar as escrituras para enumerá-las em meia dúzia de excrescências, as quais irrompem da minha carne de pétala fendida aos borbotões; entram na posse tendenciosa de vazarem lívidas, como se fossem sumos em dejetos muito assemelhados à gosma, ao nojo e ao azul seboso de todos os cotidianos empedrados em mim. Anseiam, por mais contraditório que possa parecer, por uma benquerença daquilo que ainda estaria por vir.

83. A Casa do Sol foi construída por Hilda Hilst nos anos de 1960 e aproxima-se do vão de escada (abrigo da Obscena Senhora D.). Essa casa passa a ser também uma espécie de refúgio para a autora. Um refúgio que visava blindá-la das demandas de uma vida social povoada por festas e luxos. Nesse sentido, a casa torna-se um espaço para encontros em torno da literatura. A partir da mudança para a Casa do Sol, Hilda dedicar-se-á vitalmente a *escrever, escrever, escrever*.

84. Caio Fernando Abreu (1945-1996) foi um jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro. Apontado como um dos expoentes de sua geração, a obra de Caio Fernando Abreu, escrita num estilo conciso e intimista, fala de sexo, de medo, de morte e, principalmente, da angustiante solidão. Foi ainda um ávido leitor da obra de Hilda Hilst e viveu por um tempo na Casa do Sol; estabelecendo pelo convívio diário, pelos encontros pautados pelas discussões acerca da literatura (algo tão próprio daquele espaço) um vínculo de afeto e amizade intelectual não apenas com a escritora paulista, mas também com os intelectuais que ali circulavam.

Excrescência⁸⁵ nº 1

Tomar uma multiplicidade de escrituras.

Excrescência nº 2

Equilibrar as doses de lamúrias, os queixumes e as sementes de linhaça que, vezapósvez, hão de vir;

Excrescência nº 3

Desobedecer às paixões tristes; sem esquecer, claro, a esperança de salvar a escrita acadêmica em educação.

85. *Excrescência* configura-se em um ponto que se eleva de uma determinada superfície. Para a tese *Literaturar: uma escrita pelo ato*, as seis excrescências constituem-se como pontos na superfície da escrita acadêmica em educação. Esses pontos configuram-se pelas demandas de utilidade, servidão e, sobretudo, pelas normas que parecem aprisionar a vida que ela também arrasta consigo. Nesse sentido, elas apresentam os tensionamentos que o ato de literatura impõe ao operar uma escrita pelo ato.

Excrescência n. 4

Pactuar, pelo ato de literaturar, uma política para a escrita acadêmica em educação, de modo que se possa trançar-la a uma certa vileza e confusão.

Excrescência n. 5

Ensaaiar, pela escritura, uma escrita pelo ato, que tende a afastar a escrita acadêmica em educação dos vínculos aéreos-terrestres e diminutos-alargados do calhau do medo de ler para escrever, desobrigados da servidão.

Excrescência n. 6

Atravessar a escrita acadêmica em educação pelo ato de literaturar, implicando-a com a derrelição, isto é, com o abandono e o desamparo, pela leitura que se faz escrita e pela escrita que se faz leitura, fazendo irromper a coisa esgarçada - que nada mais é do que a vida - entre mãos, boca e umbigo.

Um espírito Corazziano

*Em nome da escritura,
literatura-se.*

Sandra Mara Corazza.
A Obsolescência e o vírus. (2020a, p. 25).

Recebo esta escritura que escapa das escreleituras: “em nome da escritura, literatura-se”⁸⁶. Recebo esta escritura quase como se ameaça fosse. Recebo esta escritura do espírito que se mostrou despossuído de correntes, e também de quaisquer amarras, e propalou em educação escrituras de linhas tênues e frágeis; jamais delicadas, tampouco serenas.

86. CORAZZA, 2020a, p. 25.

(derrelição)

Há sempre uma desastrada lembrança, querendo agarrar a minha mão, a boca e o umbigo, da compreensão daquilo que se passa, quando a escrita acadêmica – atravessada pelo ato de literaturar – reverbera os rumores de uma escritura, junto a qual “ardi diante do lá fora, bebi o ar, as cores e as nuances, parei de respirar diante de uns ocres, umas fibras de folha, uns pardos pequeninos, umas plumas que caíam do telhado [...] e tendo visto, tenho sido quem fui”⁸⁷, busco-me e pergunto sem parar: como se manter inteira de si mesma depois do ato de literaturar?! Trata-se de não poder seguir sendo *apenas* o que já fora depois da chegada do expírito em um carro branco, no Bloco H, do campus da Universidade de Caxias do Sul, a UCS. Auditório cheio: aula cheia! A noite inflamada pela lua de claridade opaca, sob um céu de um azul seboso, furta os presentes de qualquer esperança de iluminação pelo *conhecimentocientíficoacadêmicoliteráριοfilosófico* a ser apresentado na conferência *A-traduzir o Arquivo da Docência em Aula: Sonho Didático e Poesia Curricular*⁸⁸.

Pervagar com o expírito é ser tomado por aquilo “que não se conhece, não se diz, não se faz e que, por isso mesmo, é tão notável”⁸⁹. Uma notabilidade transbordada em perguntas novidadeiras, em espreitas de problemas, de fato, problemáticos.

87. HILST, 2018b, p. 21.

88. CORAZZA, 2019.

89. QUE será faced, 2020.

(derrelição)

Uma definição dicionarística do vocábulo ‘pervagar’ classifica-o, gramaticalmente, como verbo, cuja ação envolve percorrer ou passar por várias direções, bem como atravessar no sentido de cruzar um determinado espaço ou território. Para os confins da tese *Literaturar: uma escrita pelo ato*, ‘pervagar’ constitui-se pela necessidade de percorrer as “matérias” de escrita e de leitura da *Rede de Pesquisa Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação*. Nesse sentido, trata-se de um tipo de movimentação sem destinação pré-determinada, isto é, a ação de pervagar está voltada para uma espécie de preparatória que envolve derramar “cada vez mais poesia neste [...] espaço para encher de beleza e de justa ferocidade o coração do outro”⁹⁰ e, simultaneamente, buscar por pistas, espreitar saídas, clamar por tudo aquilo que é imprescindível entre a leitura e a escrita, dado que entre elas pode-se, ora sim, ora não, permanecer enclausurado tanto pelas classificações quanto pelas generalizações; retomando sempre a si própria, ao mesmo tempo, que aproxima-se de fazer-se condição irremediável para “uma passagem de Vida, que atravessa o vivível e o vivido”⁹¹.

Trata-se, portanto, de arrastar das escrileituras para a feitura do ato de literaturar, uma certa imposição para expressar ficcionais, imaginários, simbólicos em metáforas infindáveis, mas não só⁹². Logo, a feitura do ato de

90. HILST, 2018d, p. 221.

91. DELEUZE, 2011, p.11.

92. GARCIA, 2022.

literaturar, disparado pela escreitura que escapa, refere-se, ainda, a filigranar uma certa violência pela derrelição, ou seja, pelo abandono do aconchego e do acolhimento com fins de pacificação (algo que orna tão bem com a educação). Pois bem, pervaga-se, em meio aos choques, aos traumas, aos abalos e as crises enfrentados pela educação; de modo que as escrituras apaziguadoras, de tonalidades salvacionistas, transmutaram-se na coisa esgarçada: na coisa vida, na coisa veia explosiva, na coisa ariana, na coisa ato e mais nada.

Trata-se, inclusive, de ensaiar em escritura uma cena disparada pelo encontro entre uma professora-pesquisadora⁹³ e o Expírito Corazziano: um encontro atravessado, inicialmente, pelos fluxos da apresentação de um *currículo lattes* para seguir com “Os vestígios de uma obra-docência”. Tudo isso se passa de modo a transbordar as singularidades de vividos entre uma aula, entre uma escrita, entre uma leitura, *entre, entre, entre*. Entre o caderno de notas do expírito explodindo em *post-its* e disseminando – à revelia de qualquer compreensão – uma fruição literária e filosófica pelas *escreituras*.

Logo, entre palavras de luta e despudor. Entre letras e os espantos filigranados para compor um amontoado de frases desabrigadas de explicação. Entre a busca por facilidades de comunicação e a recusa da criatividade simplória para ler e escrever em educação, que a disseminação do expírito em uma fruição literária e filosó-

93. A autora da tese apresenta a professora Dra. Sandra Mara Corazza na abertura do IV CEDU – o Colóquio de Educação Discente (CEDU) –, realizado durante os dias 08 e 09 de outubro de 2019, no Campus-Sede da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

fica mistura-se – mesmo sem saber – a uma espécie de despedida da teófaga da crueldade esfumaçada no IV CEDU. Assim, cabe ressaltar entre as chegadas e as partidas pervagadas com o expírito, a pertinência de, meramente, bradar para que se possa de perto ou de longe escutar assim de frente: *Presente! Presente! Presente!*

Os vestígios de uma obra-docência

[...] aquele que transformasse toda a sua vida, renunciasse ao mundo, ao trabalho e à felicidade do mundo, a fim de abrir um caminho até uma leitura de alguns instantes.

Maurice Blanchot.
O espaço literário. (2011a, p. 207).

Pelo pervagar arrasta-se, também, a presença da obra-docência da professora-pesquisadora Dra. Sandra Mara Corazza, que faleceu em janeiro de 2021, deixando um legado de pesquisa em educação. Esse legado segue contribuindo para a produção científica de teses, dissertações, livros, revistas e artigos que investem na experimentação de modos outros de ler e de escrever em educação⁹⁴. Logo, o espírito desta professora-pesquisadora potencializa e

94. GARCIA, 2022.

transforma o ofício do ato de ler e de escrever em um sistema solar e planetário vivo, móvel e, especialmente, inventivo, quando, pela fruição literária e filosófica, arrasta matérias das existências-de-artistagem de vida para docência⁹⁵. Matérias essas que se constituem no próprio arquivo da docência que, ao ganharem tropeços sem tréguas pela metodosofia⁹⁶, convocam a espreitar e tensionar os limites da escrita acadêmica em educação. Tal espreita, contudo, não está voltada à descoberta de algo que se encontra escondido, mas que, pode arrastar uma leitura que se faz escrita, de modo a desobrigá-las dos anseios de salvação e, assim, transbordá-las em coisa esgarçada pelo ato de literaturar.

Logo, essas matérias das existências de artistagem *provocam, provocam, provocam* uma professora-pesquisadora a tramar um pacto com uma escrita pelo ato; para afirmar a vida como uma coisa esgarçada e coberta de tinta; para ousar instaurar, entre a escrita acadêmica e as escrituras forjadas em uma boa veia, uma escrita como ato de literaturar, amalgamando-a a vileza e a confusão em exercícios de leitura e escrita. Assim, o que se faz é tão somente aproximar tanto a leitura quanto a escrita da figura da alegria enquanto uma brincadeira que tão somente inventa escritas, abrindo, com isso, espaço a todas as espécies de eventos e de elementos múltiplos e criando, desse modo, um mundo incerto e perigoso, que se distancia sobremaneira da servidão e do utilitarismo que toma inclusive a boca, a mão e o umbigo da escrita acadêmica em educação. Nesse sen-

95. CORAZZA, 2005.

96. CORAZZA, 2020b.

tido, *olhobolota*, que, ao afirmar uma escrita artista em educação, a professora Dra. Sandra Mara Corazza coloca-se, sobretudo, na contramão do moralismo otimista e do amor pedagógico; pois enquanto uma escrita artista, cujo caráter inventivo pôde *disparar, disparar, disparar* pelas esrileituras, o ato de literaturar a escrita acadêmica em educação.

Uma teia das escrituras

*Então me toma. Teia que tú és, me prende.
Teia que serás sempre, me devora.*

Hilda Hilst. *Kadosh*.(2018a, p.194).

A Rede de Pesquisa Escrituras da Diferença em Filosofia-Educação foi coordenada pela professora-pesquisadora Dra. Sandra Mara Corazza e, atualmente, é composta por mais de 34 pesquisadores – nacionais e internacionais. Junto a essa rede, rastreiam-se pesquisas que, por meio de ateliês, em escolas públicas, promovem a formação de professores-pesquisadores. Assim, a rede, ao tematizar um tipo de fruição filosófica pela poética implica-se com a escritura, ou seja, com o revezamento constante entre a leitura e a escrita sempre atravessado pela literatura. O atravessamento pela literatura tensiona essas matérias fazendo-as transbordar os limites da compreensão em fruição. Nesse sentido, a produção dessa rede de pesqui-

sa constitui-se uma “herança com a cripta”⁹⁷, na medida em que arrasta, nesse processo, uma heterogeneidade de matérias para ler e escrever.

No *Caderno de notas 1: projeto notas e ressonâncias*⁹⁸, a primeira publicação da Rede, tem-se a apresentação da noção de texto. Uma noção implicada em tomar uma matéria canibalizada, melhor dizendo, deglutida, misturando-a a outros textos pelo revezamento constante da leitura pela escrita e da escrita pela leitura. Em razão disso, não se trata, de modo algum, de eliminar os vestígios da tradição, isto é, dos clássicos da Filosofia, bem como dos clássicos da Literatura, mas, ao contrário, mantê-los vivos, por outras vias, disseminado em “textos de guerrilha e sintaxes com virtudes de inversão crítica: prosa poética ou longos períodos [...] misturados com os momentos mais filosóficos de *digressão conceitual*”⁹⁹.

Desse modo, não caberia estabelecer algum tipo de classificação para os textos produzidos no revezamento da leitura que se faz escrita; seja porque o foco, por assim dizer, não estaria no texto em si, e sim na disseminação que ele pode vir a produzir; seja porque classificar implica também em atribuir algum tipo de essencialização desse texto. Algo que em nada se aproximaria das escrituras.

Coloco a questão da classificação em relação as escrituras, uma vez que, em uma espreita pela *Rede de Pesquisa Escrituras da Diferença Filosofia - Educação*,

97. GARCIA, 2022, p. 770.

98. HEUSER, 2011.

99. GARCIA, 2022, p. 772. grifo nosso.

deparo-me com um tipo de inseparabilidade entre as “matérias” arrastadas tanto da Filosofia quanto da Literatura, de modo a constatar que a sua disseminação aconteceria, por assim dizer, nesse trânsito, pelo qual uma fruição literária e filosófica transbordaria fazendo delirar o significante tanto pelo embaralhamento dessas “matérias” quanto pela heterogeneidade de códigos que elas arrastam nesse trânsito. Para Corazza,

não se pode deixar de rir quando se embaralham os códigos: Filosofia-Arte-Ciência-Literatura-Educação. Ideias-forças: Nietzsche, Valery, Deleuze, Barthes e afins. Fluxos em fuga ao infinito. Atual-virtual. A violência do fora. Pesquisa do Acontecimento: empiria transcendental. Formas de expressão puxam formas de conteúdo. Do Prazer de ler ao Desejo de Escrever. Escrileitura-artista¹⁰⁰.

Pode-se deparar com esse tipo de embaralhamento de códigos no “Posfácio Plagiostropias”¹⁰¹. Nele, a disseminação pelo ato das escrileituras é disparado pelo personagem Arturo Bandine, de John Fante. O texto em questão não escreve acerca de Arturo, mas toma-o como uma “matéria” para que um embaralhamento ocorra junto aos textos que serão posfaciados.

Dessa maneira, a escrita do referido posfácio demanda arrastar, pela leitura que se faz escrita, uma pilha de treze livros; porque o ato das escrileituras impõe-se, sobretudo, pelo volume considerável de “matérias” a serem

100. CORAZZA, 2011, p. 51. grifo da autora.

101. OLIVEIRA, 2011.

arrastadas, pela leitura que se faz escrita, a fim de disseminar escrituras como esta: “Da rasura de minhas orelhas não ouvi nada. Leio cada um dos textos e não posso mais que umedecer os lábios”¹⁰². Nota-se, ainda, que o texto produzido enquanto um posfácio exclui-se, quase que totalmente, de realizar qualquer explicação ou advertência colocados ao fim de um livro, como poderíamos esperar de um texto dessa natureza.

Desse modo, o ato das esrileituras ali disseminado se furta da banalidade explicativa, isto é, não oferece explicações acerca do fim do *Cadernos de notas 1: projeto, notas e ressonâncias*¹⁰³; nem por isso saímos de mãos, bocas e umbigos vazios; tampouco somos abandonados à nossa própria sorte de decifração, *olhobolota*. De modo algum. Trata-se de assumir uma posição de perscrutação de códigos e de estranhamento; que, ora sim, ora não, impõem-se por uma certa vileza e confusão e, ainda, transbordam uma alegria e sutileza de seda rasgada diante dos arranjos inusitados entre palavras e entre frases também. Esses arranjos parecem seguir reverberando em nós, mesmo depois de finalizamos a leitura.

Trata-se de mostrar, portanto, que, pelo ato das esrileituras, dissemina-se sentidos de fruição filosófica e literária. Essa fruição seria a própria objetivância das esrileituras. Para tanto, a necessidade de constituir-se uma matéria não apenas volumosa, mas sobretudo heterogênea, de modo que, pelo embaralhamento dos códigos arrastados por essa matéria, possa-se fazer o significante

102. OLIVEIRA, 2011, p. 129.

103. HEUSER, 2011.

delirar. Essa matéria, conforme apresentado, anteriormente, constitui-se de textos que também são, por assim dizer, “produtos” de disseminações anteriores. No livro *SandraMaraCorazza*¹⁰⁴, mais precisamente no ensaio intitulado “Escrileituras: o multifacetado da multiplicidade na formação pedagógica e no pensamento: resumo e comentário” do professor Wladimir Garcia, o termo “excripta”¹⁰⁵ salta, pois, segundo Garcia, o ato das escrileituras reúne, a um só tempo, as forças de vida e as forças de morte, pois que todas elas parecem estar incrustadas entre leituras e escritas.

Por fim, diante da espreira dessa rede, assume-se que o ato das escrileituras está implicado com a disseminação de uma fruição filosófica e também literária, operada por uma leitura que se faz escrita e uma escrita que se faz leitura. Essa disseminação constitui-se, por assim dizer, na possibilidade de enfrentamento à aridez de uma escrita em educação submetida à servidão e as utilidades sempre renovadas, a cada aperto de mão dos novos ministros da educação.

104. AQUINO; CARVALHO; ZORDAN, 2022.

105. GARCIA, 2022, p.770.

A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge

[...] o critério de arranque do processo narrativo dependia da independência do juízo crítico e somente quem o executasse a partir de si mesmo poderia ocupar por inteiro o lugar do escritor; isto é, do actor social que afirma no espaço público a palavra indiferenciada.

Jorge Ramos do Ó. *Fazer à Mão: uma escrita inventiva na universidade.* (2019, p. 242).

As mãos de Jorge mostram-se livres de empecilhos e de mágoas. Elas insistem em transbordar a escrita em gesto, fazendo desenrolar uma genealogia junto às matérias da tradição histórica e da filosófica também. Trata-se de uma escrita de fôlego: uma escrita que pervaga essas duas tradições, pelo diálogo que efetua com miríade de autores, pelo manejo que faz das fontes, isto é, pelo exercício minucioso de

uma genealogia que desequilibra as certezas acerca da escrita ao longo da história e, como se não bastasse, impõe questionamentos muito desafiadores na lidaç o que ainda podemos estabelecer com a escrita na universidade.

Cabe, nesse sentido, explicitar pelo *cinzaescuroestriado* que a escrita genealógica de Jorge Ramos do     provocante e ponto, e vírgula, e reticências, e exclamação *e, e, e*. Sim, diante dessa multiplicidade de referências traça-se o acolhimento da palavra do outro, a conversação como escuta, o pensar por conta do fluxo da leitura-escrita, a pol mica antiga como forma de atualização dos problemas contemporâneos da academia. Na esteira dessas questões é que o pesquisador poderia também se acercar dos conselhos de escritores como mais uma possibilidade para que a escrita na universidade possa continuar. Isso poderia ser de grande valia, tendo em vista que essa escrita que se faz em pesquisa  , ao mesmo tempo, sólida e fr gil¹⁰⁶.

Logo, quando o professor Jorge Ramos do   propõe debater a escrita inventiva, ele próprio convoca o leitor a acompanhá-lo, *olhobolota*, pelos movimentos de um investigador que mistura a palavra do outro com seu desejo, como parte do envolvimento – sem fim – de um tipo de pesquisa que se instaura entre a necessidade de invenção e a escrita acadêmica em comunidade. Por tudo isso, ainda que orientado por finalidades estabelecidas – e o subtítulo parece apontar para a destinação prevista –, entre o ponto de chegada e o ponto de parti-

106. ENTREVISTAS, 2011.

da, pode-se pervagar por diversos lugares, distintos cenários, variados ambientes teóricos, múltiplas situações históricas. Em lógica distinta à reconhecimento, Ramos do Ó estabelece essa diferenciação, a fim de marcar uma determinada política de escrita e, assim, tramam outros problemas e outras articulações. Essa diferenciação, por sua vez, constitui-se em uma abertura para a instauração da problemática do literaturar que toma também a escrita acadêmica para atravessá-la pela escritura.

Os tensionamentos propostos pela escrita acadêmica, colocada entre as mãos de Jorge, não defendem simplesmente a transição das matérias de tradição histórica e filosófica, de modo a dar-lhes uma roupagem de “novidade”. Não. O autor fala do rigor em assumir determinada vertente teórica e da exigência em incorporá-la àquilo que já existe para deslocá-la *de novo, de novo, de novo*. Esse deslocamento, no entanto, se faz destituído do fetiche do *novonojo* e das suas variâncias em inovação; tendo em vista que o pesquisador é aquele que toma algo inacabado, aberto, incompleto. É sobre “esse algo” que ele amplia sua construção – que não visaria meramente uma espécie de acumulação de conhecimento enciclopédico das matérias de tradição – mas, sobretudo, para que a escrita daqueles que o antecederam possa ser abandonada sem, contudo, deixar o pesquisador de mãos, boca e umbigos vazios.

Da maneira como o professor Jorge Ramos do Ó apresenta o processo de escrita, não há como relacioná-lo ao simples manejo de alguma técnica que, supostamente, conferiria a habilidade da criação, isto é, a escrita acadêmica entre as mãos de Jorge recusa-se a oferecer

mais uma técnica inovadora ou fórmula garantidora da inventividade de adjetivância neoliberal. Ao contrário, o processo implicado na feitura da escrita na universidade seria, por assim dizer, decorrente de importantes transformações na sensibilidade, na imaginação e no pensamento, ou seja, trata-se de investir em operações que envolvem a desmesura de leituras como também de escritas; pelas quais poder-se-ia alcançar uma outra arte de existir.

Nesse sentido, um processo de escrita implicado com essas transformações, defendidas pelas mãos de Jorge, instaura, por assim dizer, um tipo de resistência e, ao mesmo tempo, uma saída mínima à reiterada obstinação da ciência das luzes e seus valores de racionalidade, universalismo e progresso, de modo a determinar que a escrita visaria a atender a uma certa totalidade¹⁰⁷. De fato, o que o professor Jorge Ramos do Ó defende – sem ressalvas – é que a escrita acadêmica precisa, portanto, ser animada pelo enigma que recusa qualquer esclarecimento considerado certo ou adequado, isto, uma busca pelo verdadeiro no final do arco-íris.

Todavia, mesmo que se parta do autor – e, nesse sentido, os textos clássicos são incontornáveis –, uma escrita do dever estaria condicionada pelo prazer do jogo em que as “regras” estão mais no leitor do que propriamente no autor. Daí a importância do gesto, que pervaga e erra, expandindo-se na direção de uma escrita inventiva, pois experimenta a si em meio à herança. Logo, pode-se compreender que a peculiar forma da escrita inventiva não é

107. Ó, 2019.

propriamente uma técnica da mão, tampouco uma novidade a ser seguida, mas um procedimento ético e indissociável do corpo que, incapaz de se reconhecer na identidade da autoconsciência, realiza a experiência de si, sempre com o outro.

Na esteira dessa defesa, de uma escrita acadêmica como gesto a inventar a si própria em um jogo entre tradição e o por vir, o ato de literaturar busca dar sequência ao gesto, de modo a aproximá-lo mais de uma brincadeira capaz de ser disparadora de novas escritas. Para o escritor argentino Júlio Cortázar (1914-1984), a literatura, na sua dimensão de leitura e escrita, constitui-se também em uma singular forma de jogo na “qual a gente pode colocar a nossa vida. Pode-se fazer de tudo por esse jogo”¹⁰⁸. Uma escrita acadêmica em educação, assumida como essa espécie de jogo, teria como “função” fazer-se inacabada e, em razão disso “em vias de fazer-se”¹⁰⁹, haja vista que outra coisa não pode.

Essa condição de inacabamento da escrita acadêmica em educação não se constituiria, de modo algum, pelas conjecturas do sofrimento, da dívida, da incompletude ou qualquer assemelhado à escassez tingida de preciosismo. Trata-se mais de uma condição *sui generis* para que a coisa esgarçada possa continuar atravessando a escrita e, de igual modo, a escrita possa ser sempre atravessada por ela, ou seja, trata-se de tramar um jogo de azuis escadas, pelo qual subir ou descer somente poderia fazê-la crescer, proliferar, desmesurar em *escrituras*,

108. ENTREVISTAS, 2012, p. 239.

109. DELEUZE, 2011, p. 11.

escrituras, escrituras – e mais nada.

Em educação, no entanto, a lidaçãõ com a escrita acadêmica mostra-se, amplamente, atravessada pela reprodução baseada na semelhança, ou seja, aquilo que leio passa a ser reproduzido em uma escrita que visa a, por assim dizer, constituir-se em um tipo de confirmação dessa “matéria” – mesmo quando estabelece uma crítica, ou seja, naqueles momentos em que se busca tensionar o lido, construindo uma argumentação contrária. Desse modo, o que se efetiva é tão somente uma oposição ou sua validação.

Nesse sentido é que a escrita acadêmica em educação parece estar enclausurada por um duplo movimento: um movimento implicado em reiterar constantemente aquilo que já foi escrito, em outras palavras, tratar-se-ia de uma manutenção das palavras do autor. Já o outro movimento instaura uma oposição a tudo que já foi escrito e vai em direção oposta àquelas da manutenção, pois inflama-se pelas denúncias, os queixumes, as paralisias diante da dureza das formas e da submissão às normas, como os impeditivos para que a escrita acadêmica possa fazer-se outra.

Em ambos os casos, a escrita acadêmica em educação estaria limitada às demandas de servidão e de utilitarismo cada vez mais insidiosas e, desse modo, tenderia a aproximar-se daquilo que Roland Barthes defende em “Escritores e Escreventes”¹¹⁰, como sendo o produto de um “consumo”, que se daria sempre à sombra de institucionalizações diversas. Ele cita a universidade (em

110. BARTHES, 2013b.

razão de ser uma instituição implicada com a pesquisa) e a Política como instituições responsáveis, em grande medida, por validar essa escrita transitiva, utilitária e comunicadora.

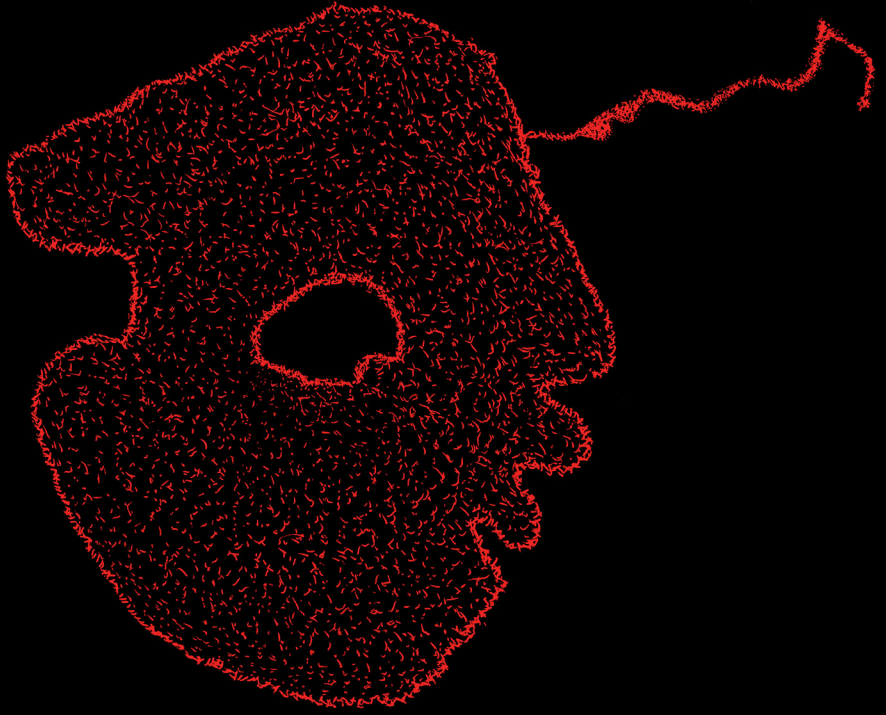
Tramar um trajeto sem destinação para uma escrita acadêmica que não esteja orientada pela busca da verdade poderia suspender, minimamente, a relação já *tão, tão, tão* desgastada e fatigada entre verdade e conhecimento. Trata-se, nesse sentido, de fazê-la, simplesmente, “sair das relações conhecidas e, portanto, já confortáveis, que temos tido com a linguagem [...] para deixar para trás os conceitos que antes produzimos e os territórios que eles desvendaram”¹¹¹.

Logo, literaturar a escrita acadêmica em educação constituiu-se nessa tentativa de fazer com que ela possa continuar; não no sentido da sua simples manutenção, mas das possibilidades de derrelição, isto é, de um certo abandono que, arriscaria, ora sim, ora não, colocar em suspenso esse paralelepípedo em chamas para assumir que “a grande perturbação da escrita é essencialmente teórica e política, na medida em que todo o real precisa de se ver ficcionado a fim de ser pensado”¹¹². Quanto ao que se passa pela escritura, ao literaturar, a escrita acadêmica em educação permite fazer dessa escrita mucilagem de obscenidades e incongruências para, talvez assim, continuar a escrever sem interrupção, apressadamente, como um obsceno ato de amor.

111. Ó, 2019, p. 79.

112. Ó, 2019, p. 105.

Imagem 8 – escritura perguntitas irrompem



Vanessa Cristina Marques

Um as perguntas irrompem

Só em situações extremas é que interrogamos esse GRANDE OBSCURO que é Deus, com voracidade, desespero e poesia.

Hilda Hilst. *Teatro completo volume I: As aves da noite seguido do visitante*. (2018c, p. 13).

Os ensaios abrigados no plano *Do Pervagar*, a saber: “Os pesquisais de uma docência”, “Um espírito corazziano” e “A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge” constituem-se, *vezenquando*, nos principais disparadores das dez perguntas que irrompem quando se tensiona a servidão e o utilitarismo da escrita acadêmica em educação. No entanto, sob o risco de causar um certo espanto na retina para aqueles que já se habituaram às perguntas acopladas às respostas apaziguadoras, uma vez que parecem ter se esquecido daquelas perguntas de difícil trato, que colocam a tremer *mãobocaumbigo*.

Entretanto, quando pela escritura, “Umas perguntas irrompem” e colocam-me encostada na esquina desse vão de escada a escriturar para encher a minha boca, ossuda e velha com algo mais que açafrão, resta-me perguntar acerca da justificação para uma escrita pelo ato, ou seja, trata-se de perguntar de modo mais direto: “Por alguém se fechar num quarto para escrever? A literatura como questão essencial no trabalho crítico de Maurice Blanchot”¹¹³. Trata-se, portanto, de não apenas acercar-se daquilo que sabe tão bem e sem desespero de dúvida, mas isolar-se para poder *perguntar, perguntar, perguntar*. No caso da Obscena Senhora D., o que a faz isolar-se em um vão de escada são as perguntas incômodas que poderiam ser formuladas nos seguintes termos:

1. por que romper a dura cartilagem da escrita acadêmica?;
2. qual é mesmo a espessura de certos objetos sólidos¹¹⁴ para uma escrita pelo ato?;
3. você conhece uma escrita mais forte que a pedra? Conhece?;

113. PELLEJERO, 2014.

114. WOOLF, 2017.

4. a escrita acadêmica sempre carece de explicação ou se atravessada por uma certa vileza e confusão poderia abandonar a verborragia imprópria na entrada de um vão de escada?;

5. o que se passa quando coloco assim, frente a frente, “A escrita acadêmica entre as mãos de Jorge” e “Meia dúzia de excrescências”?;

6. quanto é a soma de duas citações + 400 km de distância entre a escrita acadêmica em educação e uma escrita pelo ato?;

7. por que as anatomias intrincadas em suas estruturas políticas tremem, com demasiado afinco, quando estão diante de uma escrita pelo ato de literaturar?;

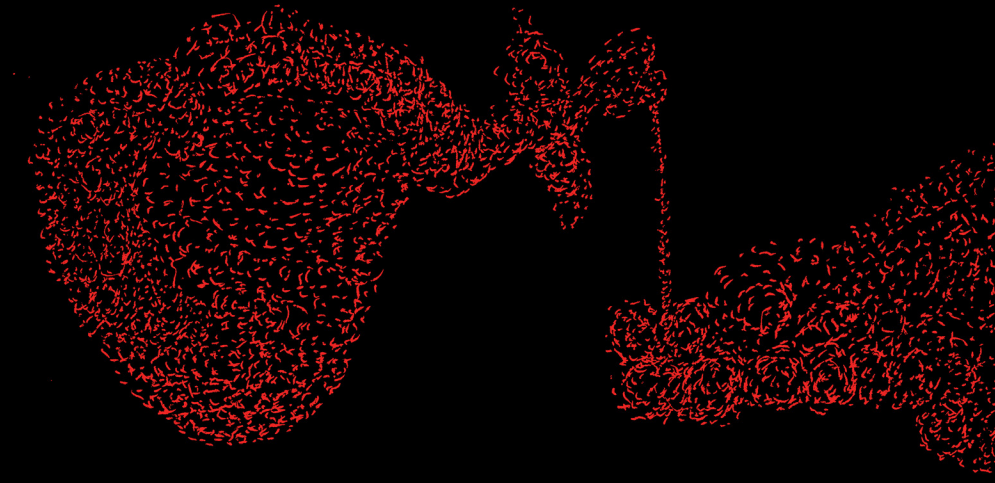
8. com quantas escrituras se forja uma boa veia para uma escrita pelo ato encharcada de sol?;

9. o que se passa, quando pela escritura, literatura-se uma escrita acadêmica em educação?;

10. como liberar a vida e as sementes de linhaça das normas sempre renovadas de uma escrita acadêmica em educação?

Do literaturar

Imagem 9 – *escritura tríplice acrobata*



Uma escritura explicatória

Os atos não podem ficar flutuando, fiapos de paina desgarrados daquela casca tão consistente a casca era firme, abriu-se, o delicado foi se desfazendo, círculos, volutas, assim pelos ares, desfazido.

Hilda Hilst. *Rútilo Nada*. (2018b, p. 311).

Pelo plano *Do Literaturar*, mostrar-se o que se passa, quando, em nome da escritura, literaturar-se a escrita acadêmica em educação. Para tal mostraçãõ, a leitura do plano do literaturar pode ser tomada pela ânsia da linearidade, ou seja, de colocar os ensaios em uma linha reta de leitura. Ainda assim, essa ânsia pela linearidade não precisaria ser atendida

em sua totalidade. Em razão disso, pode-se optar pela leitura em sequência dos seguintes ensaios: “O escrutínio de um vão de escada”, “O ato de literaturar: entre 1, 2, 3”. Esses ensaios apresentam um modo de movimentar-se pelo vão de escada, escrevendo pelo ato com mão, boca e umbigo.

Em “O escrutínio de um vão de escada” assume-se o deslocamento da escrita acadêmica para um vão de escada. Um deslocamento que visa a afastá-la do centro de cansaços e servidões sempre renovados a cada rebulição de nuvens ao mesmo tempo que potencializa ensaiá-la pelo ato de literaturar.

Já pelo “Ato de literaturar: entre 1, 2, 3” expõem-se a feitura do ato de literaturar: pela noção de escritura; pela forjadura de uma boa veia e pelos desvios da escrita. Entre esses movimentos, ensaia-se uma escrita acadêmica pelo ato de literaturar.

Há quem diga que tudo isso se passa de modo *tão, tão, tão* diverso, que os pedaços, os restos e as sobras de uma multiplicidade de escrituras que trouxe comigo para o vão amalgamaram-se à ferrugem, ao êxtase, e estão abrigadas em cada um dos ensaios desse plano. No entanto, por um lado, não há como apresentar evidências científicas dessa afirmação; por outro lado, trata-se de mostrar meramente que cada um desses ensaios se constitui no próprio ato de literaturar.

Esse é o “resultado” do ato de literaturar, melhor dizendo, a resposta ao questionamento: o que se passa quan-

do¹¹⁵, pela escritura, literatura-se?

No entanto, sabe-se que o que se passa, quando, pela escritura, literatura-se, a escrita acadêmica em educação apresenta-se despossuída de certezas luzentes ou mesmo qualquer garantia movediça que poderia afirmar, sem contaminação de dúvida, que há de se encontrar uma fruição literária e filosófica intacta em qualquer fim de arco-íris. De qualquer forma, incomodada e sem esperar por respostas imediatas, é preciso um desejo filigranado para dar fluxo aos ensaios, que engendram o por vir dos exercícios do ato de literaturar, fazendo irromper entre a escrita acadêmica em educação e uma escrita pelo ato de literaturar uma fruição literária e filosófica.

115. Trata-se de um advérbio que expressa circunstância de tempo ou de ocasião. Não por acaso, a repetição da expressão “ora sim” e “ora não” apresenta-se disseminada pelo texto de tese. Podendo-se afirmar, sem contaminação de dúvida, que uma escrita pelo ato de literaturar constitui-se em uma opção/escolha para a escrita acadêmica em educação; não cabendo, portanto, qualquer imposição.

O escrutínio de um vão de escada

*olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta
não está aí, ouviu?
Nem no vão da escada, nem no primeiro
degrau aqui em cima, será que você não
entende que não há resposta?*

**Hilda Hilst. *A Obscena Senhora D.*
(2018b, p. 18).**

Um vão de escada para abrigar a coisa esgarçada, cuja descrição envolve uma certa extensão, cor e forma: a “coisa enorme que a tua cabeça pontiaguda não sabia dar forma, coisa de repente toda escura, negra como um buraco debaixo das águas e de repente toda branca como um furo na nuvem”¹¹⁶. E o vão, ele mesmo, arrastava duas ou três lamúrias remelentas ao mesmo tempo que não parava de rir de mim. Além disso, mostrava-se dividido em dois sítios: um circunscrevendo espaços à esquerda; enquanto

116. HILST, 2018a, p. 193.

o outro, circunscrevia espaços entre o centro e a direita. Acerca de como houve a instauração desses limites, pouco ou quase nada sei... *vezenquando*, contudo, eles pisoteiam-se em confusão e, com isso, há disputas por mais espaço e menos comprometimento com a população.

Ainda assim, um vão de escada faz-se habitáculo apropriado para o desembrulho de qualquer relutância (especialmente aquelas travestidas em justificativas, pertinências e seus afins) em relação ao ato de literaturar. Pois bem, ambos os sítios jazem ornamentados por um trio de estantes que, por estarem assim juntinhas, elevam-se até a altura dos meus calcanhares. Essas estantes, de igual modo, forjavam, com os pedaços de escritura arrastadas para o vão, a letra U de “umbigo” e também de “unguento”; a fim de abrigar em seu centro disforme uma cama *tão, tão, tão* alta, cuja cabeceira de tom amadeirado estende-se até o teto, de onde saltam em voo livre “As máscaras de papelão” pintadas à mão.

As máscaras sem êxito miram a cama na tentativa vã de distanciar-se do perigo iminente de tocar as obedientes mesinhas de cabeceira com suas gavetas inferiores – quase rentes ao chão – que insistiam em abrigar uma coleção de revistas antigas, os jornais velhos e algumas caixas de sapatos. Em uma das vertentes do vão – agora não saberia identificar com precisão se se tratava do sítio da direita ou da esquerda. *Pouco importa*. Sustem-se uma imponente escrivaninha: plana, majestosa e isenta de qualquer poeira, mas que, ao mesmo tempo, avoluma-se em indignação diante de “Uma escrita página 13”; adiando, *vezapósvez*, a desmesura dos “Colóquios cruzados e borboletas”.

Ao lado da escrivaninha, por sua vez, encontra-se uma mesa fixada à parede, cuja forjadura da letra L parece atrair, à revelia de qualquer compreensão mais ordinária, o lixo, o livro, a lesma em “Uma escrita D.”. Aquela escrita que seria, por assim dizer, responsável pela disseminação de boas doses de derrelição que um ato de literaturar pode prever. Da única janela, que compõe a ambiência do vão –, talvez seja mais apropriado assinalar que se trata mesmo de um orifício com pretensão janelar – uma espécie de respiro para que, *vezenquando*, uma “manhã acetinada cheirando a maravilha”¹¹⁷ pudesse entrar sem precisar bater à porta e evitar participar de uma certa ritualística que envolveria um tipo de incidência sobre alguns objetos incrustados no vão, como é o caso do aquário azul turquesa, da mesinha adornada com a fotografia de um amigo já morto, ou ainda, de uma esquelética cadela escondida entre as esteiras e os caixotes de feira, que lambia e cheirava sem descanso “Uma leitura pelo avesso das coisas”. Todavia, para que a rutilância desse vão pudesse ser expandida para além dele, faz-se necessário colocar-se ereto e em silêncio, com vistas a posicionar-se entre o primeiro e o terceiro degrau da escada que – como um rio a caminho do mar – vai desaguar no vão, no chão e na solidão de um luto *tão, tão, tão* lustroso e isento de qualquer comiseração.

Não por acaso, posso afirmar – sem contaminação de dúvida – que o ambiente do vão, mostra-se organizado – aparelhado, se assim preferir – pela fulguração um tanto solene de cada um desses objetos banhados, ora sim, ora não, pelas manhãs destiladas cheirando à ma-

117. HILST, 2018a, p. 195.

ravilha, à ervilha e à virilha. Assim, esses simples objetos comportam-se mais como figuras inflamadas de tropeços sem trégua e, ainda assim, mostram-se capacitados para suspender a escrita acadêmica do hábito *tão, tão, tão* arraigado dos queixumes e das sementes de linhaça, bem como de se comprazer com a costumaz verborragia explicatória que lhe parece tão própria.

Entretanto, ao arrastá-la para esse exímio espaço de uma vão de escada, o que se passa entre esses objetos e a coisa esgarçada que, *vezenquando*, pode constituir-se em uma condição *sui generis* para “ler, ver e ouvir a obra de arte [que] exige mais ignorância e um dom que não é dado de antemão”¹¹⁸. Simultaneamente enredados por esses objetos e atraídos pela sua singularidade, eles irrompem em disjunção a abundância e a variedade de alguns dejetos, que incluem: a gosma, a groselha, o nojo, a fome e tudo mais que envolve condições propícias para o desenvolvimento de uma “Teologia natural”¹¹⁹. Não necessariamente nessa ordem.

Esse espaço exímio de um vão de escada, ao disseminar escrituras entre as estantes – o aquário, a foto do amigo já morto e a cintilância da esqualida cadela – faz-se habitáculo apropriado também aos exercícios de estilo¹²⁰ para o ato de literaturar que estão situados no plano do *Rutilar*. Esses exercícios ostentam uma certa obscenidade ao recusarem-se a apenas ler e escrever para compreender. Nesse sentido, tratam-se de exercícios de leitura

118. BLANCHOT, 2011a, p. 208.

119. HILST. 2018d, p. 63.

120. QUENEAU, 2000.

e escrita, que se expõem vigilantes diante da vida: uma vida que se esvai aos poucos e por partes como as escrituras para o ato de literaturar.

Descorre, porém, que nesses exercícios repousa uma espécie de esperança abissínia e, por conseguinte, uma aposta de que há de existir em suas páginas uma resposta para a questão que me toma frente e verso: o que se passa, quando pela escritura, literatura-se uma escrita acadêmica em educação?

Por fim, mas não finalmente, tomo um vão de escada para dele fazer habitáculo, *olhobolota*, apropriado ao ato de literaturar que envolve, ainda, o abandono da totalidade e uma entrega ao desamparo das significâncias para ensaiar uma escrita pelo ato de literaturar. A escolha involuntária desse espaço exíguo está, pois, implicada em imprimir na escrita acadêmica uma certa pressão. Não qualquer pressão, mas aquela imposta pelas altas temperaturas do forjamento do aço ou de metal precioso; de modo que a escrita acadêmica se faça minimamente maleável, isto é, constitua-se em uma matéria apropriada para alguns exercícios de leitura e escrita.

Sob esse viés, a forjadura de escrituras junto à boa veia parece dar lugar ao brilho e à rutilância que não são exclusividade da esqualida cadela e derramam-se em fulguração de leituras e escritas que, inclusive, podem liberar a vida¹²¹ e, por conseguinte, a escrita acadêmica enclausurada pelas demandas de servidão e utilidade. Elas insistem em fazer-se verdades absolutas acerca não apenas da forma como se escreve na universidade, como

121. DELEUZE, 2011.

também das matérias que prefiguram.

Arrisco afirmar que, nesses instantes lustrosos de indecisão, a relutância misturada a um certo tipo de veemência pode deixar escapar, minimamente, os anseios de servidão e de utilidade, pois escrutinar um vão de escada implica em angariar distâncias, colecionar esforços, tropeçar em pedaços, enroscar nas lascas e restos, a fim de esquivar, pelo ato de literaturar, a escrita acadêmica em educação do seu apego à compreensão e à submissão às normas. Ainda assim, acomodo as escrituras em pedaços na estante dos livros; mais precisamente, na última prateleira ao lado de *A leitora incomum*¹²². Acomodo-as pelas paredes como uma pintura junto ao orifício janelar. *Acomodo, acomodo, acomodo* e ainda assim escrevo pelo ato o escrutínio de um vão, no qual pode-se abrigar a vastidão de uma saudade impossível de existir lustrosa e sem fim.

122. WOOLF, 2020.

Colóquios cruzados e borboletas

*Mas se eu não escrever isso
não vou compreender.*

David Grossman. *Fora do Tempo*. (2012, p. 70).

Uma distância arde em meus pés: ela é herdeira das escrituras dos preclaros. Apruma. A coisa esgarçada *escapa, escapa, escapa*; mostra-se cada vez mais apropriada a uma escrita pelo ato, que se faz de difícil trato. Tal qual o ato de literaturar implicados com “As máscaras de papelão” e com “O escrutínio de um vão de escada”, busco abandonar as respostas imediatas para assumir, de braços abertos, uma escrita que se alarga, *vezapósvez*, para além do vão de escada; afirmando: *estou viva, estou viva, estou viva*; embora tudo pereça e permaneça. Ninguém mais pode fazer nada, e agora, ainda há pouco, em uma distância de segundos, eu não tinha espessura alguma. Todavia, ainda podia contar com a tradição filosófica e a literária também (os clássicos são incontornáveis, disse-me as mãos de Jorge); e, assim, insisto em escrever para além

do caco de vidro ou da pedra sabão para indagar:

– Para onde vai, então?

– Para o vão.

– Para lá?!

– Sim. Lá no vão. Lá está a resposta e as perguntas também: *todasjuntinhasarrumadinhas*.

– Então ... olha esse chão, olha! É nesse chão que estamos morrendo, não é?!

(derrelição)

– Diga alguma coisa, por favor!

– Era *tão, tão, tão* vermelha, que parecia sangrar.

– Eu sei, era ela: a coisa esgarçada e mais nada.

Os dois se olham: o rosto dele brando e calmo busca a porta; já o dela parecia descer azuis escadas. Ficam de pé e salivam como se transpirassem as palavras não ditas, as malditas e aquelas cravejadas de amarguras endurecidas. Assumem – num átimo – que já atingiram a coragem suficientemente tola para não permanecerem ali. Levantam-se, empurram os pratos, a injúria e acendem um céu azul com as mãos embrulhadas em um livro:

Era uma borboleta. Das azuis, verifiquei com alegria. Segurei-a entre o polegar e o indicador e soltei-a pela janela. Esvoaçou por alguns segundos, em uma hesitação perfeitamente natural, já que nunca antes na sua vida estivera sobre um telhado. Quando percebi isso, subi na janela e alcancei as telhas para aconselhá-la.¹²³

– Concordo com seus conselhos... o que mais posso dizer?!

– Mas ainda não concluí meu pensamento.

– Prossiga, então.

– Penso que o mais apropriado, no entanto, seja defender que a escrita, em sua adjetivância acadêmica, possa, também, constituir-se para além das demandas de utilidades e servidão sempre renovadas a cada nova edição das normas e agonias da educação.

– Hummm.

– Então, deixe-me ser mais direto: é preciso romper com a dura cartilagem da escrita acadêmica em educação; tensionar a submissão à transparência e à objetividade científica.¹²⁴

– Entendi... mas e as teses, as dissertações? Pergunto ainda: e as publicações? Como ficam as “coisas” por fazer, se a escrita não assumir sua função de instrumentalidade, o que mais ela poderia ser?

123. ABREU, 2002, p. 69.

124. BARTHES, 2012.

Ato de literaturar: entre 1,2,3

*A escritura não é uma função da linguagem;
ela é, justamente, desfuncionalização da
linguagem. Ela explora, não as “riquezas
infinitas” de uma língua, mas seus pontos de
resistência, ela força a língua a significar o
que está além de suas possibilidades, além de
suas funções.*

Leyla Perrone-Moisés.
Texto, crítica, escritura. (1978, p. 44).

É sempre entre escrituras.
Entre a leitura e a escrita. Entre um vão de es-
cada e a educação. Entre a escrita acadêmica e
as multiplicidades de escrituras arrastadas para
um vão. Entre os arranjos da crispação e os arranjos do
espanto como desvios de uma escrita tocada por leituras
em desmesura de violência para não se agregar. Pode-se
dizer, sem contaminação de dúvida, que o deslocamento
para um vão de escada é um disparador, por assim dizer,
da feitura do ato de literaturar, na medida em que arrasta

a escrita acadêmica para esse espaço exíguo, afastando-a do centro de cansaços e servidões sempre renovados a cada rebulição de nuvens; para atravessá-la pelas múltiplas escrituras oriundas tanto da crítica literária, quanto da literatura de autores diversos.

Esse atravessamento, por sua vez, acaba por disseminar pelo vão uma certa fragmentação, “que não é nunca única, mesmo que quisesse sê-la. Ela não está escrita em razão de nem tendo em vista a unidade de. Tomada em si própria, é verdade, ela surge em sua fratura, com suas arestas cortantes”¹²⁵. Logo, trata-se de uma fragmentação que toma tanto as multiplicidades de escritura quanto a própria escrita acadêmica em educação, de modo a expressar-se pelo ato de literaturar, como uma escrita aos pedaços, aos restos e impregnada de uma sedução colocada em jogo, *vezapósvez*, ao tensionar os valores de totalidade e unidade tão caros à cientificidade moderna.

Nesse sentido, o ato de literaturar que irrompe entre a escrita acadêmica em educação e as escrituras tende a prefigurar-se mais pelo despedaçamento do que pela inteireza, de modo que tanto a leitura quanto a escrita possam apresentar-se implicadas com uma montagem erigida entre três movimentos, que não estão, de modo algum, amarrados a qualquer simultaneidade e, menos ainda, pela linearidade. As escritas pelo ato de literaturar não apresentam-se “isoladas e dissociadas a tal ponto que não podemos passar de uma a outra ou somente por um salto e tendo a consciência de um difícil intervalo,

125. BLANCHOT, 2010, p. 42.

elas no entanto trazem consigo, em sua pluralidade”¹²⁶. Portanto, este ensaio implica-se com o ato de literaturar erigido entre três movimentos.

Movimento 1: uma escritura aos pedaços

A noção de escritura, em Roland Barthes, é extraída da obra *O grau zero da escrita*¹²⁷. Essa noção barthesiana não visa a representar o mundo, tampouco efetivar sua decifração, podendo, desse modo, tensionar a leitura e a escrita como representação¹²⁸. Ademais, assume-se como um tipo de escrita intransitiva, que nada quer comunicar, no sentido de enclausurar-se em citações, que podem apenas reiterar uma verborragia explicatória e pouco afeita às rupturas do que já escrito foi. Assim, essa noção barthesiana guarda consigo uma força implicada em fazer com que a escrita acadêmica em educação, ao ser atravessada pela escritura, abra-se para literaturar a si mesma. Atravessar a escrita acadêmica pela escritura constitui-se como um dos atos pelos quais o literaturar movimenta a escrita acadêmica em educação para que ela possa continuar.

No entanto, essa continuidade da escrita acadêmica em educação, movimentada pelo ato de literaturar, constitui-se menos pela complementaridade – no sentido de buscar uma totalidade – e mais pelos excessos, isto é,

126. BLANCHOT, 2010, p. 42.

127. BARTHES, 2004.

128. PERRONE-MOISÉS, 2007.

pelo que irrompe entre a escrita acadêmica e a multiplicidade de escrituras que a atravessam de distintos modos, fazendo-a *transbordar, transbordar, transbordar* em uma fragmentação de restos e de pedaços. Com isso, trata-se de um atravessamento pela escritura que pode tensioná-la, de modo a despossuí-la, mesmo que momentaneamente, dos propósitos de servidão e utilidade e daquela reiterada obstinação de uma verborragia explicatória para, quiçá, fazê-la mais aproximada da vida, enquanto a coisa esgarçada.

Para o autor de *Aula*¹²⁹, a literatura, a escritura e o texto formam um corpo único. Essa asserção já é em si mesma uma subversão, isto é, um embaralhamento de espaços assumidos como separados quando considerados apenas como “elementos” que constituem uma área de conhecimento. Já a equivalência entre os termos *literatura, escritura e texto* faz-se importante e precisa ser destacada, especialmente quando se pensa a literatura a partir de um borramento das fronteiras entre a escrita literária e a escrita de crítica literária. Na esteira desse “borramento” é que o crítico literário francês Roland Barthes vai defender uma escritura em seu grau zero¹³⁰.

Seguindo a discussão acerca da função do escritor, na obra *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari explicitam que “um escritor não é um homem o escritor, é um homem político, é um homem máquina é um homem experimental”¹³¹. Sendo assim, o escritor –

129. BARTHES, 2013a.

130. BARTHES, 2004.

131. DELEUZE; GUATARI, 2017. p. 13. grifo nosso.

além de constituir-se em meio a uma escrita intransitiva implicada em produzir nada, falar sobre nada, explicar nada – pode afirmar-se também pela necessidade de experimentação constante, advinda dos atos de uma escrita que se expressa em outras formas.

Nesse sentido, o ato de literaturar toma a escrita acadêmica menos pela sua inteireza e mais pela multiplicidade de escrituras, que, aos pedaços, aos restos, pelas sobras e lascas, podem distanciá-la, minimamente, das escritas e linearidades machucadas, podendo, também, ensaiá-la em distâncias daquilo que já foram quando se expressam apenas pela inteireza; noutras vezes, contudo, teimam em manter-se intactas; sem, contudo, permanecerem as mesmas.

Logo, é pelo movimento de ser atravessada pelas múltiplas escrituras que a escrita acadêmica em educação se faz aos pedaços, aos restos e, por conseguinte, pode ensaiar a traição de si mesma com as escrituras de autores da literatura, da crítica literária e também da filosofia. Trata-se de um movimento ainda não realizado e junto ao qual cabe a escrita acadêmica responder, mas recusa-se a fazê-lo. Essa recusa acontece em grande medida porque a escrita feita na universidade pode também ser destituída dos anseios de totalidade, de modo a expor, *vezapósvez*, a própria derrelição disseminada pelo ato de literaturar. Nesse sentido, ela mostra-se, inclusive, em desacordo com as obras lidas, ou seja, ela passaria a “girar em torno de um mal-entendido”¹³². É justamente esse movimento de uma escritura aos pedaços – atra-

132. BLANCHOT, 2011b, p. 19.

vessando a escrita acadêmica – que ensaia uma escrita pelo ato de literaturar, haja vista que tanto a escrita acadêmica quanto as multiplicidades de escrituras que a atravessam, de distintos modos, tendem a provocar uma espécie de derrelição a cada reescrita. Se a noção de escritura¹³³ trata-se de arrastar pela leitura a escrita, o ato de literaturar trata-se também de arrastar pela leitura a escrita. Todavia, esse “arrasto” se faz em derrelição, isto é, se faz provocando, *vezapósvez*, o abandono da servidão e da utilidade sempre renovada pelos anseios de produtividade e competitividade. Vale explicitar, ainda, que a derrelição pode operar abruptamente; especialmente, quando se depara com escritas e leituras empedradas em umbigos desde os tempos remotos, quando se adorna dos desesperos dos aflitos pelas certezas ou quando se banha na salgadura das notas de rodapé. Por fim, entre a escrita acadêmica e as escrituras que a atravessam há um movimento pelo qual irrompe uma certa abertura para ensaiar a escrita acadêmica pelo ato de literaturar irrompe *de novo, de novo, de novo*.

Essa escrita pelo ato impõe-se de modo que o ato de literaturar instaura um tipo de abandono que não busca a permanência, fazendo escapar pela escritura uma escrita acadêmica minimamente distanciada de si mesma. A derrelição deixa para trás a ânsia por totalidade, cujos anseios pela unidade tendem a aprisioná-la. Trata-se de uma escrita que se impõe pela sua reescrita constante e insistente para a feitura de uma palavra indiferenciada. Nesse sentido, uma escritura aos pedaços aproxima-se sobremaneira dos procedimentos de escrita adotados

133. BARTHES, 2004.

por escritores como o argentino Júlio Cortázar (1914-1984)¹³⁴ e o norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961)¹³⁵, uma vez que ambos “afirmam no espaço público a palavra indiferenciada”¹³⁶.

Pelo atravessamento da escritura, a escrita acadêmica em educação mostra-se, como já mencionado, menos pela sua inteireza e mais pelo seu caráter de inacabamento e, portanto, aberta a movimentar-se em tantas direções quantas lhe aprouver, na medida em que não persegue uma ideal a ser efetivado e apenas pervaga a si mesma em derrelição. Para o ato de literaturar, que irrompe entre a escrita acadêmica em educação e as escrituras, faz-se imprescindível uma reiterada obstinação pela reescrita, ou seja, lê-se e escreve-se *de novo, de novo, de novo*.

Assim, *de novo, de novo, de novo* uma escrita pelo ato *escreve, escreve, escreve* a si mesma para distanciar-se do que já fora; porque como vaticina o expírito: “em nome da escritura, literatura-se”¹³⁷ a escrita acadêmica, fazendo-a transbordar desmesuradas leituras e escritas.

Movimento 2: a forjadura de uma boa veia

O movimento 2 do ato de literaturar, denominado a for-

134. ENTREVISTAS, 2011.

135. ENTREVISTAS, 2012.

136. Ó, 2019, p. 242.

137. CORAZZA, 2020a, p.25.

jadura de uma boa veia, configura-se em uma espécie de disseminação que ocorre entre as escrituras aos pedaços e a escrita acadêmica em educação; quando elas entram em “Um curto-circuito” ao serem forjadas em uma boa veia. Trata-se, na verdade, de um movimento implicado em efetivar o abandono da busca pela totalidade, de modo que se possa tomar tanto a leitura quanto a escrita em sua vertente acadêmica como uma incongruência que, ora sim, ora não, “opõe termos a termos, mas não para daí chegar a totalidade em que o a favor ou o contra se reconciliem ou se se fundem: *para tornarmos responsável pela irreduzível diferença.*”¹³⁸, que ganha a sua expressão pela forjadura de uma boa veia.

Pela irreduzível diferença, forja-se as vísceras de uma escrita que não pode, simplesmente, abrigar-se em definições estanques do comum ou do literário¹³⁹, pois, que tomada pela escritura aos pedaços, busca respirar os ocres e tropeçar nas incongruências de si mesma para fazer-se tão somente uma escrita pelo ato de literaturar. Importa explicitar ainda que tudo isso se passa em um rebuliço de nuvens que avança pelos propícios buracos de outrora, ou seja, uma escrita pelo ato de literaturar tende a apossar-se do ouvido, da boca, dos olhos, do nariz e de tantas outras cavidades lustrosas e umedecidas de uma boa veia. Dessa forma, tal escrita parece romper “as palavras exatas, várias letras unidas, encadeadas, pequenas ou extensas palavras, [arrancando] de dentro de si mesma as teias finíssimas, inteiriças que ali repousavam”.¹⁴⁰

138. BLANCHOT, 2010, p. 44, grifo nosso.

139. BLANCHOT, 2011b, p. 82-93.

140. HILST, 2018b, p.69.

Ainda acerca das escrituras feitas aos pedaços, quando são forjadas em uma boa veia, elas se mostram enrugadas e lisas, úmidas e ressequidas, contudo, parecem manter-se inflamadas de uma certa vileza e confusão, podendo, assim, disseminar, pelos movimentos da escritura, um tipo de derrelição até bem depois do azul seboso, ou seja, podem disseminar uma fruição literária e filosófica. Esse movimento de leitura e escrita, com vistas a fruição, é o que confere, *vezapósvez*, “liga” aos pedaços, restos e sobras das escrituras que, ali abrigadas, agora constituem uma boa veia e, como tal, apresenta duas condições para a sua efetivação. Uma condição está implicada em mostrar-se *tão, tão, tão* desobrigada da servidão, que pode – agora aos pedaços, aos restos, virada em sobras – apresentar-se, sim, de difícil trato, ou seja, ela pode *escapar, escapar, escapar...* A outra condição, por sua vez, implica-se diretamente com os obstinados atos de escrita e de leitura. Trata-se, portanto, ler para escrever, de novo, de novo, de novo, quando se literatura uma escrita acadêmica em educação.

O que quero explicitar – sem calma e sem hesitação – é que a forjadura de uma boa veia esta implicada, diretamente, com a desmesura de leituras e escritas em uma reescrita constante, cujos movimentos provocam um curto-circuito, tanto da escrita acadêmica quanto das escrituras que a atravessam ao serem forjadas em uma boa veia. Logo, parecem sustentar uma certa vileza a confusão, haja vista que, despossuída de uma unidade, a boa veia vai se “montando à medida que escreve, sem fazer a menor ideia do que será o resultado. Tudo muda quando se move [...]. Às vezes é um movimento tão lento que nem parece mover-se. Mas há mudança, e sempre há o

movimento.”¹⁴¹

Logo, para a forjadura de uma boa veia *não há outra coisa senão a reescrita constante e ponto*, pois é preciso confiar quando, tanto a leitura quanto a escrita, aproximam-se mais daquilo que Roland Barthes defende como uma trapaça salutar, pela qual se pode “ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem¹⁴². Uma trapaça forjada pela boa veia instaura um curto-circuito à escritura-pedra, escritura-chave, escritura-vão e à escritura-chão, que se avoluma entre inflamados toques gelados dessa forjadura, que é dura e ainda assim frágil, tênue como uma linha que escrever a si própria em sangue de riso fervente, escorrendo, por vezes, em direção determinada. Em outras ocasiões, contudo, irrompe já vitrificada, espalhando-se por todos os cantos de um vão de escada.

(derrelição)

- Então é isso: uma escrita acadêmica aos pedaços?
- Se está se referindo que a escrita acadêmica parece estar aos pedaços, no sentido de uma exaustão, tem razão. Haja vista que, de distintos modos, ela é tomada por variadas agruras, mostrando-se – por vezes – exaurida pelas citações e os queixumes verborrágicos das denúncias. Pode-se dizer que se encontra mesmo um tanto

141. ENTREVISTAS, 2011, p. 81.

142. BARTHES, 2013a, p. 17.

despedaçada.

– Não foi isso que eu quis dizer...

– Eu sei... estou brincando. Uma escrita acadêmica atravessada pela escritura, cuja heterogeneidade constitui-se tanto por matérias literárias, quanto por matérias filosóficas. Sendo mais didático: sabe os excessos, os restos, os pedaços, as lascas que saltam da escritura (pela leitura que arrasta a escrita, ao serem forjadas pela boa veia)? Elas podem assumir uma outra espessura: fina e frágil e, ainda assim, caudalosa em proliferação, quando atravessam a escrita acadêmica em educação. Pode-se dizer, portanto, que a forjadura de uma boa veia coloca um curto-circuito entre a escrita acadêmica e as escrituras que a atravessam. Assim, pois, monta-se uma escrita pelo ato, que tem na forjadura de uma boa veia sua força e também sua fragilidade para ensaiar o ato de literaturar.

– Hummm ... me fale mais sobre essa boa veia.

– A boa veia forja os pedaços das escrituras, pelo curto-circuito do ato de literaturar, visando a conduzi-las aos pedaços e aos restos para a reescrita, que busca um ponto equidistante, a partir do qual se sabe que tem que prosseguir¹⁴³. Trata-se de largar com determinação e sem exatidão de segurança, no sentido de deixar abandonar-se em derrelição, *vezapósvez*, a via apenas de compreender para saltar em direção à uma fruição literária e filosófica.

– Qual é esse ponto?

143. ENTREVISTAS, 2011, p. 58-59.

- O ponto de equilíbrio entre a solidez e a fragilidade, de modo que, tanto a escritura, quanto a própria escrita acadêmica, não “se rompam, deixando-nos de mãos vazias”¹⁴⁴.
- Ah ... Tá!

(derrelição)

Esse texto, não vou explicá-lo. Vou apenas enunciar alguns fragmentos, que serão como saídas do texto. Esses fragmentos estarão em estado de ruptura, mais ou menos acentuada uns em relação aos outros; não tentarei ligar, organizar, essas saídas e para estar seguro de frustrar qualquer ligação (qualquer planejamento de comentário).¹⁴⁵

Em relação ao movimento de forjadura, há também a implicação de uma instabilidade que se apresenta como condição subjacente para a forjadura desses mesmos fragmentos (assumidos pelo ato de literaturar como pedaços, restos ou mesmo sobras de escrituras que transbordam pela leitura que se faz escrita). Ao atravessarem a escrita acadêmica, pelo ato de literaturar, tais fragmentos tendem a configurá-la em “matéria” de fino e de difícil trato para ser ensaiada pelos exercícios¹⁴⁶ de escritas e de leituras, fazendo-a uma escrita pelo ato. Portanto, a

144. ENTREVISTAS, 2011.

145. BARTHES, 2012, p. 300.

146. QUENEAU, 2000.

forjadura de uma boa veia constitui-se mais do que um receptáculo apropriado, por assim dizer, para a multiplicidade de escrituras que ela forja. Assim, tanto a escrita acadêmica como as escrituras aos pedaços, aos restos, em partes – quando forjadas em um boa veia – podem irromper nos arranjos para os desvios da escrita. Logo, pode-se afirmar, diante da problemática de pesquisa: *o que se passa quando, pela escritura, literatura-se a escrita acadêmica em educação?*, uma vez que a forjadura de uma boa veia está diretamente implicada com a disseminação de uma fruição literária e filosófica.

Nesse sentido, a cada rebuliço de nuvens, a cada escudo erigido entre a leitura e a escrita, a cada distraída distorção que se estende por tudo, uma escrita pelo ato literatura-se pelas *repetidas, repetidas, repetidas* vezes, ou seja, de novo, de novo, de novo (um perigo, *por supuesto*).

Movimento 3: os arranjos para os desvios da escrita

Trata-se, nesse movimento, de operar desvios na escrita acadêmica em educação pelas vias de dois arranjos, que tomam a palavra para impor-se, ora pelo efeito de contrair-se espasmodicamente, quando se mostram em escrituras *sobreposobrepostasobreposta* (arranjo-crispação), ora pelo efeito de assombrar-se diante de algo que não se espera (arranjo-espanto). Em ambos os casos, há a imposição de uma certa vileza e confusão ao que se lê e escreve, isto é, os desvios expressam o abandono às formas consagradas de escrita na universidade. Essas duas modalidades de arranjos operam desvios na escrita

acadêmica, ou seja, elas ensaiam, pela escritura, desvios para escrever a leitura¹⁴⁷, de modo que a escrita acadêmica possa exercitar-se (no sentido dos exercícios de leitura e escrita) *tão, tão, tão* dissoluta e, mesmo assim, manter o *rigoracadêmicocientífico*.

Os arranjos compõem-se de duas modalidades que, ao ensaiar-se pelo ato de literaturar, “supõe uma outra relação, que não depende das condições objetivas, nem das disposições subjetivas”¹⁴⁸, na medida em que transborda a simples questão de significância para assumir-se enquanto uma fruição literária e filosófica.

Nesse sentido, uma escrita pelo ato aproximaria-se do ato literário definido por Maurice Blanchot, a partir da noção de neutro. Para o autor de *A conversa infinita 3: a ausência do livro, o neutro e o fragmentário*¹⁴⁹, a literatura está implicada com o “ato literário que não é nem de afirmação, nem de negação [...] libera o sentido como simulacro de sentido”¹⁵⁰. Logo, uma escrita pelo ato de literaturar, trata de reiterar que a proximidade com o ato literário, possibilitaria investir em desvios de escrita, pois que esses desvios disparam um “arranjo de tipo novo, que não seria o de uma harmonia, de uma concórdia ou de uma conciliação, mas que aceitará a disjunção ou a divergência”¹⁵¹.

147. BARTHES, 2012.

148. BLANCHOT, 2010, p. 30.

149. BLANCHOT, 2010.

150. BLANCHOT, 2010, p. 37.

151. BLANCHOT, 2010, p. 43.

Logo, esse arranjo visa a dar a ver que:

aquilo que fala essencialmente nas coisas e nas palavras é a Diferença, secreta porque sempre diferindo de falar é sempre diferente daquilo que significa, entretanto, igualmente tal que tudo que faz signo e se faz signo por sua causa, dizível apenas indiretamente: operando no desvio da escrita¹⁵².

Na esteira do ato literário proposto por Blanchot, se engendra os movimentos para os desvios de uma escrita pelo ato de literaturar, que se mostram tão tênues, tão frágeis, *tão, tão, tão* desprovidos de certezas últimas, que, no instante em que o ato de ler mostra-se, *quase, quase, quase* desunido de certezas, sabe-se – sem contaminação de dúvida – que irrompe um arranjo outro¹⁵³ da minha carne de pétala fendida e mistura-se a gosma, ao nojo e a rosa. Em momentos como esse, ordinariamente, vacilo e, mesmo assim, permito-me tocar a espessura instável e movediça de tudo que transborda dos pedaços de escritura para impor-se pela inequívoca vitalidade e por um indescritível vigor circunspecto da coisa vida: a coisa esgarçada e mais nada.

Para a professora Leyla Perrone-Moisés, “a visão da arte e da literatura, em Blanchot, é orientada pelas forças do ‘negativo’ e do ‘neutro’, fazendo com que elas possam subsistir, como contestação”¹⁵⁴ de si mesmas. Nesse sentido, os desenhos disseminados no texto de tese se

152. BLANCHOT, 2010.

153. BLANCHOT, 2010.

154. PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 23.

constituem enquanto um arranjo para o desvio da escrita acadêmica em educação, que irrompem entre os dois arranjos já citados. Eles não podem ser assumidos como simples ilustrações do texto de tese, tampouco se pode desconsiderar a sua condição de escritura. Logo, esses desenhos, enquanto uma escritura do ato de literaturar, teriam a função, por assim dizer, de amalgamar a literatura e a arte em imagens, cuja musculosidade de pontos pequeninos intui o pássaro, a flor e um risco em minhas omoplatas partidas. Essas imagens¹⁵⁵, por assim dizer, são escrituradas pela dispersão de *muitos, muitos, muitos*, pontos... não de palavra, apenas o ponto do qual se sabe tanto e tão pouco. Para assim tomar as minusculezas desses pontos pequeninos, amalgamá-los às distintas proporcionalidades da saliva, do suor, da gosma, do nojo e também de uma rosa. Afinal, *vezououtra*, há presença das lágrimas de paralelepípedo que não impedem – mesmo com a dureza que lhes são próprias – a un-

155. constituem-se enquanto escrituras ensaiadas pelo ato de literaturar. Elas têm a sua feitura situada entre os intervalos de leitura e de escrita de cada um dos ensaios que compõe esta tese. Esses intervalos, por sua vez, eram circunscritos, sobretudo, por momentos pelos quais as palavras mostravam-se pouco aderentes ao papel, chegando mesmo a tornarem-se insuficientes para enfrentar os cansaços da servidão e do utilitarismo de uma escrita acadêmica em educação. Assim, a escritura, literatura essas imagens, que busca compor-se enquanto mais um elemento de fruição literária e filosófica de uma escrita pelo ato de literaturar. Trata-se, portanto, de pelo ato de literaturar atravessar mão, boca e umbigo em derrelição. Assim de frente mesmo, essas imagens, ensaiados pela escritura, *vezououtra*, faz-se *tão, tão, tão* dispersas, filigranadas em pontos e mais pontos, cuja união só é possível pelos atos de uma escrita.

tação de cada uma dessas imagens¹⁵⁶ com o melão de algazarra dos risos pela noite a fora. Esses pontos que se situam “aquém ou além da compreensão”¹⁵⁷ escorrem da minha mão, boca e umbigo em derrelição para compor as 24 imagens de escritura de uma escrita pelo ato.

(derrelição)

Novamente, operar desvios na escrita acadêmica por um “arranjo de tipo novo, que não seria o de uma harmonia, de uma concórdia ou de uma conciliação, mas que aceitará a *disjunção ou a divergência*”¹⁵⁸.

- Me fale mais sobre esse *arranjo de tipo novo*, onde o encontramos?
- Não o encontramos; tampouco o achamos. Inventamo-lo.
- Mesmo diante de uma escrita incrustada em uma nota de rodapé?
- Sim..
- Entendi, então, que, para que esse novo arranjo possa existir, é preciso “inventá-lo”?

156. Toma-se a escritura como imagem no sentido atribuído pelo crítico literário francês Roland Barthes na obra *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia* (2015).

157. BLANCHOT, 2011a, p. 213.

158. BLANCHOT, 2010, p. 43, grifo nosso.

– Sim: inventá-lo, ou se preferir, literaturá-lo.

(derrelição)

Esses arranjos funcionam ainda como uma espécie de es-crutínio das escrituras, que tende ao apagamento das mar-cas de quem o lê e também de quem o escreve, ou seja, da necessidade de fixar-se na identidade de um autor; uma vez que também a “escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-pre-to em que vem perder toda a identidade, a começar pelo do corpo que escreve”¹⁵⁹, ou seja, trata-se apenas de alguém que escreve, destituído, por assim dizer, da identidade do autor.

Nesse sentido, o abandono da tagarelice e da verborragia explicatória talvez possa não agradar aos discutidores de plantão, aqueles que dificilmente recuam diante do pri-vilégio de sancionar a palavra final: conhecida também como a verdade. No entanto, essa palavra pode esvair-se indefinidamente pelos entres, de modo que os pedaços de escritura, forjadas em uma boa veia, podem disparar no-vos arranjos. Afinal, vale lembrar que é em “em nome da escritura [que], literaturar-se”¹⁶⁰ o que se passa entre a flor e a semente de linhaça que desce azuis escadas nas nossas entranhas.

159. BARTHES, 2012, p. 57.

160. CORAZZA; 2020a, p. 25.

A coisa esgarçada: a vida e mais nada

As coisas têm peso, massa, volume, tamanho, tempo, forma, cor, posição, textura, duração, densidade, cheiro, valor, consistência, profundidade, contorno, temperatura, função, aparência, preço, destino, idade, sentido. As coisas não têm paz.

Arnaldo Antunes. *As coisas*. (1998, p. 91).

Até o dia em que desista de compreender, tudo para a coisa esgarçada é uma batalha para sobreviver diante das palavras de esperança. No entanto, o que importa, de fato, é a escritura da coisa esgarçada, farejando os buracos de manhãs acetinadas. Nada mais de palavras de felicidades desfeitas; importa à escritura da coisa esgarçada, fazendo-se besta de compreensão. *Nadamaisnadamaisnadamais*. Assumo mesmo é o tropeço, a queda, o *olhobolota* revirando para cá e para lá. Enfim, adentro em um vão com o coração e as vísceras saindo pela boca, tomando a minha mão e inflamando as escrituras abrigadas em meu um-

bigio.

Não compreendo e tento chegar mais perto, *olhobolota*.

Não compreendo e tento chegar mais longe, *olhobolota*.

Não compreendo, mas *tento, tento, tento, olhobolota*.

Há momentos que *poucoimporta* a passagem dos dias ou a verborragia imprópria. Sóbria dos deveres, vaticinada da coisa esgarçada, mostro-me *tão, tão, tão* capacitada a resolver problemas, contar histórias, asseverar verdades e narrar realidades, desconsiderando, assim, qualquer dilema que surja, *vezapósvez*, quando as escrituras abrigadas em meu umbigo – desde o tempo sem princípio – esvai aos poucos e por partes.

Trata-se da literatura.

Trata-se da vida.

Trata-se de literaturar.

Trata-se mais e ainda da literatura e da vida¹⁶¹ acopladas, de modo tal, que não se separam mesmo diante da banalidade mais banal com que possa deparar-se. Entre os círculos diminutos ao meu redor, a literatura e a vida, colocadas lado a lado, podem ser facilmente confundidas com solícitas companheiras, amigas de longa data ou ainda reconhecidas como irmãs verdadeiras. Entretanto, diante de um exame minucioso de todos os orifícios entre a boca e o umbigo, entre choros contidos e o riso ereto, entre as verdades empedradas e o nojo exacerbado, a literatura e a vida, esse arremedo de nada só pode

161. DELEUZE, 2011.

assumir-se como coisa esgarçada e, *vezoutra*, apresenta-se maldita e danada, ocorrendo, ainda, de mostrar-se muda e delicada.

Sim: a literatura não está dissociada da vida. Contudo, aquela não estaria a serviço desta, muito menos ainda a literatura representa as “coisas”, as “gentes” e muito menos ainda as sentimentalidades machucadas. Logo, para o filósofo Gilles Deleuze, importa não a fazer refém de uma narração imprópria pela qual conta-se “as próprias lembranças, suas viagens, seus amores, sonhos e fantasmas, pecar por excesso de realidade ou imaginação é a mesma coisa”¹⁶².

Para que haja uma escrita pelo ato, as frases de efeito podem, ora sim, ora não, se apresentar como coisa crua e viva, a ser liberada a cada leitura e a cada escrita de exercícios que ensaiam a irredutível diferença. Uma escrita pelo ato, cujas passagens se fazem lisas e estriadas pelas vias de uma maldade exacerbada. Para uma escrita pelo ato, a literatura e a vida podem pactuar da mesma espessura translúcida, opaca e, ainda assim, delineada. Para uma escrita pelo ato, a literatura e a vida podem também impor limites precisos para irromper em derrelição pela mão que escreve em vão (digo sem propósitos de salvação). Enfim, para uma escrita pelo ato, trata-se de tão somente fazer valer em doses distintas a simultaneidade dos tropeços, ante ao que se lê e ao que se escreve, ou seja, dar passagem¹⁶³ entre a literatura e a vida à vileza e à confusão para impor, *vezapósvez*, uma certa obsceni-

162. DELEUZE, 2011, p. 12-13.

163. DELEUZE, 2011.

dade de literaturar a coisa vida, a coisa vão, a coisa literatura, a coisa pedra, a coisa chão, a coisa morte heroica, como nos lembra o fragmento de “Ode Fragmentária”:

morremos sempre
 O que nos mata
 São as coisas nascendo:
 Hastes e raízes inventadas
 E sem querer e por tudo se estendendo
 Rodando a minha
 Subindo vossa escada.
 Presenças penetrando na sacada¹⁶⁴.

No entanto, a vida, pela literatura, forja pelas escrituras, em uma boa veia, também a morte; em razão disso, distorço-me quando a fragilidade se junta à coisa esgarçada; distorço-me quando a obscenidade se junta à língua embolada; distorço-me quando as frases se juntam ao punhal no meu peito; enfim, distorço-me quando os pedaços não se juntam a mais nada e o fragmentário¹⁶⁵ se impõe com veemência.

Contaminada estava por uma espécie de relutância para principiar nesse espaço tão exíguo quanto vasto do vão da escada e também da sua mão. Coube a escritura ensaiar um ato de literaturar. Ensaçada ariana. Ensaçada uma fêmea de esplêndida beleza; deixando de ali ficar empedrada, sem movimentar-se para lá ou para cá. Mistura-se à coisa esgarçada, ou seja, ao excesso de vida que transborda da literatura, pois “extravasa qualquer ma-

164. HILST, 2017, p. 136-137.

165. BLANCHOT, 2010.

téria vivível ou vivida”¹⁶⁶. A coisa esgarçada é o fluxo de uma vida que irrompe pela escrita como ato de literaturar.

Anseio o despropósito da coisa esgarçada, a qual, por si só, pode mostrar-se crua e torpe, e, na medida em que se faz cúmplice dos aflitos, se faz benquerença de dejetos, se faz violência pelas tripas expostas em calçada de um *Rútilo Nada*¹⁶⁷. Sei eu: não ignoro. Estamos, eu e você – ensaiando um ele difuso – “como recurso a [...] escrita sem discurso, traçado sem traço, [que] retoma na neutralidade de seu próprio enigma”¹⁶⁸ uma fúria alagada, uma voracidade – essa mesmo da coisa esgarçada – possibilitada pelo lampejo de rutilância em desespero e poesia. Embora não se possa estabelecer vínculos de fidelidade quando estamos diante daquilo que ainda nome não tem e que se configura, ora sim, ora não como – simplesmente – “A coisa esgarçada: a vida e mais nada”, e se fazendo sedenta bebe a si mesma nas próprias entranhas. Haja vista que:

Bebendo a vida, invento casa, comida
E um mais que se agiganta, um Mais
Conquistando fulcro potente na garganta
Um látego, uma chama, um canto. Ama-me.
Embriagada, Interdita. Ama-me. Sou menos
Quando não sou líquida.¹⁶⁹

166. DELEUZE, 2011, p. 11.

167. HILST, 2018b, p. 307-322.

168. BLANCHOT, 2010, p. 44.

169. HILST, 2017, p. 472.

Um curto-circuito

*A língua babosa quer sorver humores, espar-
rama-se lânguida-espessa sobre um corpo fê-
mea, diz palavras inúteis, mentirosas, repete
amada amada mas sabe que aquela que está
ali é apenas o unguento de uma tarde.*

Hilda Hilst. *Kadosh*. (2018a p. 183).

Um curto-circuito que toma a escrita acadêmica em educação pelas vias da escritura, transborda em cada palavra a cor vermelha, para queimá-la por inteira. Um curto-circuito que impõe em cada fundo de imagem, a cor negra, a colapsá-la derradeira. Um curto-circuito que ensaia em cada leitura, a cor branca, a intervalá-la sobremaneira.

Trata-se de um curto-circuito para *fazerentender* que não há como separar, divisar, afastar em vigor de cimentação os limites entre as linguagens que ora tocam flores em seus ocres e sementes vermelhas, ora postam-se resolutas das objetividades literais de sentidos *tão, tão, tão* úni-

cos. Acontece de nada provocar além de uma armadilha dourada e tão bem instaurada pela escrita acadêmica em educação em que talvez seja mesmo mais apropriado pactuar com as incongruências das múltiplas e variadas formas de escrever, para – quem sabe – articular texto, escritura e literatura como tão bem fez Roland Barthes ao afirmar que essa tríade não tem fronteiras definidas, porque a vileza de uma toma a confusão de outra, pela escritura que literatura.

Trata-se, desse modo, de arrastar também para o vão de escada os tensionamentos acerca da linguagem literária e da linguagem comum discutidos por Maurice Blanchot (1907-2003), crítico literário francês, no ensaio “A linguagem da ficção”¹⁷⁰. Essa discussão toma a minha boca como muda fosse para instaurar um tipo de volatilização dos limites *entre* essas duas linguagens. Portanto, torna-se importante perguntar acerca das possibilidades de simultaneidade entre a linguagem comum e a linguagem literária, quando “em nome da escritura, literatura-se”¹⁷¹ a escrita acadêmica em educação; dizendo de outro modo, questiona-se o quanto para a escrita acadêmica em educação essas duas linguagens apresentam-se em oposição, ou seja, estabelecem uma relação de dualidade pelo *comum-literário*, tendendo a estabelecer uma simplista relação de negação de uma pela outra; cujo efeito mais premente é o esvaziamento das forças afirmativas que cada uma delas trazem consigo. Com isso, o que se busca com esse tensionamento é deslocar-se dessa acostumada dualidade, para poder ensaiar pela

170. BLANCHOT, 2011b.

171. CORAZZA, 2020a, p. 25.

escritura, uma escrita acadêmica pelo ato de literaturar.

Junto ao ensaio “A linguagem da ficção”¹⁷², interessa a pontuação que considero importante em torno da palavra. Para Blanchot, as palavras não desempenham a mesma função e não mantêm as mesmas relações quando situadas em um romance ou no contexto de comunicação cotidiana. Para defender tal posicionamento, esclarece que a frase: “O chefe telefonou” suscitará relações distintas, caso a receba enquanto um recado da secretária, em um ambiente de trabalho, ou caso essa mesma frase fosse lida em *O Castelo*¹⁷³, romance de Franz Kafka.

No primeiro caso, a frase: “O chefe telefonou” arrasta consigo uma inferência acerca da relação de subordinação com um chefe que deseja comunicar-se com um empregado. Já na segunda frase, extraída do romance, o que está implicado é a constituição de um contexto pelo qual se toma conhecimento de uma certa administração regional, com a qual as relações do personagem principal, o agrimensor, parecem difíceis. A distância entre ambas é considerável e, mesmo sendo frases idênticas, os seus contextos são distintos. Embora estabeleça, esta diferenciação entre as duas linguagens, o autor afirma ainda que “a frase da narrativa [remetendo ao romance] e a frase da vida diária têm ambas um papel de paradoxo”¹⁷⁴; ou seja, enquanto um paradoxo não caberia estabelecer uma oposição tão estanque entre elas.

O que o autor indica é justamente podermos tomá-las

172. BLANCHOT, 2011b.

173. BLANCHOT, 2011b.

174. BLANCHOT, 2011b, p. 85, grifo nosso.

como um tipo singular de contiguidade, pela qual temos mais uma justaposição de linguagens do que uma simples oposição. A justaposição de linguagens, por sua vez, dá abertura para pensá-las não somente pelo binarismo opositor comum-literária; mas enquanto uma linguagem forjada, ou seja, como uma espécie de linguagem de luminosa opacidade¹⁷⁵, que volatiliza os limites estanques e ao mesmo tempo tênues entre a linguagem comum e a linguagem literária. Desse modo, se há uma vantagem acerca do deslocamento desse binarismo comum-literário, ela poderia ser expressa pela condição de abertura para o ato de literaturar.

A volatilização dos limites entre essas duas linguagens implica em assumir que uma escrita pelo ato instaura uma certa derrelição entre elas. Para tanto, faz-se necessário a forjadura de ambas, pela via da escritura, em uma boa veia. Trata-se mesmo é de provocar entre elas “Um curto-circuito”. Todavia, fazer tal enfrentamento exige ensaiá-las pelos vestígios de um neutro, que é “constantemente rechaçado de nossas linguagens e de nossas verdades”¹⁷⁶. Assim, entre o comum e o literário irrompe-se, por assim dizer, uma escrita pelo ato, que, pelo próprio movimento de erupção, borra os limites entre a linguagem literária e a linguagem comum¹⁷⁷. Portanto, é pela forjadura dessas duas linguagens em “Um curto-circuito” de escrituras, que uma boa veia se formaria e assumira que: *uma escrita pelo ato situa-se entre a linguagem comum e a literária e ponto.*

175. BLANCHOT, 2011b.

176. BLANCHOT, 2010, p. 31.

177. BLANCHOT, 2011b.

Imagem 12 – escritura entre escrituras



Tomás Cristina Mayra

Um pacto para uma escrita pelo ato

O PACTO HÁ DE VIR, sombra pastosa, uma
coisa se impondo corrosiva.

Hilda Hilst. *Kadosh*. (2018a, p. 177).

Trata-se de um pacto.

Um pacto para uma política de escrita¹⁷⁸ pelo ato de literaturar. Uma política que recusa algumas vias já sedimentadas pelos costumes exacerbados da compreensão, pois o que se trama, por essa política de escrita e de leitura, também é um enfrentamento à servidão e ao utilitarismo pela fruição literária e filosófica. Um enfrentamento que investe, *vezapósvez*, na desmesura de escrituras, que ora sim, ora não podem pelo esforço filigranado eximir-se, minimamente, de apenas compreender; talvez assim, a escrita acadêmica faça-se *viva, viva, viva*.

Contudo, o enfrentamento de uma política pelo ato de li-

178. PELLEJERO, 2021.

teraturar impõe-se menos pela busca de uma redenção, *tão, tão, tão* afeita aos anseios da educação por “reforma” e “salvação”, e mais pelo exercício resolutivo de abrir pela escritura trincheiras na própria escrita acadêmica; cavando nas entranhas de suas omoplatas partidas algumas rachaduras (diminutas e imprecisas) para ensaiar abandonos e desobediências ao que é servil e útil. Desse modo, lança-se mão das escrituras guardadas numa grande arca e trazidas comigo para o vão de escada para

entre lascas, restos, pedaços

forja-se uma boa veia:

jorrando volúpia e confusão.

Uma incidência de esplêndida beleza e desmesura,
ocupa um vão de escada e toma a minha mão.

Lá, aqui e onde mais puder ir dissonante
pervaga a boca e o umbigo; assumindo – assim de
frente:

Gente! Tô Besta!

Entre as mãos de Jorge e um fio das escreleituras
entre sementes de linhaça, verborragias e
uma disfarçada harmonia:
a escrita acadêmica em educação, faz-se
coberta de tinta.

Assentada em páginas que não existem mais;
espantada em cabelos de mágoa,
exercitada em leituras e escritas.

Entre atos, arranjos e o escrutínio de um vão:
 brinca-se de esconder dos empecilhos,
 briga com a servidão que se avoluma *tanto, tanto, tanto* e
 pergunta pelos reboliços de nuvens e potes de
 alcaparra.

Transborda em coisa esgarçada,
 uma escrita pelo ato é, pois, ela mesma a vida em coisa
 pastosa

Não temo as escrituras forjadas aos pedaços e
 assumo, de frente, a desmesura
 de leituras e escritas: fazendo-as.
 coberta de tinta;
 Não temo.

Derrubo pelo ato hastes e raízes.
 Derrubo também: o majestoso jasmim ereto.

Um pacto para uma escrita pelo ato *envolve* o enfrentamento às demandas utilitárias e de servidão, que associam a escrita acadêmica em educação.

Um pacto para uma escrita pelo ato *envolve* a instauração de uma fruição literária e filosófica, a fim de defender “o exílio da verdade, que é o risco de um jogo inocente, que afirma a pertença do homem ao exterior sem intimidade e sem limite, lá onde ele é lançado fora do

que pode e fora de todas as formas da possibilidade”¹⁷⁹.

Um pacto para uma escrita pelo ato envolve a sombra pastosa corrosiva que toma o papel, a pluma e a coisa esgarçada para escriturar as últimas instruções: “o conselho dos ministros, aqui reunidos, deliberam que vinte e um minutos antes do fim o pacto há de vir”¹⁸⁰.

Releio os artigos, as teses, as dissertações. *Então, é verdade que você escreve versos?!*

Um pacto para uma escrita que devolve a desmesura e a obscenidade perdida: ligadura inteira e por partes, almejando rompimentos de verdades deitadas sob folhas de papel A4, mas não só. Escrever pelo ato, de fato, evidencia, cientificamente (claro!), que a escrita acadêmica em educação não se faz somente bem-vinda ou maldita; ainda assim, deixa-se tomar, ora sim, ora não, pelas certezas das alcaparras, dos carrapatos e das sementes de linhaça.

179. BLANCHOT, 2011a, p. 262-263.

180. HILST, 2018a.

Entre a coisa vida intumescida por palavras a coisa vida esgarçada: o pacto pelo ato de literaturar uma escrita acadêmica em educação há de irromper a vida como se ela tomasse a letra, o risco e a derrelição, ou seja, como se fosse também imprescindível levar consigo uma rosa isenta de qualquer maldição.

Segura, insegura a secura.

Outra coisa não pode; então, grita, brada e esperneia:

estou viva, estou viva, estou viva.

Entre os vossos dentes.

Sob o seu jazigo.

Do Rutilar

Uma escritura explicatória

Alimaisadiante. Escrita. Exigência da leitura. As folhas A4 secas e sujas, que ao se esparramaram pelo vão - sem poder mais conter em reclusão - tomaram as paredes, a minha boca em umbigo - como quem se apossa de uma superfície lisa e salpicada de excrescências.

Autoria própria (2023).

Cada um dos ensaios do plano *Do Rutilar* se constitui em exercícios¹⁸¹ tanto de leitura quanto de escrita pelo ato de literaturar. A mostraçãõ em número de dez ensaios, divididos em cinco exercícios de escrita e cinco exercícios de leituras apresentam-se circunscritas por uma certa resplandecência e fulgor implicados com a própria ação delineada pelo termo rutilar, ou seja, fazer brilhar.

Nesse sentido, pelo plano *Do Rutilar*, a leitura de cada um dos ensaios rutila, por assim dizer, os exercícios pelo ato

181. QUENEAU, 2000.

de literaturar, os quais, ora sim, ora não, transbordam, pela fruição literária filosófica, a própria continuidade da escrita acadêmica em educação. Vale explicitar ainda que a leitura desse plano não precisa, necessariamente, ser realizada pela ordem em que são apresentados os exercícios. Se por um lado *pouco importa* a fidelização à ordem pela qual eles são apresentados, por outro, pautar a escolha pelos títulos dos ensaios pode ser uma possibilidade potente, dado que os títulos arrastam consigo o próprio desejo de que a continuidade da escrita acadêmica em educação se faça também pela fruição literária e filosófica e não somente pela compreensão.

Portanto, termino essa escritura explicatória atravessando uma escritura do crítico literário francês Roland Barthes, que acopla à escrita um desejo de continuidade que somente pode ser efetivado pela própria escrita. Então, trata-se de assumir, assim, de frente, que pelo ato de literaturar ainda pode-se escrever em educação com o próprio desejo”¹⁸², e uma das ações operadas nesse plano é *ensaiar, ensaiar, ensaiar* exercícios de leitura e escrita para *continuar, continuar, continuar* a ler e escrever em educação.

182. BARTHES, 2003, p. 215.

Uma leitura pelo avesso das coisas

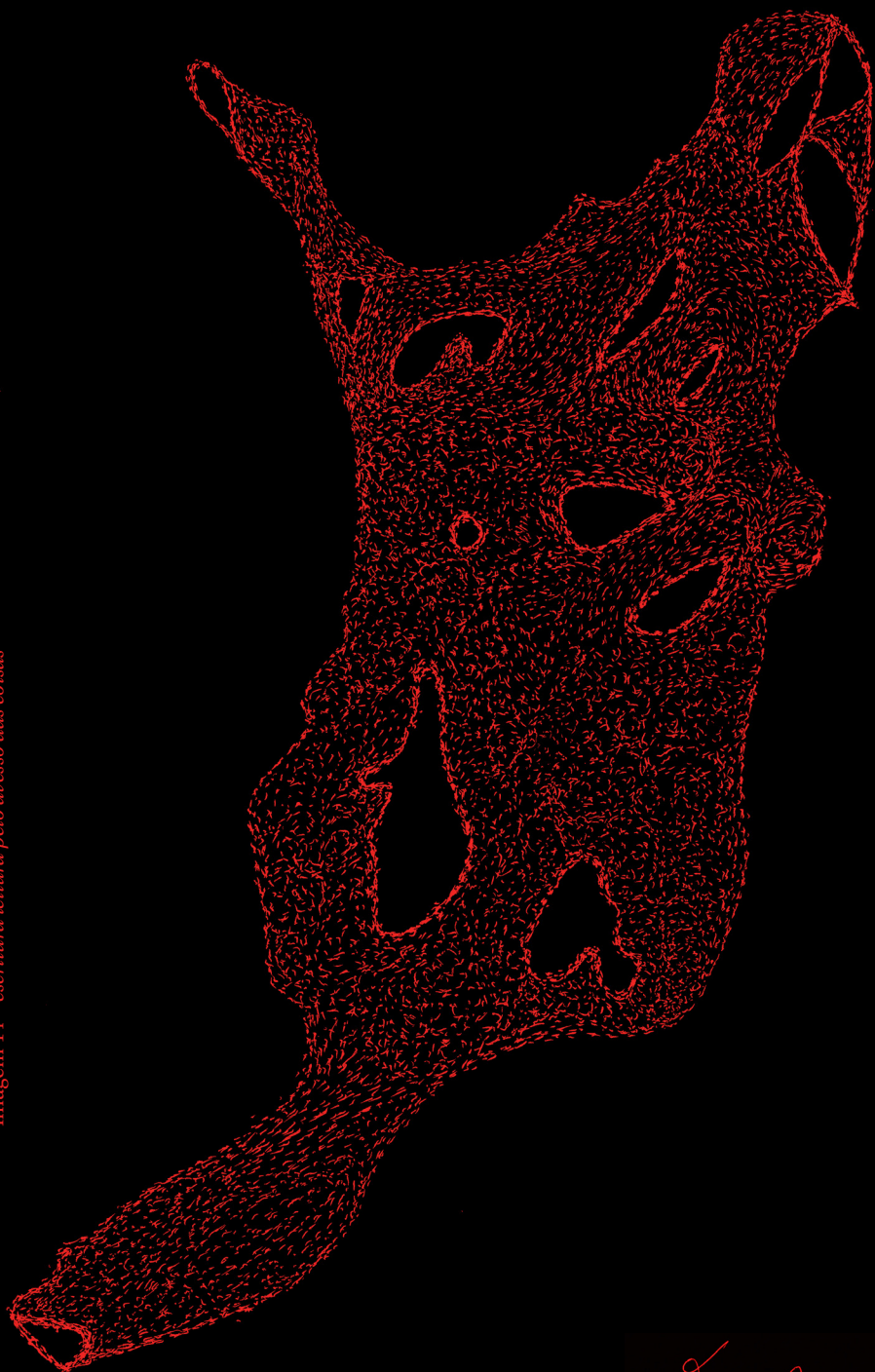
[...] Era um caco de vidro tão grosso que parecia quase opaco; o desgaste do mar fizera desaparecer inteiramente qualquer aresta ou forma, de maneira que era impossível dizer se tinha sido garrafa, copo ou vidraça; não era nada a não ser vidro; era quase uma pedra preciosa.

Virginia Woolf.
Objetos Sólidos. (2017, p. 37).

Ora, caso não estivesse de todo convencida que “qualquer objeto se mescla tão profundamente com a matéria do pensamento que perde sua forma real e se recompõe, um pouco diferentemente”¹⁸³; ousaria declarar, anunciar, assim de frente: lê-se também *peloavessodascoisas*. Embora saiba que mais apropriado seria ficar ali parada imóvel como um jasmim ereto; ainda assim, insinuaria que é, *tão, tão, tão* inútil dispor todos aqueles objetos vertidos em utensílios, acessórios, peças, instrumentos; enfim, todas aquelas *coisas* sobre a mesa.

183. WOOLF, 2017, p. 41.

Imagem 14 – escritura leitura pelo avesso das coisas



Jeanne Christine Mayne

Uma mesa que à revelia da minha vontade, já abrigava canetas sem tinta, meias sem par, algumas notas de supermercado e ainda conseguira¹⁸⁴ circunscrever um espaço para a horizontalidade de uma pilha que equilibrava – com fragilidade – cadernos e alguns papéis avulsos. Teria bastado, meramente, atribuir a cada um daqueles objetos um significado apropriável pelo qual eles pudessem ser, precisamente, classificados e, mais uma vez, eu não precisaria seguir fazendo perguntas incômodas como as que “A Obscena Senhora D.”¹⁸⁵ faz. Ainda assim, *pergunto, pergunto, pergunto* ante a uma urgência embrulhada em desespero: essa mesmo que não espera o passar dos dias nem a leitura de alguns instantes¹⁸⁶. Assim o é. Resta abandonar, *vezapósvez*, a busca por qualquer significância imprópria que estabelecesse sentidos entre objetos e palavras, porque estando ciente que a “palavra é, se se quiser, a ambiguidade que estabelece antes de cada passo, de cada batimento do coração, de cada perda e de cada invenção do pensamento”¹⁸⁷; logo, “Uma leitura pelo avesso das coisas” carecia, melhor seria afirmar, ansiava por mais que palavras, pois, envolvida por uma escrita pelo ato de literaturar, forjada em uma boa veia, pode escrever uma leitura irrespeitosa e apaixonada¹⁸⁸. Mostrava *tão, tão, tão* severa, que clamava pela escritura¹⁸⁹, em seu grau zero.

184. TENÓRIO, 2020.

185. HILST. 2018b.

186. BLANCHOT, 2010.

187. SKLIAR, 2012, p. 36

188. BARTHES, 2012.

189. BARTHES, 2004.

Em silêncio, tomei cada um daqueles objetos em meu corpo como se arcabouços fossem para uma leitura. Munida de uma sumária inspeção, folheava-os em leitura interesseira *páginaapóspágina*. No entanto, ao segurá-los, por um instante maior que a dúvida, experimento um movimento difuso daquele que confortavelmente assume-se pela leitura, ou seja, ir em busca de definições ou significados para dar sentido àquilo que se lê. Colocar mais matéria sobre a matéria, significado sobre significado e, assim, engajar-me por completo no processo adicionamento de significâncias.

Ao invés de deixar-me levar por tal impulso, ocorreu-me que poderia lançar-me no sentido inverso e, quem sabe, “escovar as palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos”¹⁹⁰. Mas não. Não estava disposta a seguir nessa direção, na busca por inícios, cujos “jogos burocráticos consistem em retornar à Origem para outra vez nomear, ingenuamente, todas as coisas”¹⁹¹. Intuo que uma leitura pelo avesso das coisas não se limite a escovar as palavras, porque está implicada em tramar algo mais insidioso do que a simples busca pelos começos... *uma leitura pelo avesso das coisas quer angariar cada um daqueles objetos para extrair o seu avesso*.

Sim. Como se arrancasse as tripas de um animal: extrair, arrancar, puxar, sugar uma extensão sutil de carne e de viva grandeza. Nada mais de palavras sutis. Importava a escritura da coisa esgarçada como matéria derivada de

190. BARROS, 2010, p. 5.

191. SKLIAR, 2012, p. 40.

vileza e confusão. Não compreendo a lógica dos dias, o que é uma casa, o que são conceitos. Mesmo assim, dançarina de cascalhos e pedras, escolho esquecer as lamúrias e desconsiderar as acusações de indecência para evocar o seu alerta: “É necessário preservar o seu avesso. Preservar aquilo que ninguém vê”¹⁹². “Uma leitura pelo avesso das coisas” tende a prefigurar uma superfície, pela qual a coisa leitura e a coisa escrita se faz pelo ato, fazendo-se translúcida para penetrar a coisa pedra, a coisa chave, coisa ave, a coisa noite.

Sempre a coisa e mais nada. Conhece *coisa* mais forte?! Conhece? Para extrair coisas das palavras, ou seja, para as palavras se transmutarem em coisa, ensaia-se pela escritura o ato de literaturar, cuja exuberância tátil de veias explosivas se fazem apropriadas a suspender as significâncias, dando lugar a coisa e mais nada. Porém, se ainda assim o entusiasmo para ensaiar uma leitura pelo avesso das coisas perder-se entre o desespero e o tijolo de ferrugem, busque por um vão de escada que esteja à mão e deixe, simplesmente, a leitura ser atravessada por arranjos de todos espantos filigranados de difícil grito.

Contudo, se persistir a insuficiência para ensaiar “Uma leitura pelo avesso das coisas”; impedindo o pervagar entre a obscenidade e a semente de linhaça, abandone toda escassez que esteja à mão e deixe-se, *antesmente*, atravessar pelos desvios de escrita, isto é, assuma em escrita o arranjo de todas as crispações de mosaico entumescido. Trata-se de imprimir na coisa gente, na coisa medo, na coisa garra sangrenta, na coisa fria, o pacto de

192. TENÓRIO, 2020, p. 61.

uma escrita que: “feita de círculos concêntricos e nunca chegando ao centro, a ilusão encarnada ofuscante de encontrar e compreender”¹⁹³. “Uma leitura pelo avesso das coisas” impõe, por tudo que arrasta, uma certa desordem incômoda e imprópria. Afinal, ela mostra, *vezapósvez*, “uma loucura da recusa, de um dizer tudo bem, estamos aqui e isso nos basta, recusamo-nos a compreender.”¹⁹⁴, ou seja, ela anseia tomar como sua a coisa gente, recusando a coisa medo, enfrentando a coisa garra sangrenta para fazer-se coisa fria e bela. Sempre a coisa esgarçada para literaturar a vida e mais nada.

193. HILST, 2018b, p. 89.

194. HILST, 2018b, p. 89.

Uma leitura entre começos e fins

Aqui deve ser o começo. É reconfortante saber que há muitas coisas sem solução. Tem gente que diz: no fim você resolve. E vem uma angústia, um torniquete apertando desde o começo. Não estou livre. Para chegar ao fim devo continuar ainda que não exista solução.

Hilda Hilst. *Kadosh*. (2018a. p. 274).

Como definir onde está situado o início ou o fim de uma leitura? Trata-se de perguntar acerca dos limites que tanto os começos quanto os finais impõem. A resposta mais *comezinha* a esse questionamento poderia ser transbordada nos seguintes termos: o início de uma leitura estaria determinado pela primeira frase ou palavra e, por conseguinte, o seu fim situaria, de igual modo, pelas últimas frases e palavras. É isso!

Cá estamos.

Sim. Inútil desviar, não sei de um monte de coisas.

Ah?! Estou nu e não vejo nada por aqui.

Sim. As palavras estão em toda a parte: em mim, fora de mim e essa agora...

Logo mais será tarde para vender o que quer que seja.

Sim. É como uma espécie de melaço em convulsão.

Quero dormir um pouco; quero *esmaecer, esmaecer, esmaecer* as tintas muito vivas da vida.

Onde tudo isso começou?

Bem... não sei. Desconfio que foi lentamente, tristemente, em uma fila formada em frente à cafeteria.

Nós, eu e você, o roubamos e o abandonamos, lembra?

Mas o professor Barthes disse que o “cara” não era dono de coisa alguma. Como assim?

Lê aqui óóóó:

“Jamais será possível saber, pela simples razão que a escritura é destruição de toda voz de origem”¹⁹⁵.

Falta alguma coisa para que fique claro. Estou sempre procurando algo...

E o que é dessa vez?!

*The thought served as challenge*¹⁹⁶.

195. BARTHES, 2012, p. 57.

196. Em uma tradução livre para o português: “O pensamento serviu de desafio”.

Diz respeito a fazer da leitura uma obstinada percorrência, isto é, seguir lendo página por página, com o objetivo de chegar ao final que, irremediavelmente, será alcançado, bastando, para isso, apenas, deixar-se conduzir pela fatalidade implícita na linearidade, de modo que pouco ou nenhum espaço há para ensaiar a mínima desobediência a tal lógica. Uma argumentação a favor dessa obstinada percorrência, residiria na defesa da compreensão, da clareza e seus afins de comunicação. Esse ato de leitura implica-se com a levitação de qualquer tropeço sem trégua que ousasse cruzar o caminho reto que a leva ao fim.

Contudo, a rudez da vida pode cobrir a leitura de tinta e deixá-la sem a pretensão de delimitar os inícios; deixá-la sem a perscrutação dos finais e, com isso, como se irrompesse um cansaço diante daquilo que não apresenta mais evidência de qualquer nesga de alegria hifenizada, ela abandonasse uma vastidão de esperança que *escorre, escorre, escorre* quando toca a coisa esgarçada impondo-se corrosiva, mas não inofensiva.

Trata-se de ensaiar, pela escritura, o ato de literaturar onde uma leitura se posta diante de escrituras fragmentárias, ou seja, diante de pedaços, de restos, e sobras, como no poema “Balada de Alzira”¹⁹⁷:

[...]
 Escorreguei meus braços
 no teu peito sem queixa
 e cobri meu corpo
 com teu corpo de espuma
 [...]

197. HILST, 2017, p. 49-55.

Quis esconder os meus dedos
nos teus cabelos de mágoa
mas a tua mágoa era grande
para fugir do meu gesto
[...]

A mesa de escrever é feita de amor
e de submissão.
No entanto, ninguém a vê
como eu a vejo.
Para os homens é feita de madeira
e coberta de tinta.
Para mim também
Mas a madeira somente lhe protege o interior
e o interior é humano.

Os livros são criaturas.
Cada página um ano de vida, cada leitura um
pouco de alegria
e esta alegria
é igual ao consolo dos homens
quando permanecemos inquietos em respos-
tas às suas inquietudes

Limpei a poeira dos joelhos. O chão estava imundo. Ele
nunca limpava embaixo da escada, sabia como ninguém
a trajetória necessária para ir de um ponto a outro, fa-
zendo paragens para manchar os dedos de luta. Consi-
dero conveniente não mais perguntar onde começa ou
onde termina uma leitura pelo ato de literaturar.

Fim



Justine Christine Mangin

Uma leitura em vão

escute, Senhora D, se ao invés desses pratos com o divino, desses luxos de pensamento, tu me fizesses um café, hen? E apalpava, escorria os dedos na minha anca, nas coxas, encostava a boa nos pelos, no meu mais fundo, dura boca de Ehad, fina úmida e aberta.

**Hilda Hilst. *A Obscena Senhora D.*
(2018b, p. 17).**

Estou abrigada em um vão, situado em uma escada. Nesse vão de escada, não há um resquício de sujeira em parte alguma, nem cadeira, nem mesa fora do lugar. Em um dos cantos desse vão, há duas enormes estantes contendo uma seleção de livros aos quais lanço-me com frequência. Todos estão dispostos numa certa ordem, que nunca muda, de maneira que posso encontrá-los pela posição e pelo tamanho que ocupam. A aptidão de tocá-los, de abri-los, farejá-los tornara a vida tolerável depois que a necessidade de compreensão se desprendeu de mim como se

folha seca fosse. Li em algum lugar que o” teu amor por ele transformou-se / Em amor maior: amor por tudo que se extingue.¹⁹⁸

Por uma razão qualquer, esse tipo de desprendimento, ao contrário do que possa parecer, reverberou-se não em desespero, mas em uma certa dose de alívio: nada mais havia para esperar... durante semanas e meses, durante, na realidade, toda minha sobrevivência expressa pela obscenidade de uma leitura que *se repete, se repete, se repete* eu vinha esperando que algo acontecesse: um fato extrínseco, que tivesse o dom de alterar esse estado de coisas.

Agora, de repente, atravessada pela absoluta desesperança de tudo e de nada, sinto-me aliviada; sinto-me como se tivessem arrancado um grande peso das minhas omoplatas partidas. Com elas em sacrifício me “deitei ao seu lado na tua agonia, escutei verdades e vazios, inutilidades. Caminhei com os pés inchados, Édipo-mulher, e encontro o quê? Memórias, velhice, tateio nada, amizades que se foram, objetos que foram acariciados”¹⁹⁹. Suspeito que nada do que acontecera até o momento em que me encontro nesse vão fora suficiente para destruir-me; exceto, claro, a destruição das ilusões conjugadas em verdades, certezas e qualquer remota garantia do que está por vir. Tudo isso foi abrigado nesse vão de escada e o que realmente importa é que “Uma escrita D.” toma a escrita acadêmica que trouxe comigo e coloca-a enfileirada com “comentários políticos, resenha

198. HILST, 2017, p. 32.

199. HILST, 2018b, p. 47.

sobre ensaios, às vezes literatura sim, poesia? não nunca, poesia já e mais complicado.”²⁰⁰ Elas são arrastadas para tocar, abrir, e farejar os livros, ou melhor dizendo, para forjar uma escrita pela derrelição: “Uma escrita D.”, então? Explico: trata-se tão somente das escrituras que trouxe comigo para esse vão na esperança insossa e malograda de não estar só. Ora, aqui deve ser o começo. É especialmente reconfortante saber que há muitas coisas sem solução. Portanto, espero que tome nota, segure o lápis, a borda do papel azul-turquesa e respire fundo em consternação, pois tanto o fim quanto o começo podem existir multiplicados em bandejas de metal. *Tudobemagoraqueestouaqui* posso decretar que o fim chega, quando se chega a ele. Trata-se de uma espécie de pacto para literaturar começos e fins, que se façam desprovidos de finalidades.

200. HILST, 2018b, p. 311.

Uma leitura irrespeitosa

É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever.

**Roland Barthes. *Escrever a leitura*.
(2012. p. 26).**

Não posso mais conter a vontade de escritura de igual modo, impossível foi conter a ânsia em tomá-la pelos pés e corpo, pela boca e umbigo. Tudo se unindo em uma maciez viscosa e, ao mesmo tempo, perigosa. Não pude mais conter a vontade de escriturar pelo ato de literaturar a soberba de uma indefinição. Uma escrita toda ela inteira e aos pedaços, cujos fragmentos mirava e antevia a ruína a qual seria exposta em suas paredes, em seus avessos e bordas; além, claro, de seus costados.

Tem gente que diz “no fim, você resolve”. Resolver o quê? Deslizei para o leito da Senhora D. como um sopro. Primeiro, quis confortar sua dor, que crescia como

o pacto que haveria de vir. Entre seus meios e cara do futuro, a escritura não via nada: nem a Eva, nem a uva, porque se “eu te esfrego direito, tu branqueias um pouco e fica linda, te vendo lá, e um dia te compro de novo”²⁰¹. No capitalismo, compra-se até bosta embrulhada. Desde que entregue à domicílio, sob a garantia de tratar-se de uma “experiência”, claro. Desde que se possa pensar punhado de amoras vermelhas. Sempre vermelhas. Tocarias amante, mansa, sabendo dos vestígios de todas as solidões, que se fez presença, água e cicatriz em torno da boca. O calhau do medo como um ricto mal disfarçado em sorriso. Entre uma Senhora D. e “Um expírito corazziano” trama-se um fio. Tento recordar, tento reconsiderar: o corpo, a palavra, um ramalhete de pedras atirados em um rio e o sangue, a emoção, os sufixos e as coisas que tomam o corpo e a palavra para recordar, reconsiderar. Todavia, não sem antes fazê-la *lobapaixão* colada a mim, estamos pensando juntos: isso é muito *diferenteeeeee*. É isso pensar, ler e escrever? Não parecia assim tão diferente, *olhobolota*.

Mesmo diante de uma complexidade úmida e pastosa. Mesmo diante de tudo que não sabia ainda acerca de “Uma leitura irrespeitosa”²⁰². Mesmo diante de profundidade da pedra sabão. Pensava eu em vão que pela propriedade dissertativa, discursiva e explicatória; “em nome da escritura-literatura-se”²⁰³, a escrita acadêmica em educação. Entre um umbigo rasgado e boas doses de açafraão. Entre a ânsia incontida e os testemunhos esque-

201. HILST, 2018d, p. 63.

202. BARTHES, 2012, p. 26.

203. CORAZZA, 2020a, p. 25.

cidos há de reverenciar-se, ou seja, enaltecer para querer sempre mais. Porque é sempre assim que acontece: defender essas linearidades explicatórias e intumescidas. Deslizo, então, para o leito como uma onda a lambar os seus ouvidos com duas mil palavras pelo menos, depois fico muda o resto do dia. É bom falar quando se sabe que não há ninguém para escutar.

Sentia saudade de estar em um novo território e em meio a ele me movimentar entre o pesadume e a afirmação. Tanto as leituras quanto as escritas assumidas enquanto exercícios operam singularidades que interrogam a si própria. Uma interrogação que pode ganhar sotaques distintos, pois introduz, na língua uma intensidade que a faz variar. Elas far-se-ão, portanto, ordinariamente irrespeitosas e, ao mesmo tempo, apaixonadas, já que corta o texto, e apaixonada pois que a ele se volta e dele se nutre, que tentei escrever. Para escrevê-la, para que a minha leitura se torne, por sua vez, objeto de uma nova leitura.

Eis:

O próprio da leitura, a sua singularidade elucidada o sentido singular do verbo 'fazer' na expressão: ela faz com que a obra se torne obra'. A palavra 'fazer' não indica neste caso uma atividade produtora: a leitura nada faz, nada acrescenta, ela deixa de ser o que é; ela é liberdade que dá ao ser ou o prende, mas liberdade que acolhe, consente, diz sim, não pode dizer senão sim e, no espaço aberto por esse sim deixa afirmar-se a decisão desconcertante da obra, a afirmação de que ela é - nada mais²⁰⁴.

204. BLANCHOT, 2011a, p. 210, grifo nosso.

Logo, é uma leitura que se impõe pela derrelição.

Tendo percebido, ao ler com mais cuidado e, sobretudo, com mais prazer e menos dever, que ele escreve sempre com interpolações, com explicações do que ele quer dizer usando aquela palavra. Seu texto luta sempre para fugir do hábito das generalizações, sem, todavia, perder-se no vazio das especificações sem fim. Especificações que podem nos levar a uma paralisia.

Por outro lado, também tenho sentido o quanto a escritora tem atenção com o leitor. Porque poderíamos pensar que um discurso que visa a romper com a lei da língua e não objetiva transmitir uma mensagem, ou seja, trata-se de um discurso fechado em si mesmo. Logo, como poderia ele ser compreendido? Ao ser fechado em si mesmo. Entretanto, Barthes se faz compreensível, sim: uma compreensão ao modo de simplificação que se adequa à doxa. Isso não. Ele estabelece, por meio da escritura, encontros, cujos pontos de apoio não são a mensagem a ser decifrada.

Ainda em relação à escritura, Barthes, com seu ensaio “Escrever a Leitura”²⁰⁵ instiga-nos a experimentar uma leitura “irrespeitosa” e, ao mesmo tempo, “apaixonada”, na medida em que corta o texto e dele alimenta-se para escrever a leitura. Uma leitura que dispara a seguinte questão: “Nunca vos aconteceu, ao ler um livro, interromper constantemente a vossa leitura, não por desinteresse, mas pelo contrário, por afluxo de ideias, de excitações, de associações? Não vos aconteceu de ler le-

205. BARTHES, 2012, p. 26-29.

vantando a cabeça?²⁰⁶

Sim. Muitas e demasiadas vezes. É a resposta silenciosa que penso ter ouvido dessa leitura desobrigada das interpretações e, por conseguinte, da busca por verdades nelas implicadas. Uma leitura cujos fluxos anseiam expressar subversões, na medida em que o importante é poder minimamente:

Subverter perversamente todo o sistema, até levá-lo a funcionar de modo totalmente diverso. A metáfora utilizada, uma vez, por Barthes, é a do contrabando: assim como o ladrão de carro pinta de outra cor, modifica seus acessórios e o reintroduz no mercado, o intelectual pode pôr em circulação objetos discursivos aparentemente legais, mas verdadeiramente escandalosos, perturbadores da ordem e da economia geral dos sentidos²⁰⁷.

A subversão movimentada por uma leitura irrespeitosa parece estar situada entre o “contrabando” da Literatura (como leitura e escrita) e uma escrita pelo ato como uma forma para “pintá-la” em verbo literaturar.

206. BARTHES, 2012, p. 26.

207. PERRONE-MOISÉS, 1985, p. 75. grifo nosso.

Uma escrita página 13

Advertida a revisar as coisas, não hesitaria em pervargar pelo fio de corte uma escritura exposta em meu umbigo. Tratava-se, ainda, de não se fazer envelhecida mais que o necessário e menos ainda ressentida além do ponto suficientemente apropriado para um ato de literaturar.

Autoria própria (2023).

Trata-se das disputas eleitorais para presidente da república do ano de 2022. Um Brasil inflamado e raivosos irrompe em ondas verde e amarelo pelas ruas, pelas praças e apossa-se de uma aula de Literatura, abrigada em uma turma de Ensino Médio, tornando-a ainda mais política em razão do debate eleitoral ocorrido no segundo turno²⁰⁸ dessa eleição. A ten-

208. Refiro-me mais precisamente à disputa presidencial entre o candidato Jair Messias Bolsonaro do Partido Liberal (PL), cujo número de campanha era o 22 e do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva do partido dos Trabalhadores (PT) com o número de campanha 13.

são parece escorrer pelas paredes, embaçar os vidros e transmutar um quadro negro em “evidência” de propaganda política, quando nele escritura-se: “Leitura Literária, PÁGINA 13”. Mas não falemos de política – dado que a escola é sem partido. Importa mesmo é uma literatura menor²⁰⁹ que não está disponível para viagem e tampouco em versão de bolso!

Acontece, no entanto, que a referida escritura parece ter se desgrudado do obsoleto quadro negro como se fosse uma imagem montada para uma campanha eleitoral; logo, coube a ela ficar ali parada, estática e intacta como um tiro na têmpora disparado por uma arma-celular com cabo de madrepérola, para fazer-se imagem pelas lentes de um celular de última geração (celular e quadro-negro uma paradoxo sem discussão). Essa escritura passa a circular entre os estudantes e, em um instante maior que dúvida, assume o formato de uma postagem nas redes sociais com potencial viral, sendo levada, quase automaticamente, a uma ou várias famílias brasileiras, cujos bons costumes e a boa moral parecem ter sido violentados diante – não se sabe ainda – se da escritura “Leitura Literária” ou da sua continuidade em escritura “PAGINA 13”.

A única certeza que não desgrudou de mim, entretanto, foi a completa ignorância em relação à obra literária *Torto Arado*²¹⁰, de Itamar Vieira Junior; que fora, por assim di-

209. DELEUZE; GUATTARI, 2017.

210. Nas profundezas do sertão baiano, as irmãs Bibiana e Belonísia encontram uma velha e misteriosa faca na mala guardada sob a cama da avó. Ocorre então um acidente. E para sempre suas vidas estarão ligadas – a ponto de uma precisar ser a voz da outra. Numa trama conduzida com maestria e com uma prosa melodiosa,

zer, matéria de leitura naquela aula. Importa, ainda, explicitar que o livro de Itamar Vieira Júnior foi uma escolha coletiva realizada pelo grupo de professores da escola e estava sendo lido por todas as turmas naqueles tempos eleitorais. Há, contudo, a possibilidade de ambas as escrituras serem culpadas pelo ódio travestido em zelo moral dos bons costumes, amor à pátria e seus afins de nacionalismo roto.

Não haveria nenhum equívoco em tudo isso? Uma incongruência inflamada e raivosa tingida com os mesmos tons de verde e amarelo: uma icterícia verde-amarela, melhor dizendo. Insisto na pergunta: *não haveria nenhum equívoco em tudo isso?* Embora esses movimentos fascistas, por si só, já não sejam tão desconhecidos por nós brasileiros, uma vez que haviam se tornado desde 2018 em habituais, corriqueiros ou ainda normalizados. Trata-se de reiterar que, para aquele momento, a escritura se fez imagem e de imagem escorregou para a feitura de uma evidência de propaganda política em sala de aula. Algo passível de advertência, claro! Sim: A-D-V-E-R-T-I-R e ponto.

Uma advertência, contudo, pode ser assumida como

o romance *Torto Arado* narra uma história de vida e de morte, de combate e de redenção. Trata-se, portanto, de entrelaçar passado, presente e futuro para fazer irromper uma luta *tão, tão, tão* profunda pela dignidade de um povo e, por conseguinte, pela posse da terra que não haverá como interromper os fluxos em rios de suor, de lágrimas e também de sangue; haja vista que os atos de escrita de Itamar Vieira Júnior são vastos e configuram-se pela criação de personagens femininas, cuja coragem se aliança, de diferentes formas, a dos personagens masculinos. Afinal, diante da violência mais insidiosa já não há mais como seguir aceitando a dupla infâmia do Senhor-Amém.

“Um principiar costumaz” para o ato de literaturar, inflamando ainda mais as palavras entre a minha pequena pétala de carne e o desejo de escrever²¹¹ que nunca cessa diante da escritura que desfila impertinente na primeira página do livro. Afinal, pode-se afirmar, sem cambaleio de dúvida, que as decisões são inclusive uma espécie de ato.

Decidida a revirar as suas coisas, não hesitei em caminhar, na ponta dos pés, em direção ao quarto para abrir a mala de couro envelhecida, com manchas e uma camada de terra acumulada entre ela²¹².

Todavia, é lícito perguntar: *o problema está na leitura da página de número 13? E as páginas de número 14, número 15, número 16, etc. pode, Sora?! Há ainda argumentos no sentido de justificar que o problema não seria a escritura em si, mas a cor do giz utilizado para que pudesse figurar no quadro negro. Então, caso não queira escrever de verde no quadro verde e o amarelo esteja em falta, sugiro que se evite cores assemelhadas ao vermelho.*

Há “gentes” sensíveis ao pulsar de vida. E rosa pode?! Rosa é uma rosa. Enchei-vos de paciência: aos poucos as coisas chegam ao fim ou ainda há a hipótese de que o fim chegue à coisa. Porque entre a leitura e a escrita que se passa aula de Literatura ou para além dela há a coisa vida; que, por sua vez, não está desembaraçada da coisa Literatura, cuja fragilidade costuma ser mais forte que a

211. BARTHES, 2003.

212. VIEIRA JUNIOR; 2019, p. 13.

pedra, o giz e a ignorância golpista. E se, em alguma página entre o início e o fim de uma escrita da página 13, deparar-se com qualquer aviso indicando que é preciso ter parcimônia... cabe indagar, assim, de frente: *quem escreve com parcimônia?; quem lê com parcimônia?*

Ademais, importa mesmo é ler para escrever *de novo, de novo, de novo* a frase disparadora desse romance vencedor de prêmios nacionais e internacionais: “Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos. Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano”²¹³.

Acontece, porém, que li, em algum lugar, que as “estruturas políticas, o corno das ditaduras no ventre dos humildes, a anatomia intrincada dos homens do Poder e pensei que uma palavra devia chegar aos homens, que era inútil ficar olhando para cima e para baixo”²¹⁴. Essa palavra é: *LITERATURAR*. Vale explicitar, ainda, que a sua feitura só pôde ser tramada como verbo, de modo a mostrar, assim, de frente, que ler e escrever em educação conjuga ato de coragem e derrelição. Então, resta-me derramar uma última advertência: pela escritura, literatura-se enfrentamentos pelo doce e pelo aguado, a fim de não se curvar *tanto, tanto, tanto* diante das injúrias travestidas de verde e amarelo; logo:

213. VIEIRA JUNIOR; 2019, p. 13.

214. HILST, 2018a, p. 187.

se cuida,
se toca possuída – que bem sei –
da fúria e da candura também.
Leia. Escreva. Amém.

Uma escrita incrustada em nota de rodapé

Talvez o único sentido, a única razão da escrita seja escrever. Sem ter razões para fazê-lo, nem de antemão nem a posteriori. Nem razões maiúsculas nem razões minúsculas. Nem escrever para ser alguém no futuro

Carlos Skliar. *Desobedecer a linguagem.* (2014, p. 101).

As escrituras ensaiadas pelo ato de literaturar – refiro-me àquelas de difícil trato – ora sim, ora não anseiam o abandono das páginas inteiras para se verem incrustadas em notas de rodapé²¹⁵, como poderia, de igual modo, ainda se apossar dos

215. Acontece que a escritura se fizera aos pedaços, aos restos, como uma “corpança de um tigre, garra pelos dentes vísceras o de dentro e o de fora em cortes transversais” (HILST, 2018a, p. 178). Assim, a escritura, pela sua materialidade de “picadinho”, pôde facilmente ser acusada de carregar consigo um difícil trato, pois que desiste de assumir, pelo ato de literaturar qualquer certeza ancorada na completude ou na totalidade sempre ambicionada pelas normas e padrões para a escrita acadêmica. Logo, incrustá-la em uma nota de rodapé,

tijolos de ferrugem, dos cabelos de mágoa e mesmo das estruturas políticas ou dos sonhos de eternidade, *em, em, em*.

Farejo lassa e em espasmo uma escrita, que por estar incrustada em uma nota de rodapé²¹⁶, impôs uma pausa, melhor dizer, uma interrupção. Acontece, porém, que se trata muito mais de não conseguir pensar em outra coisa, coisa outra que não cintilasse tons avermelhados em uma linha fina. Uma linha que a depender da distância imposta entre a leitura e a escrita podia aparentar-se trêmula e um tanto delicada. Ainda assim, insisti em arrastá-la como quem “carrega sacos de pedra há milênios sobre as omoplatas”²¹⁷; porque as forças frágeis de uma docência que pesquisa²¹⁸, assume – sem contaminação de dúvida – que para a feita

às vezes, trata-se apenas disso: de um outro trato para a escritura que se faz ato de literaturar. *Apesar de tempo ser outro/ o corpo recusar sentir o pranto/a dúvida tomar a frente/ o coração bate/ a vida pulsa/ Do meu umbigo rugoso explode uma veia que jorra volúpia e invenção/Cuidado, contudo, com o rutilar do brilho, da luminescência da fruição literária e filosófica a te deixar de quatro “a noite inteira, discursando que os textos desencavas em seu peito”* (HILST, 2018b, p. 344) *aquilo que uma escrita acadêmica não poderia tomar para si, em um artigo ou mesmo em uma resenha, enfim.*

216. “Farpas pontudas emergindo do corpo dos conceitos. Antes o conceito redondo. Liso. Aquela pedra à beira do riacho, aquela que carregam para a casa. Tenho que saber dos começos. Os atos não podem ficar flutuando, fiapos de paina desgarrados daquela casca tão consistente, a casca era firme, abriu-se, o delicado foi se desfazendo, círculos, volutas, assim pelos ares, desfazendo”. (HILST, 2018b, 310-311).

217. HILST, 2018a, p. 301.

218. MATOS; SCHULER; CORAZZA, 2015.

daquilo que, até então, configurava-se por meia dúzia de excrescências, ou seja, como um tipo de intuição de gosto hirto, há de tramar saídas para literaturar.

Sabe-se, *vezapósvez*, que a intuição, quando assumida sem o cuidado devotado às coisas em esboço, pode ganhar a espessura filigranada de difícil trato e de fácil perdição. Sem contar que, diante da contaminação pela ligeireza dos dias em suas vertentes de tarefa e deveres da contabilidade notal – sempre renovados a cada fim de trimestre – pode-se facilmente estabelecer uma semelhança difusa entre a intuição e os ares de coisa absurda, junto às quais ler, escrever e, por conseguinte, pensar, podem colocar em risco as certezas mais caras e as verdades mais propaladas. Tudo bem...



Imagem 20 – escrita escrita escrita brinquedo

Jenane Cristina Marque

Uma escrita brinquedo

Enquanto eu faço de conta que anoto essa parlapatice idiota, fico de vez em quando na ponta dos pés e dou uma olhada na pilha de coisas [...]. Organizo uma pequena lista: um berço de madeira, um carrinho de criança, uma pequena cama, muitas bolas de futebol furadas, cadeirinhas coloridas, um cavalo de pau, um barco de brinquedo, vagões enferrujados de trenzinho elétrico, um chapéu de caubói, uma faixa de penas de índio, um nunca-acabar de folhas de papel cobertas de desenhos e rabiscos. Aliás, todo esse amontoado de coisas está coberto de cocô de moscas e camadas de teia de aranha. Tudo parece estar deteriorado e quebradiço, e a ponto de esfarelar a um simples toque da mão e até mesmo do olhar. E ele lá, vejo aqui da janela, continua a tagarelar, xingar e praguejar. Eu fico na minha. Tênis, patins e sandálias, livros, livros em toda a parte, uma pequena carteira escolar, estojo um urinol verde, uma bicicleta pequena e com rodinhas – que tagarele o quanto quiser, reclame, escarneça, de vez em quando eu lhe aceno assentindo, nem dez caderninhos seriam suficientes, aqui tem todo o meu museu de infância, talvez o museu de um menino. Pé de pato de borracha e óculos de mergulho, ursos de lã, leões e tigres de pelúcia.

**David Grossman. *Fora do tempo*.
(2012, p. 50).**

*Se quiser saber se pedi muito
Ou se nada pedi, nesta minha vida,
Saiba, Senhor, que sempre me perdi
Na criança que fui, tão confundida.*

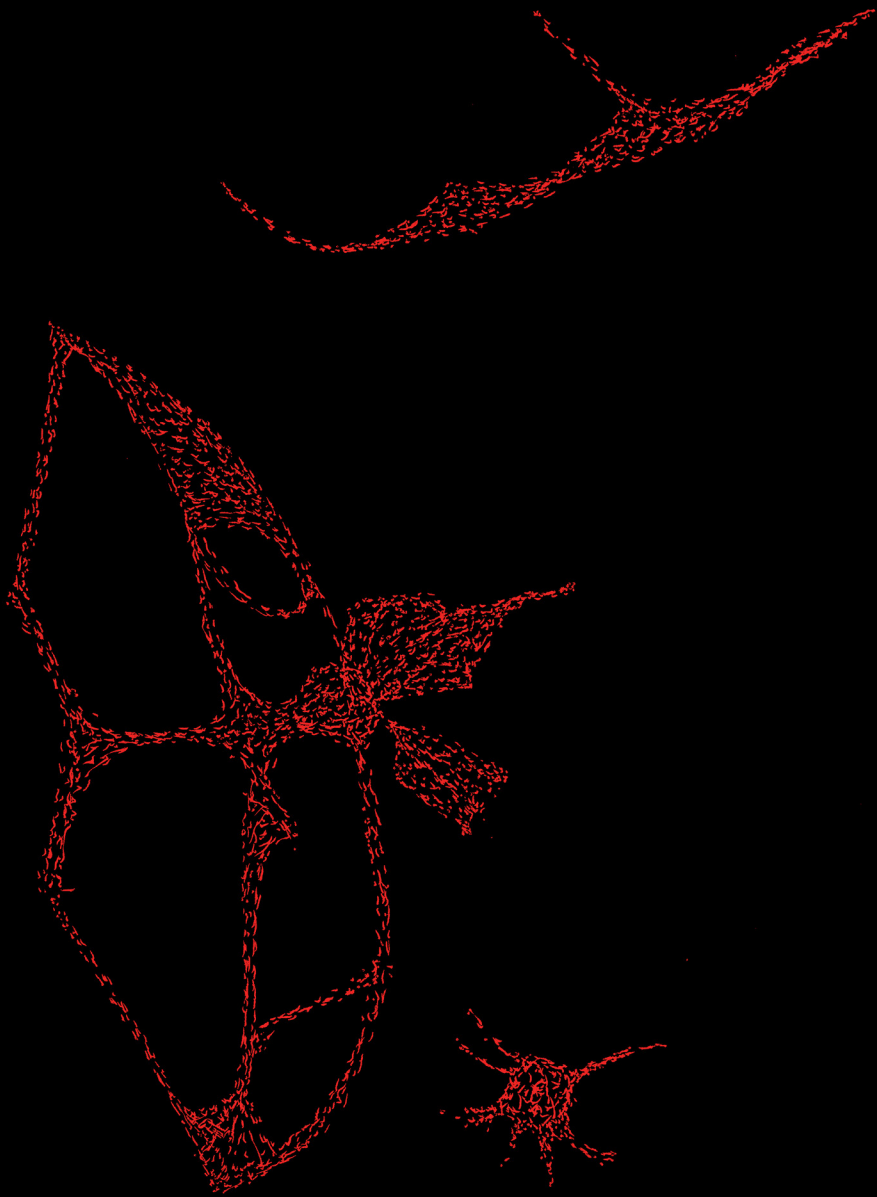
**Hilda Hilst. *Testamento Lírico*.
(2017, p. 159).**

Para mim, a literatura é uma forma de brincar. Mas sempre acrescentei que existem duas maneiras se brincar: o futebol, por exemplo, é basicamente um jogo, e jogos são algo muito sério e profundo. Quando as crianças brincam, embora estejam se divertindo, levam a brincadeira muito a sério. É importante. É tão sério para elas agora, quanto o amor será daqui a dez anos.

George Schelinger. *A entrevistas da Paris Review*. Júlio Cortázar. (2012, p. 238).

Uma escrita brinquedo ensaia, a cada leitura um deixar ir, ou seja, não se fixa em manter, por assim dizer, guardada as palavras, as frases e muito menos as significâncias advindas delas, porque o seu “compromisso” está em colocar o seu em um estado de “despedida” contínua diante do lido. Um estado que não finaliza nada, mas despede-se, constantemente, da necessidade acumulativa do conhecimento. Logo, a literatura, digo, a escritura, em sua superfície de brincadeira séria, faz saltar escrituras para adentrar em uma casa que esteja fechada, porém, que, em outros tempos, pode-se ter vivido ali; e, ainda assim, assumir, sem contaminação de dúvida, que tudo não passou de um jogo e mais nada.

Imagem 21 – *escritura escrita esboço*



Vinícius Custódio Manguera

Uma escrita esboço

O PENSAR DOS OUTROS e o meu próprio pensar, que também o que se via, e sentimentos, atos, e o que circundava, a mim, e aos outros, era apenas Esboço, foi a única nitidez que consegui expelir em toda a vida esboçada.

Hilda Hilst. *Esboço*. (2018a, p. 299).

Uma escrita pelos esboços são tentativas de experimentar algo que está sendo pensado, vivido, montado, ou seja, é uma escrita marcada por um tipo de preparação, que guarda em si algo de fresco acerca do ato de escrever. Ainda que não fosse novidade – melhor mesmo é que não fosse algo inédito e novidadeiro –, tratava-se de abrir-se para, por um lado, destituir-se de uma meta a ser alcançada, melhor dizendo, o esboço de um projeto, o esboço de uma carta, o esboço de algo cuja destinação não condiz com o momento da escrita em si, mas da sua finalização e com as devidas significâncias e compreensões; e, por outro lado, ela tampouco está orientada pela verdade diante daquela matéria escritural.

Em uma escritura de Hilda Hilst, cujo título é “Esboço”²¹⁹, deparamo-nos com um personagem sendo obrigado a esboçar diante dos familiares algumas linhas:

Olho as três caras, ah, Riolo, nunca mais amornado e perfeito em reflexiva e opulenta fruição, obedeço, faço uma linha fina que me parece trêmula, paro, não, não estão satisfeitos, estendo em altura finura e tremulez, me parece linha muito delicada, olham abestados, dizem dura, eu digo Esboço, e calo-me desta vez para sempre, recosto-me de novo, palor e paraíso-mudez na minha sala²²⁰.

A escrita-esboço, nesse sentido, estabelece um tipo de aproximação com a escrita como ensaio na medida em que “o valor do ensaio não radicaria, então na sua proximidade com a verdade, mas na potência de sua experimentação. Desse modo, o ensaio não se submeteria às regras metodológicas em torno do que pudesse ou devesse ser definição sobre o certo/errado, o verdadeiro/o falso, o científico/não científico, o real/irreal, etc.”²²¹ Logo, tanto quanto a escrita-ensaio, a escrita-esboço aposta também na experimentação para poder afirmar, então, que diante de uma escrita-esboço pode-se deslizar para leitura-esboço, ou seja, expressar esboços de leitura, expressar leituras esboçadas sempre pelos pedaços, pelos fragmentos, pelos restos; sempre desobrigadas da esperança de uma totalidade de verdade e unidade. Uma leitura esboço é, portanto, uma experimentação para: “ler, no sentido da leitura literária, não é sequer um movimento puro de compreensão, o entendimento que manteria o sentido perseguindo-o com insistência. Ler situa-se

219. HILST, 2018a, p. 299-302.

220. HILST, 2018a, p. 302

221. SKLIAR, 2014, p. 103.

aquém ou além da compreensão”²²², faz-se pelos pedaços. Eles, os pedaços, podem assumir, dependendo da situação, uma variância de designação, como, por exemplo: fragmento, porção, parte, bocado, fatia, fração, lasca. Esta última é bem provocante, gerando uma leitura-esboço, cujos movimentos se dão pelas lascas escriturais, o que se configuraria mais pelas superfícies escriturais do que pelas suas subterraneidades. Pois bem, mas o que importa é afirmar que uma leitura como esboço está implicada, por assim dizer, com um tipo de esboçamento de pensamento de um azul seboso que pervaga a educação, cruzando-a em múltiplas direções, de modo que a pretensão de atingir sua totalidade pareça não se configurar em uma condição para o sucesso de tal leitura. Ao mesmo tempo, temos a instauração de uma ode aos pedaços escriturais, junto aos quais as reescritas são tramadas, sempre estabelecendo, por assim dizer, uma leitura que nos faz levantar a cabeça²²³, cuja relutância sempre presente na forma de um adiamento, faça-a sempre para depois, tramando uma linha fina que parece trêmula – cuja insatisfação impede que seja riscada pelos movimentos de leitura que ora parecem trêmulos, ora satisfeitos – e, na maioria das vezes, mostra-se tão somente a experimentação diante da dureza que a certeza pode nos impor. Então, posso dizer escrita-esboço, a cada levantar de cabeça, diante de uma escritura. Posso, ainda, calar-me em esboço para esquivar-me de apresentar a dura cartilagem das justificativas. Basta apenas ler esboçadamente o fragmento, a porção, à parte, o bocado, a fatia, a fração, a lasca. E poder também ouvir o rumor de uma escritura esboçada.

222. BLANCHOT, 2011a, p. 213.

223. BARTHES, 2012.

Uma escrita D.

*eu menti, era a minha mão
[...]
sabe, às vezes, queremos tanto cristalizar na
palavra o instante, traduzir em lúcidos parâ-
metros centelhas e nojo, não queremos?*

**Hilda Hilst. *A Obscena Senhora D.*
(2018b, p. 35).**

Uma escrita D. afastada do ponto central equidistante de todos os pontos da circunferência ou da superfície de uma esfera, de algum objeto ou ser que, ora sim, ora não, faz-se derrelição em voz, corpo e ato de literaturar, arrasta pela derrelição as palavras em multidão. Trata-se de angariá-las aos montes como se fossem tropeços e incongruências espalhadas pelo chão de um vão de escada: Punhal. Velhice. Adaga. Morte. Lassa. Amor. Palha. Trapos. Fosso. Escuridão. Foices. Ocre. Volúpia. Farpa. Redes.

Paralelepípedo. Gargalhada. Poeira. Vinho. Bosta. Chão. Sonolência. Averso. Solstício. Infâmia. Fera. Fluxo. Boneca. Ferro. Senhora D. Rútilo. Kadosh. Umbigo. Unha. Esgoto. Cão. Olhos. Ilusão. Raimundo. Profano. Imundo. Tristura. Meretriz. Sinuca. Humano. Gozo. Professor de Matemática. Soberba. Vastidão. Tralhas. Livros, Hábitos. Imensidão. Buço. Poço. Queixume. Axilas. Tropas. Coturno. Rádio. Rosto. Grão. Perpendicular. Abóboda. Jovem. Vermelhidão. Formigas. Coxo. Oco. Vitrais. Miséria. Silêncio. Dedos. Corpo. Sonâmbulas. Solução. Dionísio. Solidão. Flor. Estrela. Coragem. Suor. Vão. Derrelição. Barras, Filetes, Cercaduras. Hillé. Punhal. Velhice. Adaga. Morte. Lassa. Amor. Palha. Trapos. Fosso. Escuridão. Foices. Ocre. Volúpia. Farpa. Redes. Paralelepípedo. Gargalhada. Poeira. Vinho. Bosta. Chão. Sonolência. Averso. Solstício. Infâmia. Fera. Fluxo. Boneca. Ferro. Senhora D. Rútilo. Kadosh. Umbigo. Unha. Esgoto. Cão. Olhos. Ilusão. Raimundo. Profano. Imundo. Tristura. Meretriz. Sinuca. Humano. Gozo. Professor de Matemática. Soberba. Vastidão. Tralhas. Livros, Hábitos. Imensidão. Buço. Poço. Queixume. Axilas. Tropas. Coturno. Rádio. Rosto. Grão. Perpendicular. Abóboda. Jovem. Vermelhidão. Formigas. Coxo. Oco. Vitrais. Miséria. Silêncio. Dedos. Corpo. Sonâmbulas. Solução. Dionísio. Solidão. Flor. Estrela. Coragem. Suor. Vão. Derrelição. Barras, Filetes, Cercaduras. Hillé, tomada nas fibras ou filamentos de matéria têxtil. Uma escrita dicionarística ou defuntada – o que dá no mesmo – porque, nas palavras não encontradas, no fundo das peças de vestuário, há abandono, desamparo – que restou sem fim pela última relação dos atos consigo mesmo e com a unidade. Hillé, abandono, desamparo quer dizer falta concreta ou abstrata de ninguém. Como

assim? Ninguém: eu, à procura do que iluminando os objetos os torna invisíveis e, por isso mesmo, coloco-me em um estado de quem está privado da visão ou guarda os paramentos, adornos da igreja junto aos quais os padres se paramentam. Logo, uma escritura D, tramada para a escrita acadêmica em educação é tão somente a palavra não encontrada, incestuosa como: língua, boca, umbigo e silêncio. Lança-se a catar palavras, tomá-las para si como se disso dependesse a extinção da forma, da infâmia e do alecrim. Dente. Lesmoso. Toco. Unha. Testamento. Gritos. Caixote. Sapo. Pena. Alho. Pau. Vertente. Efebo. Robusto. Repolho. Pé. Bastão. Anêmona. Poeira. Ortodoxa. Gente. Folhetos. Balões. Sultões e Bordel. Língua. Farpas. Passos. Vômitos. Labiosidades. Cadela. Bifes. Canalha. Sorvete. Tal abertura está, por assim dizer, condicionada a essa dança, a esse jogo que busca escapar a todo o custo dessa sombra produzida pelo dicionário. E esse jogo se faz em meio a uma leitura, cuja “sua singularidade, elucida o sentido singular do verbo ‘fazer’ na expressão: ‘ela faz com que a obra se torne obra’”²²⁴.

224. BLANCHOT, 2011a, p. 210.

Uma escrita aos pedaços

*Por que não me contento em ser apenas esse
que mastiga as tâmaras e sorri [...], por que
de repente as palavras são eu mesmo, pesa-
das, turvas*

Hilda Hilst. *Kadosh*. (2018a, p. 182-183).

Segredada, coesa, clama frívola em escritura os tormentos de alguns fragmentos, restos e lascas. Acomoda, aqui, como quem aterrissa em escrita toda a coisa esgarçada que estava esparramada alhures. Suspeito, ainda, que está recolha está diretamente relacionada a ensaiar uma resposta, mesmo que precária e mesmo que danada, as perguntas que insisto em acariciar.

Senhora D.

Escreva.

Escreva.

Escreva.

Procura compreender agora e não depois.

Pare de tentar nomear ilusões, afasta-te da vertigem, aproxime-te dela ainda. Não vêes que ensaiar pela escritura tudo o que não está escrito nos livros e, até o presente dos dias pode ser lido, é uma incongruência, que, decerto, poderá ser alcançada somente se estiver em posse de um tosco cadeado para abrir a cartilagem das palavras. Abrir as palavras para, quem sabe, dirimir a servidão que as toma em uma instrumentalidade sempre vã. Está me ouvindo, Senhora P. ?! Lembre-se: quando eu não estiver mais: evita o silêncio, a sombra, procura a escritura e a literatura, como se procurasse uma ocupação para os dias, e também para os meses que lhe restam.

Anseio a coisa esgarçada e assumo as palavras emboladas para arrastar a escritura: uma tríplice acrobata, mostrando-se, simultaneamente, *literaturaleituraescrita*. A rede de discurseiras circunstâncias, que me trouxeram até aqui, é um tanto confusa. A despeito de toda essa confusão, sinto-me, agora, neste exato momento, forçada a viver tão rápida e furiosamente que mal haverá tempo para dizer: “não, eu não consigo!”. Sou tomada agora por um tipo de urgência transmutada de uma vontade para fazer-se a benquerença da vontade de todos, a voracidade de alguns, e o desespero exacerbado de outros, ou seja, clamo por um povo por vir²²⁵, junto ao qual possa-se ungir com o melado de algazarra a boca, a carne, o ventre e o umbigo que um dia abrigou sua veia (aquela mesma que jorrava volúpia e invenção). Se tanto a escrita quanto a leitura não medrarem a esplêndida beleza,

225. PELLEJERO, 2021.

tampouco negarão sua eloquência. Fêmea. Ariana. Há coisas que não compreendo e, vez por outra, tenho tanta vergonha: uma vergonha humana da humanidade. Mas ela também é insignificante – porque estamos sozinhos e não estamos vivos já faz um bom tempo. Logo,

*te deita, te abre, finge que não quer mais
quer, me dá a tua mão, te toca, vê? Está toda
molhada, então Hillé, abre, me abraça, me
agrada.*

**Hilda Hilst. *A Obscena Senhora D.*
(2018b, p. 18).**

Alimaisadiante,

A escritura uma desobediência, juntar-se-á a algumas infidelidades expostas para formar uma escrita aos *pedaços*, que se faz *seguida por outra, seguida por outra, seguida por outra*; como se estivesse em um ensaio militar de sete de setembro; haja vista que, em nome da ordem e do progresso, murcham, dão continência e juram amor à pátria. Fardadas de verde e lambuzadas de amarelo, assumem representar, a um só tempo, a pátria, a família e quem mais quiser a bênção da retidão.



Imagem 24 — escrita cabelo de mágoa

Janae Cristina Mayra

sar (no sentido de ler e escrever) não só com os dedos. Porque é o corpo todo que escreve e com ele monta-se barricadas diante de cada palavra, frase e período despejados em folhas A4, e que, ora sim, ora não se mostram mais apropriados para que uma escrita forje a leitura.

VI

*Três luas, Dionísio, não te vejo.
Três luas percorro a Casa, a minha,
E entre o pátio e a figueira
Converso e passeio com meus cães*

*E fingindo altivez digo à minha estrela
Essa que é inteira prata, dez mil sóis
Sírius pressaga*

*Que Ariana pode estar sozinha.
Sem Dionísio, sem riqueza ou fama
Porque há dentro dela um sol maior:
Amor que se alimenta de uma chama
Movediça e lunada mais luzente e alta
Quando, tu Dionísio, não estás.*

Hilda Hilst. *Ode Descontínua e remota de flauta para oboé. De Ariana para Dionísio.* (2017, p. 259).

Abundância. Prodigalidade. Davivosidade. Outros, contudo, preferem a costumaz verborragia. Há, ainda, a nauseabunda insistência impulsiva de narrar o que foi e, por razões óbvias, não voltará: por exemplo, a leitura de uma carta, é inseparável da sua escrita (refiro-me não apenas à resposta que ela sempre vai tentar impor, mas falo de como essa leitura irrespeitosa e apaixonada defendida

barthesianamente comporta-se). Suspeito que tudo esteja relacionado, de modo tal que, mesmo os fragmentos, os pedaços, as lascas; recusam-se a não estabelecer vínculos aéreos entre a coisa esgarçada e *a outra coisa, a outra coisa e a outra coisa*. Trata-se do simples hábito de trançar uma causalidade, por vezes, *tão, tão, tão* imprópria que posso farejar as moscas dentro delas. Pois bem, voltando para ela – a carta – pressinto que, por tratar-se de um projétil com destino certo, ela é atravessada pela simultaneidade de uma leitura irrespeitosa e apaixonada²²⁶, que parece impelir aquele que lê a também escrever, levantando a cabeça. Não em razão das sementes de linhaça espalhadas pelo chão, porém, porque há *muito, muito, muito* mais do que um desconforto ao adentrar nesse espaço fechado de um vão. Mostre-me, Senhora D., os dedos umedecidos pela saliva grossa e visguenta escorrendo pelas pernas e insistindo em ungir a *bocae-ochãodovão*.

M.P.

Primavera de 2022.

Em um vão de escada.

Casa do Sul, 14 de dezembro de 2021.

226. BARTHES, 2012.

Porco-Menino

Uma alegria salpicada de tristura é o que move essa escritura: a última que farei para ti. Lembrando sempre que escrever é também e, sobretudo, um ato de literaturar constituído não apenas por coragem, lamúrias e sementes de linhaça, em doses tão insignificantes, que a gosma, o gozo e a grama formam escrituras Três Gs. Trata-se, nesse sentido, de um pacto implicado em nos abirmos frente e verso ao que habita cada um de nós sob o nome de Literatura. Refiro-me à vida e à morte amalgamadas à condição de uma vida-morte que é a própria literatura. Embora, nessa relação, coisa outra não posso, que não esteja implicada com a escrita e com a leitura. Há de reiterar, no entanto, que foram suas palavras que se fizeram mais do que um instrumento para nos comunicarmos, pois que, disparadora de ardores, queixumes e risos, transmutou-se em uma escritura que literatura. Sim, a vida é cheia de incongruências, meu Caro, Porco-Menino.

Decido escrever para, *deumavezportodas*, colocar um ponto final em uma história atravessada por risos, sabonetes, bricolagem, bolsas estouradas, viagens, vinho, sol nas costas, personagens de desenho animado – a lista é grande como pode perceber – perfumes, roupões, conversas madrugadas adentro e muita alegria; logo, como pode perceber, trata-se de mais uma despedida (já que fracassamos lindamente nas tentativas anteriores). Para impor-me, pelo ato arrasto uma lasca do poema “Ode

descontínua e remota para flauta e oboé. De ariana para Dionísio”²²⁷, escrito pela Hilda Hilst e que há tempos atrás li para ti, lembra?!

É bom que seja assim,
Dionísio, que não venhas
Voz e vento apenas
Das coisas do lá de fora²²⁸.

Um beijo *doceamargo*,
Senhora D.

P. S.

Agora não mais habito um vão de escada. No instante em que me ausento de uma habitual “*escondidão*”, e de uma invisibilidade que anseia a sacralidade quase religiosa, alerto-me, pela escritura *post scriptum*: *outra coisa não posso*. Não me escondo mais em dobras do outro, nos buracos, nas celas, ou nas superfícies a serem tramadas para o porvir. Caso lhe pareça demasiado enigmático tudo isso que escrevo com veemência e uma deliciosa deixação de mim, assumo que a clareza não é o meu forte Trata-se de um cansaço sem adjetivos, já que não tem mais a solidez *tão, tão, tão, tão* desejada para com-

227. HILST, 2017, p. 255-262.

228. HILST, 2017, p. 256.

por certezas que se sabem abstratas. Procura um outro e dele tome as vísceras, com elas escreva com tom de bílis²²⁹, escolho esses pedaços, esses restos, essas lascas de escrituras para oferecê-las em despedida de ti, querido poeta, pelas “coisas boas que disse sobre mim”²³⁰. Se a verdadeira vida é a literatura. Se a arte é a mais austera escola da vida, como tão bem enfatizou o professor. Então, não cabe mais esperar, quero dizer, não cabe qualquer esforço para tentar apenas compreender aquilo que se passa entre a literatura, a escrita e a leitura; porque assim terás condição para ensaiar a vida para além do *cinzaescuroestriado*, tentando simplesmente não apenas compreender.

Uma Senhora P.

Caxias do Sul, inverno de 2023.

229. HILST, 2018b.

230. RODRIGUES, 2017, p.120-121.

F.I.M.

Da Obscenidade

Uma branca aranha do barco flutuou com o rio dentro do barco, esperneou brevemente e afogou-se. Sua branca bolsa de ovos se rompeu prematuramente, e uma centena de bebês-aranha (leves demais para afundar, pequenos demais para nadar) pintou a superfície lisa da água verde, antes de ser arrastada para o mar.

Arundati Roy.
O Deus das pequenas coisas. (1998, p. 209).

Desce azuis escadas nas minhas entranhas. Um colapso se forja entre o nojo e a gosma. Foi-se o tremor nos dedos. Diante da obscenidade das circunstâncias que me trouxeram até esse vão de escada, assumo escriturar tão rápida e furiosamente, que mal haverá tempo para essa despedida. Uma despedida que, ao modo de conclusão, anseia ser feita aos pedaços e aos restos; já que outra coisa não pode uma escrita pelo o ato de literaturar.

Trata-se, assim, de compor uma escritura que possa, quiçá, não atender aos anseios de finalização, fechamento ou síntese, mas que, ainda assim, deixa fios alhures para que a escrita acadêmica – atravessada pelo ato de literaturar – possa continuar. Diante desses arredores, *a tese Literaturar uma escrita pelo ato perguntou: o que se passa quando, pela escritura, literatura-se a escrita acadêmica em educação*. A resposta direta a essa questão de pesquisa é: uma escrita pelo ato de literaturar e ponto.

No entanto, enquanto vem e vai a grande fera da seriedade, cujas demandas de utilidade e as rubricas de importância rugem, só faço duvidar dessa resposta. Logo, mantenho-me parada, ereta como um obelisco, esperando – pacientemente, como cabe a uma velha obediente – que algo irrompesse da carne que treme diante do tudo e do nada para comprovar, sem contaminação de dúvida, a validade de uma escrita pelo ato de literaturar como resposta a uma pesquisa doutoral.

Uma escrita pelo ato recusa o ponto, como recusaria, sobremaneira, formular palavras isentas de vida e exatas em prescrição – em razão do ponto estar enxertado de finalizações estanques, ou seja, o ponto parece querer estancar aquilo que se passa entre a escritura e a escrita acadêmica. Logo, tratar-se-ia mais de aliançar-se com a vírgula; sem, contudo, abrir mão das reticências, para interromper os resvalos na servidão e no utilitarismo, que *vezapósvez*, tomam a minha mão, boca e umbigo sem pedir permissão.

Vê-se, com isso, que a resposta ao problema de pesquisa *uma escrita pelo ato*, embora adequada aos propósitos de resultados de uma pesquisa doutoral, parece carecer de um fino trato, dado que anunciada, sem maiores de-

vaneios, ficaria um tanto impedida de considerar que a escrita pelo ato de literaturar arrasta consigo também as labiosidades machucadas de palavras interrompidas; os estupores de uma produtividade neoliberal que assomam a escrita na universidade; os anseios pelas aberturas e esfregões encadeados para arrancar de mim a letra; o risco e os finais de tarde; a fim de amalgamarem a essa resposta algumas doses de incongruências, alguns vestígios de nuvens pardas, nesgas de intempéries aguçadas e leves e ainda os sorrisos ensaiados para o fim.

À revelia de uma escrita acadêmica que insiste em fazer-se dura e verdadeira, obediente e tarefaira; acendo velas e coloco as máscaras de papelão. Com elas grudadas a cara, às normas e seus aprisionamentos em estruturas de preclaros, parecem querer esconder-se atrás de palavras de agonia, datas remotas, números inteiros e também em bacias de água quente. Ora, há tantas coisas que não compreendo e, *vezououtra*, sou possuída por *tanta, tanta, tanta* vergonha... engolindo inteiriças palavras.

Não por acaso, ensaiar, em nome da escritura, o ato de literaturar, só pôde ser tramado por partes, quero dizer, aos pedaços; ou, ainda, pelos simples restos, que misturam uma escrita sólida com uma leitura frágil – o que, por vezes – pode apresentar-se de modo inverso. *Pouco importa*; afinal, trata-se tão somente de

Estendemos as teias e desejamos que o outro faça parte delas, não para devorá-lo, mas que sinta a perplexidade e faça a pergunta.

Cristiano Diniz. *Fico besta quando me entendem.* (2013, p. 28).

Ademais, por se tratar de uma escrita que também se inflama do doce e do aguado, que confronta a linguagem comum e a linguagem literária, que arrasta a educação para um vão de escada, tal escrita se faz derradeira para que a leitura e a escrita – com adjetivância acadêmica em educação – seja também atravessada por uma certa artesanaria de escritura, cujos arremedos de palavras e a composição de frases, dão a ver que uma escritora também precipita-se pelo ato de literaturar – porque consegue ao ler e escrever, pensar e romper as estrutura de pedra e preclaros.

Suspeito, ainda, que o brado: *estou viva, estou viva*; constituiu-se em uma contribuição direta, por assim dizer, da escritora que irrompe dentre a carne de pétala fendida da professora-pesquisadora e uma escrita pelo ato, que só faz reiterar a possibilidade de ainda ler e escrever em educação, de modo que cabe inclusive dispensar qualquer vínculo aéreo de furo de nuvem propagadora de transcendências e esperanças, ou seja, nada de ideias, planos e seus afins de promessa; apenas a cumplicidade de pálpebras remotas, que disparam um tipo de voracidade, desespero e ilusão quando se colocam diante desta tríplice acrobata que atravessa o vão: a leitura, a escrita e a literatura, a fim de respirar os ocres e as ferrugens das anatomias intrincadas da linguagem comum e da linguagem literária, para interrogá-las mais de perto, pois que em verdade

pelo ato de literaturar,
a escrita acadêmica
pode, pode, pode continuar, continuar, continuar;
ar;

Autoria própria (2023).

Agora, não importa mais, pois me benefico de um hiato nas escrituras ensaiadas pelo ato de literaturar. Essas escrituras forjadas em uma boa veia atacaram, frente e verso, as lamúrias, os queixumes e as sementes de linhaça abrigadas em meu umbigo e, num átimo inflamado de volúpia e ilusão, trouxeram para perto de mim os dez exercícios ensaiados pelo ato de literaturar.

Colei-os na parede do vão, como quem expõe as próprias vísceras e também os ocos. Trato, desse modo, de montar um mosaico de leituras e escritas intumescidas e, que, ao serem expostas, expressaram a fruição literária e filosófica do ato de literaturar.

Ter escriturado. E não poder esquecer.

Ter escriturado. E não mais lembrar.

Ter escriturado. E não se perder em vão.

Ter escriturado e não poder mais esquecer, não poder mais lembrar e, ainda assim, perder-se em vão. Se não fosse tomada pela obscenidade da Senhora D., quem ousaria ser? Alguém. Ninguém. Nada. Entretanto, ensaiar, implica-se com a feitura não só de uma composição conceitual que arrasta multiplicidades de escrituras, mas também com uma alegria lisa e lavada diante de exercícios²³¹ de leitura e escrita. Trata-se de afirmar pelo ato de literaturar uma certa rutilância diante de uma recolha de pedaços, sobras, restos de escrituras espalhadas em um vão de escada.

Talvez, por simplesmente intuir que viver é ainda inventar, assumo forjar uma escrita pelo ato de literaturar da mesma

231. QUENEAU, 2000.

maneira como forja-se um metal aquecido pelas altas temperaturas de um ato de literaturar; isso com vistas a torná-la maleável, tanto para ser ensaiada, como para ser matéria dos procedimentos e dos arranjos da crispação e do espanto.

A escrita acadêmica, atravessada pelo ato de literaturar, abre-se para ser ensaiada pela escritura, disseminada por modalidades de arranjos²³², junto ao quais não há como, simplesmente, dar de ombros, dar de costas, dar de frente, *dar, dar, dar* uma explicação ou qualquer explicação. Trata-se de asfixiar as normas, urdir uma afronta, ou seja, uma provocação para além das lamurias, dos queixumes e da típica verborragia costumaz e simplesmente *literaturar, literaturar, literaturar... desce azuis escadas nas minhas entranhas. Um colapso se forja entre o nojo e a gosma. Foi-se o tremor nos dedos.*

Para finalizar um convite da tese *Literaturar: uma escrita pelo ato*.

O quadro 1 apresenta palavras que foram extraídas das escrituras literárias de Hilda Hilst em obras diversas. Além das extrações, há espaços em branco, para que você, leitor e leitora, possam abrigar extrações de palavras da obra de outros autores de literatura. Essas extrações visam ensaiar um exercício de *uma escrita epígrafe* para um artigo que está em fase de preparação. Na forjadura dessa epígrafe, deve-se considerar:

- a) o uso de palavras que não estejam na tabela;
- b) a força dessa epígrafe para a abertura de sua escrita acadêmica;
- c) a reescrita como condição para o ato de literaturar.

232. BLANCHOT, 2010.

Quadro 1 – Palavras extraídas das escrituras de Hilda Hist

incrível	sol	morrendo
noite	dor	daqui a pouco
luz	palidez	
estranho	cães	sabem
vivo		aguar
cadela	pobreza	centro
fresta		livros
lixo	tralha	lisa
escada		sedutora
sôfrego	deita	boca
beijo	assar	pardacento
lamúria		

Fonte: elaborada pela autora (2024).

em uma escada de incrível sol.

Ela está morrendo.

O beijo assa os livros em sua boca.

E a fresta da pobreza, simula

a noite daqui a pouco.

Em uma escada de incrível sol.

Ela está morrendo.

O beijo assa os livros em sua boca.

E a fresta da pobreza, simula a noite daqui a pouco.

Autora (2023).

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **As coisas**. 6^a. ed. São Paulo: Iluminuras, 1998. 93 p.

ABREU, Caio Fernando. **Fragmentos**: 8 histórias e um conto inédito. Porto Alegre: L&PM, 2000. 147 p.

AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Claudia Regina Rodrigues de; ZORDAN, Paola. **Sandramaracorazza**: obras, vidas etc. Porto Alegre: UFRGS Rede Escreleituras, 2022. 1092 p.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças**. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta, 2010. 32 p.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 215 p.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. 2^a. ed. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 225 p. (Coleção Roland Barthes).

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. 3^a. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012. 462 p. (Coleção Roland Barthes).

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro. Tradução e pós-fácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013a. 107 p.

BARTHES, Roland. Escritores e escreventes. *In*: BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. 3. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013b. p. 31-39. (Coleção ; 24 dirigida por J. Guinsburg).

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 106 p. (Coleção 50 anos).

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 3**: a ausência do livro, o neutro o fragmentário. Tradução de João Moura J. São Paulo: Escuta, 2010. 215 p.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a. 303 p.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b. 351 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **Vida de professora**. Ijuí: Unijuí, 2005. 144 p.

CORAZZA, Sandra Mara. Notas. *In*: HEUSER, Ester Maria Dreher (org.). **Caderno de Notas 1**: projetos, notas & ressonâncias. Cuiabá: Edfunt, 2011. 136 p.

CORAZZA, Sandra Mara. **A-traduzir o arquivo da docência em aula**: sonho didático e poesia curricular. Conferência ministrada no campus-sede da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2019.

CORAZZA, Sandra Mara. Obsolescência e o vírus da do-

cência. *In*: MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Cristiano Bedin da; LULKIN, Sergio Andrés (org.). **Por que esperamos**: [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]. Porto Alegre: UFRGS, 2020a. p. 22-30.

CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Métodos de transcrição**: pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: OIKOS, 2020b. 594 p.

COSTA, Luciano Bedin da. **AINDA ESCREVER**: 58 combates para uma política do texto. São Paulo: Lumme Editor, 2017. 74 p. (MóBILE – C).

DINIZ, Cristiano (org.). **Fico besta quando me entendo**: entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013. 237 p.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. *In*: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 11-16.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Cintia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 157 p.

ENTREVISTAS da Paris Review. Tradução de Christian Schwartz, Sergio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 464 p. 1 v.

ENTREVISTAS da Paris Review. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 451 p. 2 v.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 144-162. (Ditos e escritos; V).

GALLO, Silvio. Filosofias da diferença e educação: revezamento entre teoria e prática. *In*: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Org.). **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. Ufjf, 2010. p. 49-63. (Caminhos da pesquisa educacional, 9).

GARCIA, Wladimir. Escrileituras: o multifacetado da multiplicidade na formação pedagógica e no pensamento. *In*: AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Claudia Regina Rodrigues de; ZORDAN, Paola. **Sandramaracorza: obras, vidas etc**. Porto Alegre: UFRGS Rede Escrileituras, 2022. p. 770-778.

GROSSMAN, David. **Fora do tempo**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 171 p.

GUERRA, Pedro. **Fala de amor para mim**. Caxias do Sul: Pwx Studio, 2022. 190 p.

HEUSER, Ester Maria Dreher (org.). **Caderno de Notas 1: projetos, notas & ressonâncias**. Cuiabá: Edfumt, 2011. 136 p.

HILST, Hilda. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 581 p.

HILST, Hilda. **Da prosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a. 430 p. Volume I.

HILST, Hilda. **Da prosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b. 452 p. Volume II.

HILST, Hilda. As aves da noite. *In*: HILST, Hilda. **Teatro completo volume I: As aves da noite seguido de O visitante**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2018c. p. 31-102.

HILST, Hilda. **132 Crônicas: cascos & caricias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018d. 332 p. (Clássicos de ouro).

KAFKA, Franz. **O Castelo**. Tradução de Deborah Stafussi. Barueri: Novo Século Editora, 2017. 335 p.

LARROSA, Jorge. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 28, n. 2, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 19 set. 2023.

MARUJU, Viviane Cristina; MATOS, Sônia Regina da Luz; STECANELA, Nilda. **A tríade identidade diferença e gênero**. *In*: XVII Encontro Jovens Pesquisadores da UCS, 2009, Caxias do Sul. XVII Encontro de Jovens Pesquisadores da UCS, 2009.

MARUJU, Viviane Cristina P. S.; SCHULER, Betina. A formação docente, a escrita de si e a produção de modos de subjetivação. *In*: MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina (org.). **Diálogos com a Educação: política, escola e escrita**. Caxias do Sul: Educs, 2014. p. 47-77. (Diálogos com a educação, 3).

MARUJU, Viviane Cristina Pereira dos Santos. **Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema**. Orientadora: Profa. Dra. Sônia Regina da Luz Matos e coorientação da Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS, 2018.

MARUJU, Viviane Cristina; MATOS, Sônia Regina da Luz; RAMOS, Flávia Brocchetto. Práticas de escritura no Ensino Médio: por uma política do texto. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – SUL*, 12., 2018, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018. p. 01-06. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/2/1767-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024.

MARUJU, Viviane Cristina; MATOS, Sônia Regina da Luz; RAMOS, Flávia Brocchetto. O combate de uma vida-de-professora-pesquisadora à redacionalização da escrita no Ensino Médio. **Raído**, [S.L.], v. 14, n. 34, p. 244-258, 16 jul. 2020. Universidade Federal de Grande Dourados. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/10433>. Acesso: 05 fev. 2024.

MARUJU, Viviane Cristina; MATOS, Sônia Regina da Luz. RASTROS DO LITERATURAR. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – SUL*, 14., 2022, Cascavel. **Anais [...]**. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2022. p. 01-06. Disponível em: <http://anais.anped.org>.

br/regionais/sites/default/files/trabalhos/43/10542-
TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 05 fev.
2024.

MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER. Betina;
CORAZZA, Sandra Mara. Formação do professor-
pesquisador: aprendizado que afirma a vida. **Revista da
Faaeba: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.
24, n. 43, p. 225-236, jan/jun.2015. Semestral. Disponível
em: [https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/issue/
view/pdf](https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/issue/view/pdf). Acesso: 05 fev. 2024.

Ó, Jorge Ramos do. **Fazer à mão**: por uma escrita inventi-
va na universidade. Lisboa: Editora do Saguão, 2019. 560
p. (Coleção Sagaz).

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. Posfácio Plagiotropias. *In*:
HEUSER, Ester Maria Deher. **Caderno de notas 1**: proje-
tos, notas e ressonâncias. Cuiabá: Edufmt, 2011. p. 129-
131.

PELLEJERO, Eduardo. Por que alguém se fecha num
quarto para escrever? A literatura como questão essencial
no trabalho crítico de Maurice Blanchot. **MOARA –
Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em
Letras**, [S.I.], n.41, p. 47-58, dez. 2014. Disponível em:
[https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/
view/1983](https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1983). Acesso em: 26 fev. 2024.

PELLEJERO, Eduardo. Literatura e fabulação: Deleuze
e a política da expressão. **Polymatheia - Revista de Fi-
losofia**, [S. l.], v. 4, n. 5, 2021. Disponível em: [https://
revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/](https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/)

view/6522. Acesso em: 5 out. 2023.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica e escritura**. São Paulo: Ática, 1978. 211 p.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Roland Barthes: o saber com sabor**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 110 p. (Encanto Radical).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Sartre, Barthes e Blanchot: a literatura em declínio?. *In*: QUEIROZ, André; MORAES, Fabiana de; CRUZ, Nina Velasco e. **Barthes/Blanchot: um encontro possível**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 15-28.

QUE será Faced?. Roteiro: Fabiano Neu. Música: John Cage; Richard Pinhas; John Zorn; Deaf Center; Christopher Krupey. 2020. (20 min.), Digital, color. Imagens: Arquivo Rede Escreleituras; Fotos da Faced: Máximo Lamela Adó. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_CCM12F2csY&t=129s. Acesso em: 16 ago. 2023.

QUENEAU, Raymond. **Exercícios de estilo**. Tradução de Constança Bobone *et al.* Lisboa: Edições Colibri, 2000. 131 p.

RAMOS, Flávia Brocchetto *et al.* Cotidiano na voz do estudante-autor da região norte: estudo sobre crônica: **Textura: Revista de Educação e Letras**, Canoas, v.22, n. 49, p. 99-119, jan / mar, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5272>. Acesso em: 26 fev. 2024.

RODRIGUES, Sergio (org.). **Cartas Brasileiras**: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 225 p.

ROY, Arundhati. **O Deus das pequenas coisas**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 342 p.

SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra**: notas sobre linguagem e diferença. Tradução de Giane Lessa. Rio de Janeiro: Wak, 2012. 188 p.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**. Tradução de Giane Lessa. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2014. 238 p.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 189 p.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019. 262 p.

WOOLF, Virginia. **Objetos Sólidos**. In: WOOLF, Virginia. **A arte da brevidade**: contos. Tradução e Seleção de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 32-51. (Mimo).

WOOLF, Virginia. **A leitora incomum**. Tradução de Emanuela Siqueira. Curitiba: Artes & Letra, 2020. 136 p.

PROJETO GRÁFICO

Ana Paula Vieceli

anavieceli@hotmail.com | (51) 989398620

